

Dia Internacional da Mulher Um oitavo da humanidade parou

Quase um oitavo da humanidade deixou hoje de trabalhar quando 500 milhões de mulheres da República Popular da China iniciaram as comemorações do Dia Internacional da Mulher. ARPC conta actualmente com 4,7 milhões de habitantes do sexo feminino.

Este é apenas um episódio das comemorações que hoje se registam em quase todo mundo, Portugal incluído, como relatamos nesta edição.

Pág. 6

Indemnizações

Governo publica diploma à revelia do CR

O CR vai analisar na próxima semana o diploma das indemnizações a estrangeiros. Alegação: o Executivo, ao contrário do que preceitua a Constituição para estes casos, não deu conhecimento ao CR do texto entretanto enviado ao PR para promulgação. O diploma foi promulgado, e publicado na folha oficial. Nos seus termos, os cidadãos estrangeiros em situação de expropriados serão indemnizados em títulos de Tesouro, poderão trocar por moeda esses títulos, e, mais, podem exportar a moeda para o estrangeiro. Segundo fonte governamental (não nomeada pela Anop), terá sido por «lapso» que o Governo não deu conhecimento do diploma ao CR, como deveria ter dado, segundo a Constituição.

Pág. 5

Os Verdes Anos da República As duas faces da mesma moeda

Pág. 3

“Pronunciamento militar”: como vai agir o Governo?

Eanes solicitou inquérito

Ramalho Eanes pediu formalmente ao Primeiro-Ministro que promova, através da Polícia Judiciária, um inquérito para «apuração dos factos relativos ao que foi chamado de pronunciamento militar, de modo a que seja possível o completo esclarecimento do País e a responsabilização judicial dos eventuais responsáveis». Resta

agora saber como irá o Governo responder a tal iniciativa, pedida ontem pelo Presidente da República durante o encontro habitual de sexta-feira com Sá Carneiro.

A intenção, agora formalizada por Ramalho Eanes, encontrava-se expresso no comunicado da Presidência da República da passada quarta-feira, no qual

eram desmentidos os boatos postos a circular sobre um alegado «pronunciamento militar». O Conselho de Ministros, por seu lado, faria divulgar também nesse dia um comunicado em que pedia esclarecimentos ao PR sobre as notícias de «pronunciamento militar» publicadas na terça-feira, e o Primeiro-Ministro não deixaria de aludir a

esse facto, no debate da interpegação na AR, quando afirmou que a queda do Governo por vias extra-parlamentares seria uma violação dos princípios da democracia representativa. Tudo começou com uma «preparação cuidada» da manchete de um semanário afecto ao Governo, que falava de «clima pré-insurreccional». Opiniões individuais de

conselheiros da Revolução sobre a política do Executivo aumentaram o tom dos jornais favoráveis ao Governo.

O último dado em toda esta complexa questão foi lançado entretanto com a divulgação do documento que Garcia dos Santos apresentara no CR sobre o papel primordial da condução da política externa.

Pág. 5

Se as negociações não resultarem

Comboios param mais três dias

Pág. 10

Depois da Lei

da Reforma Agrária

Banca nacionalizada em El Salvador

A Junta de El Salvador decretou a nacionalização da banca, um dia depois de ter desencadeado a aplicação da Reforma Agrária, e ter instaurado o estado de sítio no país. Segundo a lei da nacionalização da banca, a iniciativa privada só poderá deter 49% da propriedade deste sector, cabendo ao Estado 51%. Dois bancos estrangeiros foram afectados por esta medida. Hoje todos os estabelecimentos bancários estão cercados por forte aparato militar que guarda as instalações. Segundo os governantes de El Salvador, a nacionalização da banca destina-se a garantir os fundos necessários para a aplicação da Reforma Agrária. Supõe-se que esta é uma tentativa (talvez derradeira) de pôr termo à agitação social no país, procurando ir à raiz dos problemas. Na verdade, a questão agrária é fulcral neste pequeno país da América Central. Pergunta-se: irão estas medidas solucionar os problemas ou apressar o golpe de extrema-direita tão falado ultimamente? (Telefoto UPI/ANOP/DL)



Pág. 13

Novamente Philip Agee

Funcionários superiores da CIA actuam em Portugal

Mais de trinta alegados agentes da CIA, colocados em países que vão desde Portugal à Guiné-Bissau, passando por Moscovo e Pequim, foram recentemente denunciados por uma publicação norte-americana que no seu corpo redactorial conta com a presença do ex-agente secreto Philip Agee.

A publicação, distribuída em Washington sob o título «Covert Action Information Bulletin», revela e as biografias de dezasseis agentes da CIA e de outros vinte e três funcionários superiores daquela organização.

Philip Agee, afirma, no «Covert Bulletin», que vai continuar a desmascarar agentes da

CIA, apesar das tentativas da Administração Carter e de certos meios do Congresso para conseguir que estas revelações sejam judicialmente penalizadas.

De acordo com aquela publicação, existem chefes de rede nas capitais da China, União Soviética, Jugoslávia, Bélgica, Camarões, Chade, Chile, Dinamarca, Egipto, Guiné, Indonésia, Líbano, Nova Zelândia, Paraguai, Togo, Emiratos Árabes Unidos e Reino Unido. Funcionários superiores actuam, por sua vez, em Portugal, Barem, Chile, Dinamarca, Etiópia, Gana, Índia, Indonésia, Jordânia, Senegal, Turquia, Suíça e Grã-Bretanha.



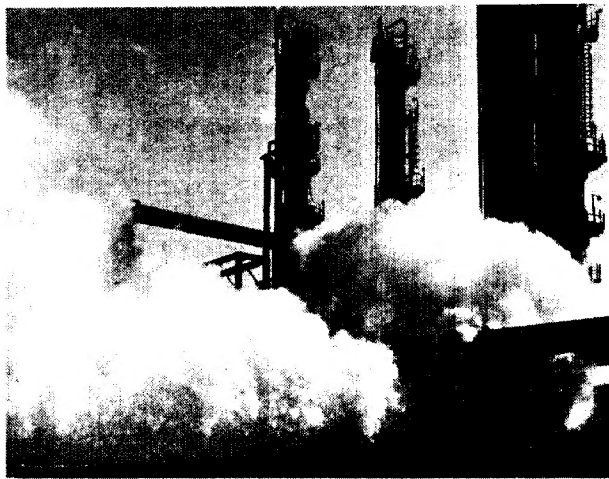
Festival RTP

Não ganhou a melhor

É uma constante a que os festivais nos vão habituando: raramente ganha a melhor canção. À qualidade sobrepõem-se normalmente os valores «festiveiros», o interesse comercial. Com uma ou outra «nuance» o fenómeno nem sequer é exclusivamente português. Foi isto que sucedeu ontem durante o lamentável espectáculo escolhido pela RTP para a estreia da cor. Cid triunfara mesmo antes de se exhibir, como deixava indicar toda a campanha que de há dias vinha sendo conduzida em torno da sua «cantiga». «Esta página em Branco», interpretada pelo «Quarteto Música em Si», sem dúvida a melhor composição e o melhor poema, ficou lá muito para trás. O que não constituiu surpresa...

Pág. 24

ponto a ponto



O dr. José Almeida Fernandes, membro do Gabinete do secretário de Estado do Ordenamento e Ambiente e da Comissão Nacional do Ambiente, foi eleito por unanimidade presidente do Comité Director para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais, do Conselho da Europa.

Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, Santiago Carrillo secretário-geral do PCE, e Enrico Berlinguer, secretário-geral do PCI, são alguns dos subscritores de um apelo à reunificação pacífica, democrática e independente da Coreia. A iniciativa deste apelo partiu do Comité para a Reunificação da Coreia, de Pyongyang, e saldou-se por um notável êxito: mais de mil milhões de assinaturas recolhidas na Europa, África, Ásia e Américas. A grande maioria de dirigentes de partidos progressistas subscreeu este apelo, que conta também com o apoio de diversos chefes de Estado e de Governo. Cidadãos anónimos e muitas organizações progressistas subscreevem também o documento.



O Primeiro-Ministro, Sá Carneiro, enviou um telegrama a Robert Mugabe, no qual depois de o felicitar pela sua indigitação e vitória nas eleições legislativas, as quais diz terem constituído, «pela elevada forma como decorreram — vitória significativa dos valores democráticos no contexto africano e internacional», assegura ao líder «a firme intenção do Governo português em manter com o futuro Estado do Zimbábue — onde permanece uma laboriosa comunidade portuguesa que desejará continuar a contribuir com o seu esforço para o progresso do país os melhores laços de amizade e cooperação».



O chefe do Executivo madeirense, Alberto João Jardim regressou de Berlim, onde teve um encontro com o secretário de Estado do Turismo, presente na Bolsa Internacional de Turismo (ITB) — o maior certame mundial neste domínio. A Alemanha Federal é o segundo fornecedor de turistas à Madeira. Jardim teve contactos com autoridades berlinenses a quem ofereceu livros sobre o arquipélago.

Otelo à "Folha de S. Paulo": Golpe não passa de farsa

Rio de Janeiro, — Numa extensa entrevista que publica hoje o diário «Folha de São Paulo», o major Otelo Saraiva de Carvalho acusa o Primeiro-Ministro Sá Carneiro de «tentar a desestabilização das Forças Armadas Portuguesas, isolando o Presidente Ramalho Eanes, para dificultar a sua reeleição e garantir desta maneira, a contra-revolução de direita».

O major, cujas declarações foram recolhidas telefonicamente pelo correspondente da «Folha de São Paulo» em Madrid, afirma ainda que a denúncia de um golpe militar de esquerda em preparação «não passa de uma farsa ridícula, montada pela direita, a fim de ocultar o seu

clamoroso fracasso na administração governamental».

«Trata-se de uma guerrilha política», acrescenta o major Otelo. Segundo ele o Governo «continuará, com os seus expedientes de provocação até chegar o momento, na véspera das eleições de 14 de Outubro, em que, pretextando não ter condições para governar, apresente a

sua demissão». O major Otelo julga que se isso acontecer, o Presidente da República estará diante de graves dificuldades constitucionais, gerando-se assim uma crise pela qual as forças de direita o culparão para depois conseguir derrotá-lo nas eleições presidenciais.

O major Otelo Saraiva de Carvalho julga que a única resposta possível à investida da direita é a da paciência. E acrescenta: «a ala progressista das Forças Armadas e o Presidente da República actuam com essa paciência. Embora não possam deixar, como não estão deixando, as provocações sem resposta, cabe-lhes manter a todo o custo o processo democrático normal e esperar que a consciência das massas dê a resposta definitiva nas urnas».

Otelo considera que a credibilidade do governo está-se desgastando junto da opinião ao tentar esse «recuperar para as classes exploradoras das posições

perdidas após a Revolução de 25 de Abril». «Então só nos cabe manter a cabeça fria e confiar na resposta democrática do eleito-rado», diz ainda o major Otelo.

O antigo chefe do COPCON confirma nesta entrevista a sua candidatura à Presidência da República nas próximas eleições e explica que defenderá um projecto de «democracia directa», pois acha que a social-democracia «demonstrou sua falência em toda a Europa». «Creio sinceramente na sabedoria e na capacidade criadora das massas quando elas assumem plenamente o seu destino e com ele, o poder de decisão nacional», afirmou ainda Otelo.

«Guerra no espaço» do PDC

«Falcões» e «Pombas» em luta

O PDC, ao que parece, tem «falcões» e «pombas». Não se entendem e, com foros de seriedade, parece que poderá estalar uma crise no seio do partido, no decorrer da reunião do Conselho Nacional do Partido da Demo-

cracia Cristã, que hoje se realiza em Lisboa.

Assim, as «pombas» defendem a linha do partido tal como está, liderada pelo actual secretário-geral, Santos Ferreira. Os «falcões», esses querem radicalizar (é possível!)

ainda mais a linha do partido. Os «falcões» consideram que o resultado que obtiveram nas recentes eleições, 1,21 por cento e as repetidas crises internas, transformam um partido num «nada político».

Para já, os corpos directivos «vão ao ar» este fim-de-semana, devendo ser nomeada uma comissão directiva de gestão até ao Congresso, que deverá realizar-se aqui a um mês. Esta é uma «guerra no espaço» entre «pombas» e «falcões».

Savimbi e Chipenda ao serviço do neo-colonialismo

Domingos Lopes

O rumo socialista da República Popular de Angola, a sua solidariedade em todos os domínios à luta dos povos sujeitos ao racismo na Namíbia, África do Sul e Zimbábue, as repercussões da sua revolução profundamente popular que ultrapassam o continente africano, o prestígio que alcançou na comunidade internacional são factos muito mal encarados pelas forças imperialistas e seus aliados que não desistem dos seus planos de inverter a marcha do povo angolano para a liberdade e o progresso social.

Acrescente-se ainda outro facto que provoca a hostilidade do imperialismo internacional. O «apetite» devorador das multinacionais face às inúmeras riquezas que Angola possui e que é frustrado pela vontade do povo angolano ser senhor e dono exclusivo do seu país e dos seus destinos.

A RPA é vítima dos planos hegemónicos do imperialismo que não desiste facilmente de a tentar fazer girar na sua órbita, isto é, de a tentar ingressar na constelação cada vez menor de países sujeitos ao neocolonialismo.

A formação em Portugal de um Governo composto por diferentes forças da direita reacçãoária, submissas aos designios dos EUA, deu novo alento a todos quantos lutam contra a revolução angolana para lhe cortar o passo rumo a uma sociedade sem exploradores e sem explorados.

Paralelamente às agressões militares perpetradas pelos dirigentes racistas da África do Sul combinam-se novas tácticas (a partir do mesmo quartel-general) tendo em conta a nova situação política em Portugal, com vistas a tentar encontrar uma saída neocolonialista para Angola.

As entrevistas de Savimbi e agora de Daniel Chipenda, o lançamento da UNITA e da FNLA através de jornais de direita e extrema direita afectos ao Governo Sá Carneiro/Freitas do Amaral e através dos órgãos de Comunicação Social estatiza-

dos a quem o Governo impõe a sua política em desprezo da objectividade são fios do mesmo novelo. No fundo trata-se de tentar influenciar o processo angolano a partir de Lisboa, tão isolados estão estes pseudodirigentes de organizações defuntas ou moribundas. É certo, assim se pode depreender das palavras de Sá Carneiro que constatou nos EUA grande apoio a Savimbi, que Washington está por dentro da operação que S. Bento e as Necessidades levam para diante.

É espantoso os meios de apoio em termos propagandísticos que envolvem a operação Savimbi: jornais (só o «Comércio do Porto» pago pelos dinheiros públicos dedicou-lhe cinco páginas inteiras em outros tantos números), Rádio, TV etc., como se fosse um presidente da República de um país amigo. Jamais as legítimas autoridades angolanas a começar por Agostinho Neto ou José Eduardo dos Santos tiveram tal cobertura e audiência.

Queriam fazer entrar Savimbi como um herói lendário. Para esse efeito deslocaram-se um grande número de jornalistas a casa de seu amigo, o rei Hassan II, sempre solícito a ajudar os desgraçadinhos sem pátria como por exemplo o xá Reza Pahlavi.

A coragem de um ou outro profissional da imprensa, a firmeza de um capitão de Abril mostrou que o herói não era mais que um vilão. Apesar do Governo de Sá Carneiro/Freitas do Amaral estimar tanto a UNITA e apesar dos seus esforços para a «prestigiá-la» Savimbi ficou apresentado, ao povo que se pretendia enganar, como verdadeiramente foi e como é: um colaborador da PIDE/DGS, um agente dos racistas da África do Sul, um lacão do imperialismo, um traidor ao seu povo.

Após certas hesitações, como resultado do inspe-rado recuo as forças que

«glorificaram» Savimbi, regressam agora trazendo ao ataque. Já não importa se colaborou ou não com a PIDE, dizem. O que importa é que existe. No fundo é a impotência... Tão grande ou tão pequena que, pasme-se, é Daniel Chipenda que no «Tempo» de 21-2-80, vem em socorro de Savimbi e pelo «País» tal personagem entra na ribalta para modificar o actual quadro angolano!!! A entrevista surge. Vale a pena ler para medir o isolamento em que vive esta gente. Onde está o apoio que os jornais da direita afectos ao Governo, a Rádio e a TV dizem que eles têm? Com que forças contam para mudar Angola?

«Quanto a mim este país (Portugal) é que tem que jogar o papel fundamental para a mudança da situação em Angola e na África de língua portuguesa...» Chipenda in «O País» 22-2-80.

Ninguém de boa vontade pode ter dúvidas acerca dos apoios com que o ressuscitado Chipenda conta. Não é com o povo trabalhador angolano. É com Portugal. É no que Chipenda gostaria de dizer, mas que ficou no espírito: é com o Governo da direita que como se sabe em termos representativos tem desde o acto de nascimento a maioria das portuguesas e portugueses contra ele, porque tem muito menos votos que a oposição. Savimbi e Chipenda são gente sem escrúpulos, sem vergonha. Pegaram em armas, assassinaram, torturaram militantes do único verdadeiro movimento de libertação de Angola, o MPLA. Serviram-se de todos os apoios para tentar liquidar o MPLA dirigido por essa grande figura de estadista e revolucionário que foi Agostinho Neto.

Como vilões, após a dolorosa morte do mais querido filho da terra de Nzinga M'Bandi, afirmam-se seus admiradores... gente sem princípios é capaz de tudo. Chipenda retrata-se bem

quando afirma... «eu falo um-bundo, mas eu penso em português»... in «O País» 22-2-80.

A defesa do regime democrático consagrado na Constituição da República passa pela luta em defesa da independência nacional e dos sagrados interesses nacionais.

As relações com a RPA, tal como a lei fundamental exige e, como hipocritamente o próprio programa do Governo preconiza, são um factor que serve os interesses nacionais e a independência nacional.

O desenvolvimento das relações com a RPA é uma afirmação de vontade de servir a pátria e os interesses do povo português. É um factor de dignidade moral.

A hostilidade para com a RPA e os seus dirigentes é um factor de agravamento da dependência ao imperialismo.

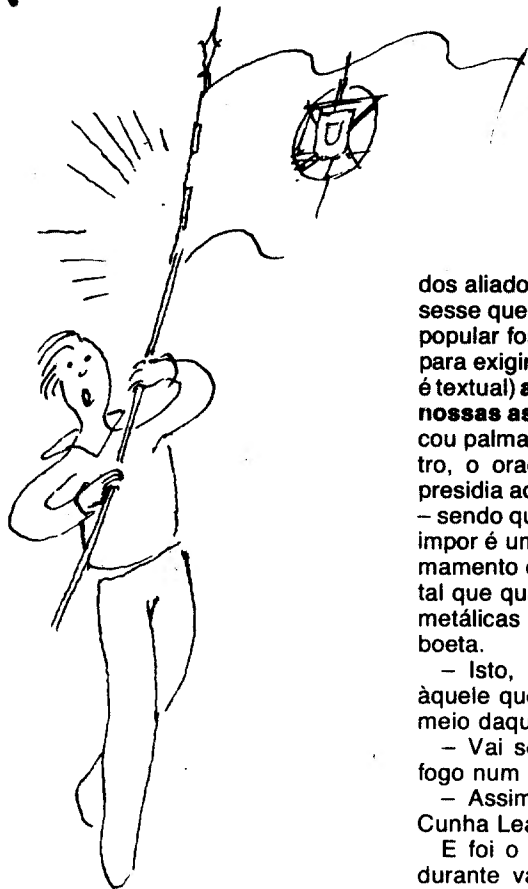
Os projectos neocolonialistas desfiados a partir de S. Bento e das Necessidades não prestigiam Portugal como País livre, soberano e independente.

As portuguesas e portugueses sabem que é preciso uma outra política. Uma política de paz e amizade com todos os povos. Uma política de diversificação das relações externas.

O espírito de Bissau, o espírito de diálogo e da colaboração e do futuro tem certamente muito mais adeptos que o espírito neocolonialista, que o espírito do passado.

O desenvolvimento das relações de amizade e cooperação a todos os níveis de Portugal com a RPA constituem um ponto de honra na conduta dos patriotas portugueses. Mais tarde ou mais cedo essas relações florescerão assentes na vontade própria dos dois povos. O caudal da amizade entre os dois povos, arrumará definitivamente para as margens obstáculos como Savimbi, Chipenda e os neocolonialistas que os apoiam em Portugal.

OS VERDES ANOS DA REPÚBLICA DE 1910



23.º CAPÍTULO

As duas faces da mesma moeda

DURANTE não sei quantos dias andei foragido de mim mesmo. Encontrei-me não sei porque capricho do acaso na praia da Arrábida, onde não conhecia ninguém e onde ninguém por certo desejaria falar-me das incertezas que, umas sobre as outras, cresciam em mim. No entanto não sofria. Apenas via a vida com uns olhos novos. Tínhamos andado à toa a jogar com os nossos destinos. Para quê? Sim, o Marcelo tinha razão. Nada valera a pena. Muito menos para ele na hora em que decidira ir em busca da sua vocação por conta própria. Vocação que não fosse apenas ser um anónimo devoto da República Portuguesa. A manhã de sol na Arrábida, aquietou-me. Resolvi voltar. Passei por Setúbal, e, de novo, encontrei-me em Lisboa.

LISBOA! A partir de 1913, imaginara que havia em mim duas vidas paralelas. Aquela, a nossa, a do Grupo 14 de Maio, e a outra a dos quatro anos em que fora aluno do liceu. Eles, os meus colegas, agora, já deviam estar formados, ou perto disso, em Direito, Medicina, sei lá o quê, e por certo ainda continuariam a frequentar, na Baixa, o café Martinho, onde eu os encontrara uma vez, a convite do meu primo João Botto. Era ali que passavam as tardes falando de poesia e de literatura. E esse era um tema que ficara semidormecido em mim desde quando minha avó conseguiu iniciar-me nos prazeres da leitura. Seria talvez um reencontro. Sei lá. E se fosse ao café Martinho? Sim. E porque não? Fui. Parei. Entro? Não entro? Hesitei. No entanto, o céu, lá no alto, estava negro e plúmbeo.

MAS voltemos àquele mês de Março de 1919, quando José Relvas ainda vivia numa ilusória esperança de sobrevivência. E, com uma lei arrancada a ferros do Presidente da República, resolveu que um dos seus ministros fosse enfrentar o público agressivo dos comícios do Coliseu dos Recreios, levando-lhes a notícia de que a partir daquela manhã estava dissolvido o Parlamento. Houve aplausos, é certo, o que não impediu que Estêvão Pimentel, um

dos aliados de Cunha Leal, propusesse que toda aquela assembleia popular fosse ao Terreiro do Paço para exigir de José Relvas (a frase é textual) a **satisfação de todas as nossas aspirações**. O que provocou palmas e vivas. Então, um outro, o orador Boto Machado que presidia ao comício, foi mais longe: — sendo que a primeira exigência a impor é um imediato e total desarmamento da Polícia. Ai o delírio foi tal que quase fez oscilar as linhas metálicas do conhecido circo lisboeta.

— Isto, disse Ramada Curto àquele que estava a seu lado, no meio daquela infernal confusão:

— Vai ser o mesmo que lançar fogo num barril de pólvora...

— Assim seja, respondeu-lhe Cunha Leal.

E foi o que aconteceu. Porque durante várias horas num motim que se alastrou por toda a cidade,

CHIANCA DE GARCIA

começo a sentir que a República, para nós, transformou-se num pesadelo. Um sonho que se transforma nas negras cores de um pesadelo. Escuta, Gervásio: — Chegou a hora de cuidarmos das nossas próprias vidas.

E foi depois de ter dito ao Gervásio que nós éramos apenas sobreviventes de um sonho — que me encontrei ali, indeciso, diante da porta do café Martinho:

Entro? Não entro? E entrei.

A sala, embora alvoroçada, estava cheia. Lá fora formavam-se e sumiam-se redemoinhos de agitação popular. Mas logo descobri João Botto rodeado de vários colegas. Aproximei-me...

— Senta-te! — e, voltando-se

grande poeta chama-se Paul Valéry...

— Pois a mim ele parece-me apenas o aristocrata do estilo, e da concisão, disse não sei quem.

— Talvez você prefira a indignação polémica de François de Villon...

— Não. Mas há...

E então começaram jogando sobre a mesa, com fichas, atiradas sobre o pano verde de uma roleta de celebridades, nomes como os de Baudelaire, Mallarmé, Verlaine, Rimbaud...

— Você só nos fala de poetas franceses como se a poesia tivesse nascido na França!

— Bravo! Muito bem. Sejam portugueses. Poetas somos nós. Poesia é a de António Nobre, e a de Teixeira de Pascoaes. Poeta é você, Américo Durão, poeta é você Gomes Ferreira, poeta é... é — e apontando para alguém que vinha

Mas de um jornal (e acentuei) re-pu-bli-ca-no.

— Viva a República! — gritou Gomes Ferreira.

Ai Correia da Costa não se conteve, e comentou com voz grossa: — Jacobino!

— Com muita honra! — respondeu o poeta que os outros tratavam por Zé.

Mas, interveio Américo Durão dirigindo-se também a mim:

— Mas — afinal, de que gosta você? De literatura? De teatro?

— Sim, talvez de teatro. Tenho lido muitas peças. Li mesmo um livro de um russo chamado Máximo Gorki, que anda por aí à venda, **Os Ex-Homens**, e de que eu gostava de fazer uma coisa parecida e que se passasse entre vagabundos de Lisboa...

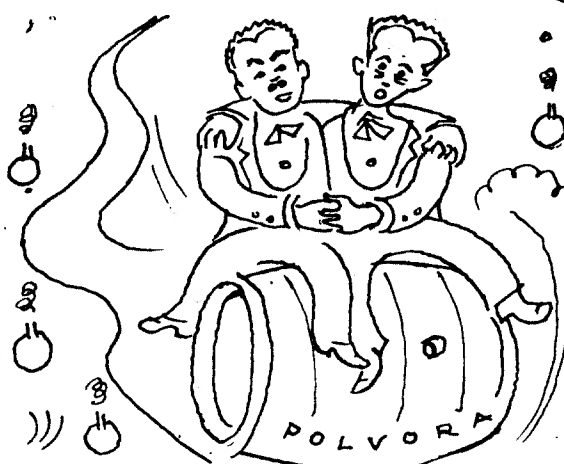
— Vagabundos? — Conhece-os? Lida com eles?

— Sabe, a gente nem sempre

FORAGIDO DE MIM MESMO



ASSIM SEJA...



José Relvas, cansado e doente, viu-se forçado a pedir a demissão. Veio um governo transitório. E depois um outro, talvez mais corajoso. Pelo menos mais decidido...

E SSE novo governo era presidido por um funcionário do Tribunal da Boa Hora, com quem, tanto o Gervásio, como eu, tínhamos mantido amistosas relações quando frequentávamos, conspirando, aqueles corredores obscuros daquilo que, em anos remotos, tinha sido um convento onde teria funcionado uma das alas mais punitivas da Inquisição.

— O pá, disse-me o Gervásio, tu lembras-te do dr. Domingos Pereira?

Pois é ele o chefe do novo governo. É dos nossos. Acredito que este não nos vai dar dores de cabeça. — Respondi-lhe então:

— A teu lado eu nunca senti dores de cabeça por lutarmos pela República. Pelo contrário. Para mim, foram horas tão felizes como se fossem sonhos. Mas agora, sim,

para o grupo, acrescentou: — É meu primo. Trabalha no jornal do Artur Inês que, vocês, — no bem ou no mal, sabem quem é.

Cumprimentei, discreto, os que já conhecia.

— E este, aqui, de quem já te falei por várias vezes, é o poeta Gomes Ferreira, o Zé, como nós, seus colegas, dizemos.

R IJO, rosto comprido, de linhas bem marcadas, cabelos alourados e soltos, dedos ágeis e um olhar agudo e fino, olhou-me, levantou um dedo, e esboçou um sorriso. Mas logo se esqueceram de mim. Estavam discutindo, segundo creio, a nacionalidade da poesia.

— Sim, dizia Correia da Costa, que o leitor já conhece do 10.º capítulo destes **Verdes Anos**, — sim, desde que voltei da Europa, tenho verificado que os escritores, em Portugal, ainda estão agarrados a Victor Hugo. Parece que ainda não se lembraram de que estamos no século XX. Ora hoje, em Paris, o

por detrás da cadeira onde eu estava sentado: — poeta é Florbela Espanca...

Todos nos levantámos para cumprimentá-la...

— Sim, aqui a temos, e ela por certo nos vai dar uma definição do que é ser poeta...

— Eu? Definição? Poetas são todos aqueles que na nossa terra falam dos males de amor, desde Luís de Camões...

— Muito bem. Mas Antero nunca cantou o amor, não esqueça...

Então Américo Durão lembrou o poeta alemão Nietzsche, dele recitando uma poesia por ele traduzida do francês: — **«Sim, bem sei de onde provenho / Insaciável, qual chama / ardo todo em fogo ardente / Faz-se luz tudo que tomo / carvão tudo que abandono / Sou chama, seguramente.»**

Florbela aplaudiu. Todos a imitaram. Então num esforço de voltarmos ao quotidiano, ela perguntou-me num sorriso:

— Você também faz versos?

— Não. Sou apenas repórter.

tem a sorte de só conhecer pessoas felizes como vocês...

MAS já era noite, O Martinho estava quase vazio. E de lá de fora começava a escutar-se um mar alto de investidas e brados populares. Isto de mistura com tiros soltos, mais ou menos sem destino. Como o daquela bala que nos roubara Marcelo.

A muito custo, indo de volta, pela escura Rua Primeiro de Dezembro (que uma turma de velhos carbonários defendia) consegui entrar na **Brasileira**. Lá dentro era o caos. Todos queriam tudo de todos. Armas, dedicação, espírito de sacrifício. Sim, porque morrer por morrer que morrêssemos primeiro nós, os mais novos. Encontrei Gervásio. Estava discutindo com velhos revolucionários civis. Andei de mesa em mesa. Todos os rapazes do grupo 14 de Maio estavam sendo desafiados

Continua na pag 22

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Boicote AD à instalação do CI/RTP

Na primeira reunião após a tomada de posse dos novos membros do Conselho de Informação para a RTP, os representantes da AD, lê-se num comunicado do PS, «depois de terem vindo ser derrotada uma moção apresentada pelo PSD referente à eleição da Mesa, abandonaram os trabalhos, privando, desse modo, o CI de funcionar por falta de 'quorum'».

Esta atitude, «que já fez escola por parte do PSD», revela «um total desrespeito pelo funcionamento de um órgão colegial, que não podendo ser controlado pelos Partidos do Governo é boicotado pela forma mais ostensiva de desrespeito pelas regras democráticas».

«Com esta inqualificável atitude», a AD frustrou «a intenção do próprio Presidente da Assembleia da República ao reco-

mendar a instalação do Conselho».

Além disso, impediu para já, o CI de dar um parecer pendente, a solicitação do Governo: pronunciar-se sobre matéria de direito de antena, consignada na Lei da Televisão, cuja concretização vem sendo reclamada pelo PS.

De tudo isto se conclui que «a AD continua a praticar métodos que se opõem ao regular funcionamento das instituições democráticas e a prosseguir fins de manifesta rotura institucional e de marginalização do papel dos órgãos cuja orientação política se não submeta às orientações do Governo».

O PS encerra o comunicado com a seguinte frase: «A bitola da AD é clara: o que não controla, boicota».

Director do "DP" anuncia demissão da chefia

A fim de se eximir à acção judicial que o Sindicato dos Jornalistas anunciou esta semana ir atentar contra ele, o director do «Diário Popular», Pacheco de Andrade, demitiu-se de sócio do SJ, ao mesmo tempo que dava a entender num artigo de fundo a constituição de uma futura organização sindical paralela.

Mais, no entanto: com luz verde do actual Conselho de Gerência, Andrade prepara-se para

demitir a Chefia da Redacção, constituída pelos jornalistas Abel Pereira, Bernardino Coelho e Ângelo Granja.

Homem da AD, embora se diga independente, Pacheco de Andrade, que frequentou o Seminário mas ignora as linhas da Igreja Católica que se exige renovada, aposta, assim, na opressão ideológica do público leitor e na deturpação da democracia.

Dar um impulso a nível político nas negociações para a adesão de Portugal à CEE, eis o principal objectivo da visita do presidente da Comissão Europeia, Roy Jenkins, a Portugal, anteontem iniciada, e que hoje termina.

Visita algo diferente da anterior, de Corenzo Natali, virá a deixar também impressão alguma coisa diferente, ou porque a primeira era predominantemente técnica e esta pode considerar-se caracterizadamente política, ou ainda, e mais visivelmente, pelo teor das declarações feitas num caso e noutro.

Enquanto, por exemplo, o vice-presidente da Comissão, Natali, dera especial ênfase às relações de Portugal nomeadamente com os novos Estados Africanos pelo interesse de que estas relações se revestiram para o Mercado Comum Europeu, Jenkins revelou-se menos empenhado neste ponto, dizendo, por exemplo, que a CEE considera Portugal como um membro da família europeia, não obstante não desprezar o papel do nosso país no relacionamento da Europa com aqueles Estados.

O presidente da CEE, aliás, reconheceria ontem que a sua visita se revestia de carácter essencialmente político, referindo designadamente o teor político dos seus contactos, tanto com os governantes como com o secretário-geral do PS, Mário Soares.

UMA ESPERANÇA NÃO UMA CERTEZA

Dizendo embora que a Co-

Portugal na CEE em 1983?

Roy Jenkins pouco optimista

missão Europeia está empenhada em cumprir o calendário previsto para as negociações, Jenkins, o mais que disse foi que existe a esperança de o calendário anunciado em Bruxelas por Freitas do Amaral ser cumprido. O cumprimento deste calendário significaria a concretização da integração portuguesa na CEE em 1 de Janeiro de 1983.

De qualquer modo, o presidente da Comissão Europeia diria que «as coisas se orientam no sentido certo» e «os problemas serão encarados de frente, mas abordados com paciência e persistência». E confessou-se «impressionado» pela determinação do actual Governo Português patente na concessão de «prioridade das prioridades» à adesão de Portugal à CEE.

«Tem havido um progresso inegável desde o Outono, e acredito que seja possível obter uma visão completa dos principais problemas por volta do Verão, para que Portugal e a CEE possam encetar negociações a fundo no Outono» — disse Jenkins.

Numa alusão às relações CEE-Terceiro Mundo (nomeadamente África), «via» Portugal, Roy Jenkins diria que Portugal não deve ter receio de perder a sua «identidade» ou a sua «influência» em certas regiões do Mundo.

«COM O VOSSO ESFORÇO E À VOSSA MANEIRA»

«Cabe-vos a vós, portugue-

ses, com o vosso próprio esforço e à vossa maneira levar a bom termo as difíceis mudanças e adaptações necessárias» — diria ainda o presidente da Comissão Europeia, reconhecendo a disposição da CEE em «ajudar Portugal» e acrescentando que a Comunidade «não pode impor essas mudanças ou realizá-las por vós».

Isto no almoço com que Freitas do Amaral obsequiou o primeiro nome da CEE. Já o vice-primeiro - ministro faria também um discurso, abordando as questões que se levantam à integração euro-económica de Portugal.

Para Freitas do Amaral, a CEE é um «factor de equilíbrio, nas perturbações que assolam o mundo» e que «sabe projectar-se para além das fronteiras do continente europeu».

O alargamento do Mercado Comum, no dizer do vice-primeiro - ministro, permitirá o seu enriquecimento, «não só pela contribuição que os novos países lhes trarão, mas também porque talvez venha a facilitar o aperfeiçoamento dos mecanismos comunitários e a sua adaptação à nova realidade europeia».

Ainda no dizer de Freitas do Amaral, o alargamento da CEE é «um acto de lucidez e consciência colectiva».

Mas o vice - primeiro - ministro terminaria seu discurso desejando que a CEE tome «decisões rápidas sobre as acções comuns

a emprender para encetar o desenvolvimento da economia portuguesa, de modo a aproximá-la dos níveis das dos países membros do Mercado Comum».

MÁRIO SOARES

Ao contrário do que se escreveu na nossa edição de ontem, a reunião de Roy Jenkins com Mário Soares, anteontem e no primeiro dia da visita daquele dirigente europeu a Lisboa, não se realizou a pedido do secretário-geral do PS, mas sim a pedido do próprio presidente da Comissão Europeia.

O encontro Jenkins - Soares reforça, ao que parece o carácter político desta visita.

NATALI ADVERTE OS ESTADOS UNIDOS

O vice-presidente da Comissão da CEE, Lorenzo Natali, advertiu ontem os Estados Unidos para não transformarem o alargamento da CEE numa guerra de comércio por causa de produtos do Mediterrâneo.

Natali falava em Urbino, na Universidade, e disse que a expansão da CEE, para incluir Portugal, Espanha e Grécia, «não pode e não deve envolver-se em problemas de comércio com os Estados Unidos».

Os «novos» já têm um dífice comercial de seis bilhões de dólares (cerca de 300 milhões de contos) com os Estados Unidos, e vivem de dispor vários bilhões para levar por diante o alargamento da CEE.

AOS EMIGRANTES E PÚBLICO EM GERAL
sensacionais descontos
do ANIVERSÁRIO
da MATRIZ
Móveis Império, Séc. XVII, Luis XVI e Modernas, Estantes, Maples e Sofás-camas em todos os modelos em pele
Papel de parede, Alcatifas
NÃO DEIXE DE VER OS NOSSOS SOFÁS-CAMAS EM PELE TIPO FRANCÊS
*** CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA EMIGRANTES**
SEDE: Praça Paiva Couceiro, 1-1100 Lisboa SALÃO DE EXPOSIÇÃO: Rua Neves Ferreira, 4-A
Telefone 846839 Telefone 824840

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira
Sede: Rua 18 de Janeiro n.º 13 - tel. 52 783 Marinha Grande

CONVOCATÓRIA
Assembleia Geral Ordinária

Nos termos do Art.º 38.º e para exceder as atribuições previstas na al. e) do Art.º 37.º dos Estatutos, convoca-se uma reunião ordinária da Assembleia Geral para os próximos dias 29, 30 e 31 de Março de 1980, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1 - Análise e votação do Relatório e Contas;
- 2 - Informações

A Assembleia funcionará descentralizadamente por zonas, nos seguintes locais, datas e horários:

ZONA	DATA	HORA	LOCAL
Norte	29/3	10.00	Sede da Secção Regional do Norte Rua Firmeza, 365-2.º - Salas 21 e 22 - Porto
Centro	31/3	18.15	Teatro Stephens - Marinha Grande
Sul	30/3	10.00	Sindicato dos Trabalhadores da Imprensa Largo da Trindade, 16-1.º - Lisboa

Marinha Grande, 3/3/80

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

AMORTECEDORES
Reparo e Reconstrução todas as marcas, com garantia:
MEENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramirez, 2-A
(Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE
dos amortecedores - J.M. FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B (A Benfca)

FOTOCÓPIAS DESDE \$60
Encadernações, plastificações e trabalhos em offset
Discoteca Filinto
Av. 5 de Outubro, 53-A
Telefone 535040

SALVEMOS O LINCE
E A **SERRA DA MALCATA**



Direcção-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal
Av. João Crisóstomo 26 - Lisboa
Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico
Rua da Lapa, 73 - Lisboa

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
3.º Juízo
ANÚNCIO
2.ª Publicação
HABILITAÇÃO N.º 259-A 2.ª Secção

Por este Tribunal correm editos de TRINTA dias que começarão a contar-se da data da 2.ª e última publicação do anúncio citando os requeridos para no prazo de OITO dias, findo o dos editos, contestarem a habilitação, sob pena de poderem vir a ser julgados sucessores do falecido José Guilherme Barreto Pereira dos Reis, para com eles prosseguir a causa principal que é uma acção sumária n.º 259 - 2.ª secção em que são autores António José da Silva Pires e João da Silva Pires, na qual pedem que os réus sejam condenados a ver declarada dissolvida a sociedade M. Gandra & Pires, Lda. Com a contestação devem ser oferecidos o rol de testemunhas e quaisquer documentos.

Requerentes: António José da Silva Pires e João da Silva Pires.
Requeridos: José Luís Gandra Pereira dos Reis, e mulher Elisabeth Coutinho Pereira dos Reis, com última residência conhecida na Av.ª Defensores de Chaves, 43-3.º Dt.º Lisboa e, Ana Maria Gandra Pereira dos Reis Gubert Gomes e marido José Luís Mandet Gubert Gomes, com última residência conhecida na Rua Costa Pinto, 15 - S. João do Estoril - CASCAIS.
Lisboa, 18.2.80
O Juiz de Direito (assinatura Reg'el)
O escrivão adjunto (assinatura Reg'el)

Camínhos de Ferro Portugueses

Informação

NOVO SERVIÇO COMBINADO EM LIGAÇÃO A ESTAÇÃO DE MONCORVO

Em 25 de Fevereiro vai entrar em vigor um novo serviço combinado de transporte de mercadorias, incluindo pequenos volumes, entre a estação de Moncorvo e Torre de Moncorvo, Felgueiras, Maçorês e Peredo dos Castilhanos, a cargo de Jorge Manuel dos Santos.

Desta forma, a partir da referida data, todas as estações do caminho-de-ferro e despachos centrais de serviço combinado passam a efectuar expedição para aquelas localidades, assim como, nas mesmas se aceitam despachos para qualquer estação do caminho-de-ferro, ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

Governo não deu conhecimento**CR vai analisar diploma das indemnizações a estrangeiros**

O Conselho da Revolução vai analisar na próxima semana uma alegada inconstitucionalidade do diploma sobre indemnizações a cidadãos estrangeiros. A informação é da Anop, e cita fonte oficiosa segundo a qual «o Governo não cumpriu a disposição da Constituição: o diploma deveria ter sido enviado ao CR para controlo e verificação da constitucionalidade». Não tendo sido assim, «o Executivo cometeu uma aberta e deliberadamente uma inconstitucionalidade, não se dividindo outra solução que não seja a declaração de inconstitucionalidade à posteriori do referido diploma».

O diploma, tal como ontem noticiámos, foi publicado na quinta-feira no «Diário da República» e determinava o pagamento em títulos do Tesouro das indemnizações a estrangeiros detentores de bens nacionalizados ou expropriados.

A decisão do CR baseia-se no Artigo 277 da Constituição, que refere a obrigatoriedade de todos os decretos remetidos ao Presidente da República, para promulgação, serem enviados simultaneamente ao CR, não podendo a promulgação ocorrer antes de passarem cinco dias sobre a sua recepção neste órgão político-militar.

Entretanto, e ainda a Anop, uma fonte governamental negou que tenha havido qualquer tipo de propósito de furtar ao conhecimento do Conselho da Revolução o diploma sobre indemnizações e cidadãos estrangeiros: «Se porventura não se verificou o envio simultâneo ao CR do diploma remetido à Presidência da República, para promulgação, isso terá sido por mero lapso burocrático e nunca com a intenção de furtar o conhecimento do diploma ao Conselho» — disse a fonte.

Mais: «Se efectivamente o diploma não tiver sido enviado

ao CR, haverá de facto um desrespeito das normas constitucionais, podendo, portanto, dizer-se que, no processo de formação deste acto legislativo, existiu uma inconstitucionalidade formal. Uma vez, porém, que o diploma se encontra já publicado, afigura-se que só terá sentido declarar a sua inconstitucionalidade, isto é, se o que nele se dispõe violar o que a Constituição preceitua. Esta hipótese, no entanto, parece não se verificar, porque se trata da simples regulamentação do Artigo 39 da Lei das Indemnizações».

Nos termos do Artigo 39 desta Lei, aprovada em 1977 pela AR, «o Governo poderá fixar, por decreto-lei, formas especiais de indemnização quando os seus titulares forem pessoas colectivas ou singulares de nacionalidade estrangeira». O Governo terá utilizado esta possibilidade decretando que as indemnizações se poderiam fazer em títulos do Tesouro, e no sentido que estes títulos possam ser vendidos à banca nacionalizada podendo ainda exportar os respectivos capitais, seguidamente.

A inconstitucionalidade invocada pelo CR, ainda segundo as fontes da Anop, não diz respeito ao conteúdo do diploma, mas a que este não lhe foi enviado, para análise, como a Constituição prevê. Portanto, e pelo menos aparentemente (uma vez que o diploma já foi publicado na folha oficial), o CR só poderá, agora, debruçar-se sobre ele.

De qualquer modo, e parecendo muito provável que o Governo não tenha dado conhecimento do diploma ao CR, aparece por consequência como muito provável, também, que se está perante mais uma situação melindrosa nas relações entre o Executivo e o CR. Naturalmente, a hipótese de «lapso» não parece convincente.

Política externa: polémica continua**O “documento de Garcia dos Santos” e apoio de Medeiros Ferreira ao PR**

«Deverá ser o Presidente da República a fixar as grandes linhas orientadoras da política externa portuguesa» — lê-se num documento assinado pelo Conselho da Revolução, Garcia dos Santos, em resposta a uma solicitação do Presidente da República, que tinha pedido aos membros do CR que se pronunciassem sobre a política externa.

Garcia dos Santos analisa, na sua perspectiva, «como, quem quando e onde definir» as linhas gerais de actuação na política externa. Na opinião daquele Conselho, haverá dois momentos em que essa orientação geral deverá ser definida: durante a campanha eleitoral para a candidatura do PR e no acto de posse perante a Assembleia da República.

Esta questão reabre o contencioso sobre quem devem definir as grandes linhas orientadoras da política externa e que provocou um primeiro confronto entre Governo AD e Ramalho Eanes, com Freitas do Amaral a enveredar pelo confronto com a URSS (aproveitando a presença das tropas soviéticas no Afeganistão), com atitudes consideradas «megalómanas» para muitos observadores políti-



cos, ao chamar o embaixador de Portugal em Moscovo. Depois, foi a «violação» de uma carta do Presidente Carter para o Presidente da República; seguiu-se a questão da nomeação de Melo Antunes para um elevado cargo nas Nações Unidas, com cartas

e contracartas. Finalmente, os discursos para consumo interno e externo em Estrasburgo.

Estadistas estrangeiros terão considerado excessivo o enfeudamento de Freitas do Amaral à NATO e ao Ocidente, já que, como diria Lorenzo Natali, vice-presidente da CEE, a Comunidade Económica Europeia precisa de Portugal como «ponte» para os países africanos de expressão portuguesa. Em consequência disso, talvez, Freitas do Amaral apressou-se a um almoço com os embaixadores desses países.

A fixação da competência do PR, em política externa, foi o objectivo do documento Garcia dos Santos. Assunto constitucionalmente controverso, mas que este Conselho da Revolução justifica para além disso, noutra perspectiva: a política externa «tem um âmbito muito mais lato do que o da ideologia e o da temporalidade que têm presidido à configuração dos nossos governos constitucionais. Tudo isto, aliado ao facto de que a nossa política externa deverá ser estruturada com base numa orientação que tenha em conta uma escala de valores bem clara

e uma bem determinada concepção do mundo e do homem» o que leva Garcia dos Santos a concluir que «a política externa é de um Estado e não de um Governo».

MEDEIROS FERREIRA: APOIO AO PR

Medeiros Ferreira voltou a apoiar Ramalho Eanes pela sua clarividência em política externa, ao defender como indispensável o reforço da defesa militar atlântica paralelamente ao desanuviamento no plano político durante um colóquio na SEDES, sobre a evolução da política externa.

Para além deste aceno a Belém, Medeiros Ferreira criticou implicitamente o Governo AD, e particularmente Freitas do Amaral, ao afirmar: «O pior que se pode fazer ao Estado português é praticar uma política externa para obter efeitos internos».

Para além disso e ao contrário de certas posições, já classificadas de «megalómanas», Medeiros Ferreira acha que «a nossa posição estratégica é relativamente secundária, em termos de política Leste-Oeste».

Depois das interpelações na AR**Conselho de Ministros considerou um “reforço político”**

O Governo congratula-se pelo que considera de «reforço político», a forma como decorreu o debate das interpelações ao Executivo na Assembleia da República. Foi uma oportunidade — lê-se no comunicado do Conselho de Ministros — «para uma exposição clara e rigorosa da estratégia global do Governo nos planos económico e financeiro».

Para além disto, o Conselho de Ministros aprovou ontem o novo diploma orgânico da Secretaria de Estado da Cultura que regulariza a sua «situação institucional e pelo qual são criados o Instituto do Património Cultural,

o Instituto Português do Livro e a Cinemateca Portuguesa. Dentro da mesma preocupação de protecção e valorização do património cultural, o Conselho aprovou ainda dois diplomas visando a defesa da integridade e genuidade de obras intelectuais de autores portugueses e de obras folclóricas e populares».

Recordamos que o Executivo de Sá Carneiro terá de voltar ainda no próximo mês, provavelmente, à Assembleia da República e para apresentação discussão do Plano e Orçamento. Em fase de elaboração, estes dois documentos levarão a

Oposição e Governo a um novo debate, mas desta vez mais alargado (a interpelação era apenas para as medidas económicas) a todos os sectores da governação.

Antes, porém, deverá dar entrada na AR uma proposta de revisão eleitoral, a qual a Oposição considera de viciamento do jogo eleitoral e de revisão do Regimento.

Em relação à Lei Eleitoral, o Governo terá de «convencer» os reformadores a votarem favoravelmente esta iniciativa que visa alargar de 4 para 10 o número de representantes pelos círculos de

emigrantes. Quanto à Lei do Plano e Orçamento, poderá ser apresentada nessa altura uma moção de censura, ou pelo PC ou pelo MDP. A hipótese de moção de censura foi posta quando do recente debate de interpelação, mas a ideia foi afastada por ser considerada prematura.

Entretanto, o Executivo de Sá Carneiro terá também de elaborar as alterações à Lei 46/77 sobre a delimitação do sector público/sector privado, de que recentemente conseguiu autorização legislativa, mas poderá ter de voltar à AR para ratificação.

“700 mil contos à deriva”**Investigação “à deriva” com mandados de soltura sem caução relevante**

Tornou público a Imprensa que, em Itália, um juiz, António Alibrandi, havia passado 49 mandados de captura contra destacados industriais, directores de empresas e presidentes de bancos, sediados em Milão, Florença, Génova, Bolonha e Palermo. Motivo: empréstimos feitos, em violação das normas em vigor, a amigos pessoais ou aliados políticos, sem as necessárias garantias de que os beneficiários tinham capacidade para repor o dinheiro.

Os mandados foram cumpridos pelas autoridades policiais simultaneamente nos diferentes pontos do país, apanhando de surpresa os autores daquilo que a Imprensa italiana classificou como «escândalos financeiros».

Por associação de ideias, ocorrem imediatamente a fraude bancária praticada há pouco tempo no nosso País e que passou a ser conhecida sob a designação de «700 mil contos à deriva». Foram então lesados o Banco Nacional Ultramarino, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Totta e Açores, União dos Bancos Portugueses e Banco Borges e Irmão, em grossa quantia não divulgada ao abrigo de curiosa e cómoda regulamentação sigilosa.

A fraude processava-se de modo simples: emitia-se um cheque de elevado valor, sem provisão, e o funcionário bancário fazia a sua retenção sem o referir à Câmara de Compensação, permitindo de imediato a movimentação da importância. Estes cheques eram sucessivamente

substituídos por outros, também sem cobertura e com valores cada vez maiores. Estiveram assim em movimento 700 mil contos segundo certas fontes, embora a Polícia Judiciária, numa nota distribuída aos jornais, reforce apenas 140 mil contos.

Os advogados dos implicados referem que o sistema usado pelos burles é legítimo, tratando-se, segundo eles, de uma operação conhecida internacionalmente por «roulement», ou seja, «rotação». Na verdade, tratava-se de uma «rotação» de cheques que se iam substituindo uns aos outros, mas todos eles sem a respectiva provisão e, com a cumplicidade de empregados bancários, permitiam o saque e movimentação de centenas de milhares de contos, obtendo-se um crédito sem qualquer garantia e com dispensa absoluta de juros ou outros encargos.

JUIZ ITALIANO PRENDE, JUIZ PORTUGUÊS SOLTA

Curiosamente, a dezena de implicados na gigantesca burla presos por decisão da Polícia Judiciária foram soltos poucos dias depois, com cauções ridículas, ainda no princípio da fase de instrução preparatória, quando os investigadores policiais recolhiam activamente elementos

susceptíveis de fazer prova — e tirando partido, como é de uso, do facto de a prisão dos arguidos os impedir de provocarem obstrução à acção da justiça.

As liberações foram da responsabilidade de juizes de turno no Tribunal de Instrução Criminal, órgão responsável oficialmente pela instrução dos processos. Na prática, é a Polícia Judiciária que efectua a instrução.

Essas liberações ocorreram em circunstâncias de tal modo estranhas que deram origem a interpretações nada abonatórias do prestígio que a magistratura judicial deve merecer.

Como então noticiámos, os mandados de soltura não foram assinados pelo juiz responsável pela instrução do processo, mas por outros que o substituíram nas férias e impedimento, sem estarem devidamente inteirados dos assuntos pendentes, motivo por que em regra se limitam a despachar o expediente de rotina, e, num ou noutro caso de prazos em vias de extinção, a lavrar os despachos que alteram situações. Não com este, no entanto, o caso daquele processo, referente à burla dos cheques retardados.

Aliás, os valores das cauções arbitradas aos arguidos, foram irrisórias: a máxima pouco passou dos 400 contos. Isto para indivíduos responsáveis por saques de centenas de milhares de contos, sem falar de que não foram acauteladas, por meio de cauções económicas, as reposições dos valores levantados fraudulentamente, bem como as possíveis indemnizações.

PJ «CRIMINOSA»

Como o dinheiro abundava nas mãos dos arguidos, a maior parte dele proveniente da fraude, não lhes faltaram advogados que movimentaram, como lhes competia, o céu e a terra para os libertarem. Um deles, bastante conhecido por razões estranhas ao foro, o dr. Proença de Carvalho, terá levado a sua solicitude profissional ao ponto não só de negar a existência de ilicitude nas actividades confessadas dos arguidos, como na exposição dirigida ao magistrado afirmou que os funcionários da Polícia Judiciária «é que são criminosos ao fabricarem criminosos». Não consta que o referido caudilho explicitasse estar a fazer tal afirmação baseada na sua passada experiência do tempo em que foi agente da mesma Polícia Judiciária.

INVESTIGAÇÕES CONGELADAS

As investigações criminais respeitantes à burla dos 700 mil contos encontram-se interrompidas, com o processo abandonado em alguma gaveta do respectivo Juízo. Esta situação vem desde Setembro do ano findo, como recordou o «DL» na sua

edição de 4 de Dezembro último.

Na altura das libertações, e apesar das circunstâncias pouco ortodoxas que as rodearam, o público, incompreensivelmente, não foi informado quer pelas autoridades judiciais, quer pelos responsáveis bancários, do que acontecera com os dinheiros da população e que medidas judiciais e disciplinares se estavam a tomar. Nem mesmo o facto de correrem boatos sobre possíveis corrupções, envolvendo funcionários da Judiciária e Magistrados Judiciais, determinou uma acção de clarificação por parte de quem de direito.

Os funcionários da Polícia Judiciária tomaram a atitude que se impunha: exigiram um inquérito que se esperava fosse rigoroso. Os magistrados não secundaram os investigadores policiais. Não pediram e ninguém lhes impôs um inquérito.

Verdade se diga que o inquérito aos funcionários da PJ não tem avançado muito. O inquiridor vai dividindo o seu tempo entre o Tribunal da Relação de Évora, onde presta serviço como Procurador da República, e Lisboa, onde as inquirições e outras diligências se podem processar.

A TESTEMUNHA QUE NINGUÉM QUER OUVIR

Um indivíduo, que contribuiu bastante para a descoberta inicial da

fraude, está há três meses à espera de prestar o seu depoimento. Declarou-nos mais uma vez, há alguns dias, com uma compreensível ironia: «Talvez tenha de meter 'cunha' para os inquiridores e outras entidades me ouvirem». Disse que já escreveu ao Procurador da República responsável pelo inquérito à PJ, e como os elementos de que dispõe interessarão mais à fraude bancária, garante já ter escrito para o Conselho da Revolução, Ministério das Finanças, secretário de Estado do Tesouro, Procurador Geral da República, Inspeção do Banco de Portugal, Sindicato dos Empregados Bancários e Conselho de Gestão do Banco Espírito Santo, sem que até agora fosse atendido.

Enquanto isto, os implicados na fraude, se não todos pelo menos alguns, continuam a beneficiar de crédito no mesmo banco onde praticaram a fraude, descontando letras. Do mesmo modo, afigura-se estranho que alguns funcionários com responsabilidades na fraude, por acção ou omissão, sejam mantidos ao serviço. Mais: alguns até já foram promovidos ao posto imediato pelo facto de terem destruído documentos comprometedores.

Voltaremos em breve ao assunto com referências directas a casos concretos, cuja divulgação estávamos a evitar para não afectar as investigações e os inquéritos, os quais, pelos vistos, estão em via de «morte natural».

DE ONTEM PARA HOJE

Joel e Carlota abraçados na morte

Uma mulher, que viria a morrer no Hospital de Santo António, foi ontem encontrada abraçada ao marido, cujo corpo já estava em adiantado estado de putrefacção. O casal (Joel de Sousa Pinto, de 70 anos, e Carlota Augusta Teixeira, de 74) que residia na Rua D. João IV, 402, rés-do-chão, no Porto, tinha deixado de aparecer há dias. Foram os vizinhos que chamaram os bombeiros, por terem estranhado o facto das luzes da casa permanecerem acesas. As autoridades policiais, que aguardam o resultado das autópsias, admitem a hipótese de Joel e Carlota terem ingerido voluntariamente uma dose excessiva de barbitúricos.

TIRAVAM A «PRATA» DO HOSPITAL

A Polícia Judiciária anunciou ontem ter detido seis indivíduos implicados num tipo de delito pouco vulgar: roubar películas de raio x, no Hospital de S. João do Porto, onde eram empregados da limpeza, retirando-lhes em seguida os nitratos de prata que depois vendiam. O furto abrangia sobretudo as radiografias em trânsito, acontecendo que os doentes que necessitavam dos resultados dos exames, esperavam indefinidamente, pois as chapas eram desviadas no trajecto. Por sua vez, no armazém daquele estabelecimento hospitalar foram encontrados volumes com centenas de quilos de chapas prontas para serem transportadas. A PJ, que espera vir a efectuar mais detecções nos próximos dias, revelou que só as películas desaparecidas, ao longo do mês passado, têm um valor calculado em mais de quatrocentos e cinquenta contos. Registe-se, a propósito, que de cento e vinte quilos de película se pode obter cerca de um quilo de prata.

MILHARES DE FRANGOS EM CHURRASCO

Cerca de dezoito mil frangos mortos e um prejuízo calculado em três mil e quinhentos contos é o resultado do incêndio que ontem destruiu um aviário na freguesia de Santo da Serra, concelho de Santa Cruz (Madeira). O fogo, combatido pelos bombeiros municipais do concelho de Machico terá tido origem no sistema de aquecimento do aviário, propriedade de Joaquim José Pita Gouveia. Os prejuízos estão cobertos pelo seguro.

DROGA TEM NOVA DIRECTORA

A psicóloga Luísa Simões Raposo foi ontem nomeada directora interina do Centro de Estudos e Profilaxia da Droga (CEPD). Luísa Raposo, 45 anos, substitui naquele cargo Heduíno Lopes actualmente em funções na Câmara Municipal de Oeiras. O outro director interino, que substitui o director titular, o deputado socialista José Niza, é António Franco Redondo. O CEPD, cuja função, em teoria pelo menos é o tratamento e recuperação social dos drogados, tem delegações em Lisboa, Porto e Coimbra, encontrando-se directamente dependente do Gabinete do Primeiro-Ministro.

O PAPEL DE CAMÕES NA EVOLUÇÃO

As comemorações do Quarto Aniversário da Morte de Camões iniciaram-se em Coimbra com uma conferência proferida por António José Saraiva, na Faculdade de Letras, sobre o papel do Poeta na evolução da cultura portuguesa. O ciclo de conferências, que engloba mais de uma dezena de palestras a cargo de vários especialistas dos estudos camonianos, constitui apenas uma parte das realizações programadas, as quais incluirão exposições e espectáculos de música e poesia. A terceira Reunião Internacional Camonista, que ocorrerá em Outubro ou Novembro, constituirá o ponto culminante do programa em elaboração.

«FILMODA/80» JÁ ESTÁ EM MARCHA

O secretário de Estado do Comércio Externo, Almeida e Sousa, inaugurou ontem à tarde a «Filmoda/80» — Salão Internacional das Confecções e da Moda. O certame, que decorrerá até ao dia 12 nas instalações da Feira Internacional de Lisboa, (FIL), conta com a presença de duzentos expositores de vestuário, calçado, adornos, malas, artigos de viagem, confecções, penteados e cosmética. Paralelamente ao certame decorrerá uma série de manifestações, onde avulta a realização de um Festival Internacional da Moda e do Penteado.

CAMIÃO NA VIA: DO SUSTO AO ATRASO

Um camião, que ficou parado no meio da via quando as cancelas automáticas desceram, foi ontem colhido pelo comboio, na passagem de nível de Paço de Arcos. Para além do susto do motorista (que saiu ileso) e de danos ligeiros no camião, o acidente provocou ainda atrasos de quinze minutos no trânsito ferroviário.

PORTUGAL NO AMBIENTE DA EUROPA

Um técnico português foi pela primeira vez eleito presidente do Comité Director para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais do Conselho da Europa. Trata-se de José Almeida Fernandes, membro do gabinete do secretário de Estado do Ordenamento e Ambiente e da Comissão Nacional do Ambiente, que foi eleito durante o plenário anual daquele organismo internacional, em Estrasburgo. A unanimidade obtida na eleição de Almeida Fernandes foi considerada como um expressivo reconhecimento do prestígio de que Portugal goza neste domínio a nível do Conselho da Europa.

Hoje, Dia Internacional da Mulher

Um marco na luta pela igualdade efectiva

Por todo o país se comemora hoje o Dia Internacional da Mulher.

Os Departamentos de Mulheres dos Sindicatos da Lisboa, o Movimento Democrático de Mulheres, e a União de Mulheres Antifascistas e Revolucionárias e as Mulheres Socialistas realizam iniciativas tendentes a evocar o papel da mulher na sociedade os direitos das mulheres e as injustiças de que ainda são vítimas.

Poemas, autocolantes e cravos foram hoje distribuídos nas ruas de Lisboa e nos locais de trabalho pelas mulheres dos Departamentos dos Sindicatos de Lisboa.

Esta noite, no Coliseu dos Recreios «Cantores de Abril e poetas do povo» estarão presentes numa festa-convívio onde se encontrarão também delegados ao III Congresso da CGTP-IM.

Uma jornada de luta é como as sindicalistas de Lisboa consideram este dia, data em que, há mais de um centenário de anos, operárias têxteis desceram à rua em Nova Iorque, reclamando a redução de 16 para dez horas de trabalho diário e foram recebidas a tiro pela polícia.

INICIATIVAS DO MDM

O Movimento Democrático de Mulheres promoveu hoje em Coimbra uma sessão comemorativa do Dia Internacional da Mulher, no salão dos Bombeiros Voluntários de Coimbra.

Canto livre, actuação da Brigada Vítor Jara, declamação de poesia, e várias intervenções integraram o programa da sessão. Participou na organização desta iniciativa a Comissão Unitária de Mulheres de Coimbra (CUM).

Também no Porto, o MDM promove esta tarde um comício-festa no Cinema Estúdio onde se farão várias intervenções, fundamentalmente sobre a luta das mulheres contra o aumento do custo de vida, pela paz e pelo desanuiamento, e o papel do MDM na luta por melhores condições de vida.

Na festa, e tal como foi anunciado em conferência de imprensa, actuarão Teresa Paula Brito, Filipe Gomes dos Santos, Vítor Correia, Marília Gama,

Grupo Objectivo, entre outros.

Hoje também um grupo unitário de mulheres do Porto promoveu romagens de saudade aos cemitérios do Prado do Repouso e de Agramonte. No primeiro daqueles cemitérios efectuou-se esta manhã uma homenagem a lutas pela liberdade como Irene Castro, Herculana Carvalho, Maria Silva, Amélia Cal Brandão e Beatriz Almeida, entre outras.

Comissões promotoras das comemorações do Dia Interna-

Hoje, todas as sessões do cinema Quarteto são preenchidas com filmes sobre a mulher, encerrado assim o ciclo que toda a semana decorreu naquele cinema, às 21 horas, por iniciativa da UMAR.

COMISSÃO DA CONDIÇÃO FEMININA

A Comissão da Condição Feminina distribuiu um texto sobre

o quinquénio restante da década, nos sectores já definidos como prioritários de emprego, saúde, e educação.

«Em Portugal» prossegue a Comissão da Condição Feminina «a situação da mulher evoluiu positivamente do ponto de vista jurídico nos últimos cinco anos. A lei garante-lhe igualdade de direitos na família, no trabalho, na vida cívica e política. Resta agora o mais importante e o mais difícil: que as leis se tornem efectiva prática social, que os princípios formalmente aceites se traduzam na vida e nos costumes».

CONFERÊNCIA DA ONU SOBRE A MULHER

Com a aprovação de uma série de recomendações destinadas a melhorar a situação da mulher, terminaram quinta-feira em Viena as sessões preparatórias da Conferência Mundial da Mulher que se celebrará em Julho na Dinamarca.

Participaram nas reuniões delegações de 32 países e ainda sessenta organizações de carácter nacional e internacional, estas com o estatuto de observador.

Outros vinte países enviaram observadores.

No final das discussões, foram divulgadas quinze resoluções sobre problemas referentes aos direitos fundamentais da pessoa, à influência dos meios de Informação sobre o papel do homem e da mulher e ainda ao programa de acção para a segunda metade da Década da Mulher, proclamada pela ONU.

Nas reuniões de Viena foi acentuada a necessidade de se adoptarem medidas destinadas a integrar a mulher em todos os planos de desenvolvimento e a fazê-la participar mais amplamente nas decisões dos governos, sindicatos e tribunais.

Uma das resoluções apela aos governos e organismos internacionais para que prestem especial atenção ao tratamento dado às mulheres encarceradas, especialmente no que respeita à dignidade humana e à integridade corporal.



cional da Mulher organizam sessões em Braga, Guimarães, Vila Nova de Famalicão, Barcelos, Braga e Esposende.

UNIÃO DAS MULHERES ANTIFASCISTAS E RE- VOLUCIONÁRIAS

A UMAR participa hoje na Faculdade de Letras numa sessão comemorativa unitária do 8 de Março com intervenções sobre a família, desemprego e outros temas, que afectam directamente a mulher. Música e poesia e intervenções de artistas de teatro completam o programa. Paralelamente, haverá exposições, de artesanato, fotografia e pintura.

o 8 de Março. «É assim um dia importante como marco de reflexão anual sobre o progresso da situação da mulher no mundo, elemento fundamental para a transformação da humanidade», afirma a Comissão que lembra também ser 1980 um ano intermédio da Década da Mulher, aprovada na ONU na sequência do Ano Internacional da Mulher. A Década da Mulher começou em 1975 e terminará em 1985. Nesta no ano intermédio será celebrada em Julho, em Copenhaga, a Conferência Mundial da Década da Mulher. Os países membros da ONU farão nessa altura a avaliação dos progressos alcançados nos primeiros 5 anos e planificarão acções para

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA MOÇÃO

«Considerando que:

1 — O Ministério dos Negócios Estrangeiros recusou o visto de entrada a duas cidadãs soviéticas que se deslocavam ao nosso país, a convite do M.D.M. para tomar parte num colóquio sobre os problemas da terceira idade e também a um grupo de quarenta turistas soviéticos que anteontem viram a viagem anulada.

2 — Tal recusa é uma violação grosseira ao n.º 1 do artigo 7.º da nossa Constituição, absolutamente inadmissível num estado democrático.

A Assembleia Municipal de Vila Franca de Xira vem manifestar o seu mais veemente protesto e profunda indignação e exigir que uma tal prepotência não se volte a repetir.

O protesto e indignação desta Assembleia são independentes da nacionalidade das pessoas cuja entrada em Portugal foi proibida pelo Governo, pois que a todos os estrangeiros deve ser reconhecido em princípio, o direito de visitar livremente o nosso país, liberdade de deslocação, trânsito e intercâmbio que esta Assembleia muito preza.»

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os delegados sindicais e membros das Comissões de Trabalhadores dos sectores de Celulose, Papel, Cartonagem, Artes Gráficas e Imprensa para um plenário vertical a realizar no dia 12 de Março, com início às 14.30 horas, no Largo da Trindade, n.º 16 - 1.º em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1 — REESTRUTURAÇÃO SINDICAL
 - a) discussão do plano de trabalho a concretizar antes da Assembleia Constituinte do novo Sindicato, em 12 de Abril de 1980, no Pavilhão do Académico da Amadora;
- 2 — Informações sobre a situação actual da contratação colectiva;
- 3 — Outras informações.

Dada a importância da ordem de trabalhos desta reunião, exortamos todos os delegados sindicais e membros das CT's a comparecerem e participarem utilizando os direitos consagrados legal e contratualmente.

Lisboa, 4 de Março de 1980

Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes
Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Cartonagem e Afins — Zona Sul
Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Cartonagem e Afins — Zona Centro
Sindicato de Trabalhadores na Imprensa.

PRP no banco dos réus

Acusador dos dirigentes condenado a 11 anos

Seis militantes do PRP foram condenados a penas de prisão maior (entre cinco meses e 17 anos, esta como condenação única resultante de uma pena de 17 anos somada à última, de nove) pelo Tribunal Colectivo de Matosinhos presidido pelo juiz Ary Elias da Costa. Três outros, ausentes no estrangeiro, foram julgados à revelia. Maria Fernanda Florido Marques de Oliveira, condenada a cinco meses de prisão, saiu em liberdade por a pena ter sido dada como expiada com a prisão preventiva cumprida. Dinis Afonso de Almeida Lucas, que produziu as afirmações e alegadas provas acusatórias em que o Procurador da República, Maia Costa, do Tribunal da Boa Hora de Lisboa, se fundamenta para pedir a condenação de Isabel do Carmo e Carlos Antunes (porque, afirmou ontem em pleno tribunal, «predominantemente ele fala verdade») terá de cumprir uma pena de prisão de 11 anos.

A pena aplicada a João Celestino Marques Rodarte de Almeida foi de nove anos (menos dois que a Dinis Lucas) mas, pelo facto de ainda recentemente ter sido condenado a 16 anos de prisão pela prática de crimes da mesma natureza, segundo o tribunal, acordaram os juizes em aplicar-lhe a pena única de 17 anos. Os réus (alguns dos quais entraram na sala e escutaram as sentenças com ramos de cravos vermelhos nas mãos) foram também condenados solidariamente a pagarem indemnizações às instituições bancárias atacadas, no montante igual ao produto dos roubos de que são acusados.

Além de Dinis Lucas e João Rodarte de Almeida foram ainda condenados José Guedes Mendes e José Alberto Ribeiro Dinis, a sete anos e meio e a sete anos de prisão, respectivamente, e Luis Ribeiro Maciel Barbosa e Maria Fernanda Florido Marques de Oliveira (que saiu em liberdade por ter preventivamente cumprido a pena a que foi condenada) em três anos o primeiro, e em cinco meses, a última. O juiz-presidente levou duas horas e um quarto a ler a sentença e a enunciar as penas dos seis condenados, na presença de nove

dos réus (três estão ausentes no estrangeiro e por isso foram julgados à revelia, mas não condenados). A condenação refere-se à prática de assaltos a bancos, rebentamento de bombas e uso ilegal de armas de fogo.

Nos termos da sentença, o tribunal considerou a «intenção política» alegada pelos réus em defesa das acções praticadas e tomou como «atenuante extraordinária» a circunstância de não agirem em proveito próprio, mas sim para servirem os interesses do partido de que eram militantes. Esta «intenção política», refere a sentença é abrangida pela Lei da Amnistia promulgada em 1979, mas os crimes especificados de uso ilegal de armas, assaltos, roubos e actos terroristas não foram considerados pelo tribunal no âmbito dessa lei.

Os advogados de defesa dos réus condenados anunciaram a intenção dos seus constituintes em recorrerem das sentenças que lhes foram aplicadas. Os restantes réus do processo, três dos quais julgados à revelia, saíram em liberdade. Eis os seus nomes: Maria Clara Cabral Rodarte de Almeida, Maria Guida Martins Pereira, Maria Olimpia Silva Sousa, António Augusto Peixoto Ribeiro, Luciano Basto Vilhena Pereira e Jorge Manuel Alves da Silva.

Sousa Tavares: deve ser julgado o PRP em bloco

Enquanto isso ocorria em Matosinhos, num dos juzos do Tribunal da Boa Hora, Sousa Tavares, advogado de defesa no julgamento do chamado «caso PRP» caracterizava este pleito como «totalmente político». Patrono de um réu revel no mesmo julgamento em que respondem os principais dirigentes do PRP, Isabel do Carmo e Carlos Antunes (defendidos por Guilherme da Palma Carlos e Jorge Fagundes), ao produzir ontem à tarde, as suas alegações, Sousa Tavares pediu a absolvição, por insuficiência de provas, para o seu constituinte, Bernardo de Oliveira, acusado de assaltos à mão armada a várias

dependência bancárias. Defendeu, para além disso, a aplicabilidade da Lei da Amnistia a todos os arquivados no conjunto de processos que constituem o chamado «caso PRP».

Na argumentação de Sousa Tavares, as actividades por que respondem estes arguidos exprimem, ao nível da consciência individual e partidária, o mesmo insurreccionismo que em determinado período lavrara em Portugal ao nível do Estado. Na interpretação deste causídico, membro do grupo de deputados «Reformadores» na Assembleia da República, terá sido dentro desse estado de espírito que o PRP haverá desencadeado as acções delituosas que se lhe atribuem e pelas quais deveria ser a organização em bloco a responder, sustentou ainda.

Em resposta às alegações da defesa, feitas na primeira parte da sessão de ontem, o Procurador da República, Maia Costa, sustentou a credibilidade e o valor probatório do depoimento da principal e controversa testemunha de acusação deste conjunto de processos, Dinis Lucas, ex-militante do PRP condenado a 11 anos de prisão à ordem do Colectivo de Matosinhos. afirmou o Procurador da República que as promessas de libertação o mais breve possível, como prova de apreço ou recompensa pelo seu colaboracionismo, que a P.J. tenha por ventura proposto a Dinis Lucas — como a defesa afirmou em tribunal — não invalidam (na sua óptica) o depoimento por ele prestado.

No tocante às considerações de Sousa Tavares acerca das vantagens de uma incriminação em bloco do PRP, Maia e Costa sublinhou não ser este partido que está em causa, mas uma estrutura semiautónoma e parcelar a quem competiam acções delituosas. Por fim, apoiou as condenações que propuseram na anterior audiência (o julgamento prossegue depois de amanhã) para Isabel do Carmo e Carlos Antunes, insistindo na identificação de «autoria moral» de que são acusados com um alegado «domínio da vontade individual por aparelhos organizados», domínio que lhes adviria da sua condição de dirigentes.

Serviço de Informática da Saúde

Quando toma posse a Comissão Instaladora?

A não tomada de posse da Comissão Instaladora do Serviço de Informática da Saúde está a causar uma certa apreensão no respectivo meio. Com efeito, nomeada pelo secretário de Estado da Saúde através de um despacho inserto no «Diário da República» de 7 de Janeiro último, aquela Comissão Instaladora, de que é presidente a engenheira Maria Fernanda Laires, encontra-se, por assim dizer, «imobilizada».

Tanto quanto julgamos saber, uma audiência (a última até à data) solicitada em 14 de Janeiro à Secretaria de Estado da Saúde não chegou a ser concedida.

A Comissão Instaladora do Serviço de Informática da Saúde é constituída, além do presidente, por um vogal que representa os Serviços Médico-Sociais e pelos três administradores regionais de Informática da Saúde (Lisboa, Porto e Coimbra).

O QUE É O SIS

Que é o Serviço de Informática da Saúde?

Trata-se, em linhas gerais, de um órgão que, dependente da Secretaria de Estado da Saúde até à remodelação a que se vai proceder no Ministério dos Assuntos Sociais, se concretiza fundamentalmente na definição de uma política de Informática, com base nos Planos Directores de Informática para a Saúde aprovados em 74 e 78; na coordenação do funcionamento dos três Centros Regionais definida nesses

Planos; e na promoção do desenvolvimento da utilização de meios informáticos adequados às estruturas hospitalares ou outros Serviços Médico-Sociais para os quais se venha a justificar a utilização de meios informáticos específicos.

Reunindo, portanto, as estruturas do sector, encarando-as como um todo, o SIS funciona como um órgão susceptível de prestar altos benefícios às actuais relações entre o público e os Serviços de Saúde.

A população do País, em suma, beneficiaria de uma adequada política de Saúde, pois só a partir do lançamento e execução da informatização se poderá vir a produzir informação dirigida essencialmente aos órgãos responsáveis pelas decisões sobre política de Saúde.

Além disso, um tal sistema informativo, com base na Informática, torna-se indispensável para contactos com os organismos internacionais do sector (OMS, OCDE, etc.).

As acções presentemente em curso, para além do arranque do SIS (à espera, como se disse, da posse da Comissão Instaladora), abrangem também o arranque dos três primeiros projectos de âmbito nacional destinados aos três Centros Regionais de Informática de Saúde: gestão de pessoal, reembolsos e conferência de facturas.

Atente-se, a título de curiosidade, que nos «reembolsos» e na «conferência de fac-

turas» os Serviços de Saúde despendem anualmente uma verba entre os 15 e 17 milhões de contos.

SIMPLIFICAÇÃO

Ora a informatização presentemente em curso, e que contará com o apoio das entidades oficiais ligadas a este processo (Associação de Farmácias e Laboratórios de Produtos Farmacêuticos, por exemplo), vai não só contribuir para uma simplificação desse processo, dele saindo beneficiado o público, como também precisamente farmácias e laboratórios colherão o benefício do seu funcionamento. Verificar-se-á, em síntese, uma racionalização de pessoal, de tempo de espera e uma profunda economia nas verbas atrás referidas.

Para isso, no entanto, impõe-se que a Comissão Instaladora seja empossada para que tudo se processe conforme mandam as regras de uma sociedade defensora dos interesses da comunidade.

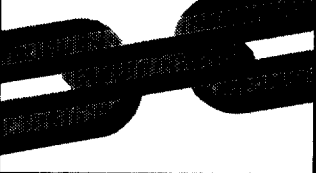
A título de curiosidade, refira-se que a eng.ª Maria Fernanda Laires viu aprovado um seu documento de trabalho na reunião do Comité Director da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico, reunião que decorreu em Namur (Bélgica) nos dias 20 a 22 de Novembro do ano passado. Título do documento: «Reflexão sobre o futuro da Informática no sector da Saúde Pública».

SINDICATO DO COMÉRCIO E SERVIÇOS DE LISBOA



III Congresso da CGTP-IN

ABERTO A TODOS OS SINDICATOS



Saudação

Os Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa, reunidos em Assembleia Geral efectuada em 26 de Fevereiro, saudam a próxima realização do III CONGRESSO DA CGTP-IN (ABERTO A TODOS OS SINDICATOS).

Tal como aconteceu no passado do Movimento Unitário Sindical, nas situações em que se impuseram manifestações inequívocas da unidade entre os trabalhadores, o III CONGRESSO DA CGTP-IN (ABERTO A TODOS OS TRABALHADORES) será afirmação da força e do querer das classes trabalhadoras portuguesas, em defesa das conquistas alcançadas e dos caminhos rumo à Democracia e ao Socialismo.

No justo momento em que o patronato apoiado em forças políticas reacçãoárias ensaia a ofensiva geral da recuperação capitalista; quando a Reforma Agrária, as Empresas Nacionalizadas e a

Informação sofrem as sucessivas vagas de assalto comandadas por um governo de direita; face ao desprezo com que são tratadas a Constituição da República e as instituições democráticas, cabe aos trabalhadores portugueses proferir uma palavra de firmeza, de confiança e de determinação na luta em defesa dos seus direitos e liberdades.

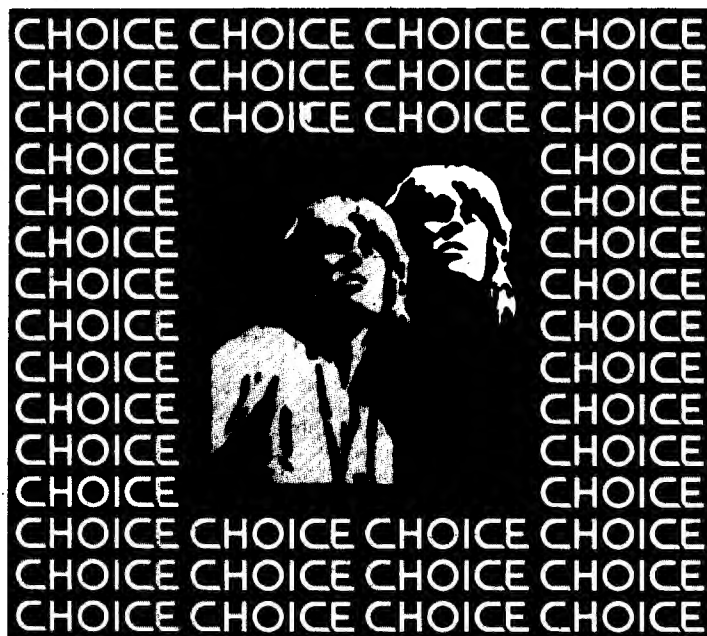
O III CONGRESSO DA CGTP-IN (ABERTO A TODOS OS SINDICATOS) saberá corresponder à expectativa dos trabalhadores. A Democracia será defendida, o inimigo não passará.

Os Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa renovam, pois, a saudação fraternal que dirigem ao Congresso. Firmemente ligados pelo Movimento Sindical Unitário, saberemos corresponder ao apelo do Congresso, fortalecendo a unidade e a organização e percorrendo os caminhos de Abril.

Viva o III Congresso da CGTP-IN!

CHOICE

A MELHOR ESCOLHA



CHOICE

a camisa do momento

CHOICE JÚNIOR

para o homem do futuro

LADY CHOICE

a camisa + feminina !!

DIA INTERNACIONAL DA MULHER GRANDE FESTA DA UNIDADE 8 DE MARÇO

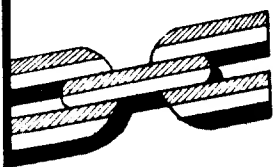
COLISEU DOS RECREIOS

ÀS 21.30 HORAS

COM A PARTICIPAÇÃO DE:

- MARIA DULCE
- PACO BANDEIRA
- CARLOS PAREDES
- FERNANDO ALVIM
- SAMUEL
- LUÍSA BASTO
- VITORINO
- JOAQUIM PESSOA
- PAULO DE CARVALHO
- TROVANTE
- CORO DA UNIÃO DOS SINDICATOS DO PORTO
- GRUPO CORAL ALENTEJANO DO BARREIRO

BILHETES À VENDA:
USL — PAV. DOS DESPORTOS
BILHETEIRAS DO COLISEU



**III Congresso
da CGTP-IN**

Caso Delgado Claro que o número um foi Salazar embora haja outros

A audiência de ontem à tarde em Santa Clara, bem se podia resumir a três respostas do dr. Piteira Santos, no decorrer do questionário proposto pelo dr. Luís Saias, advogado da acusação particular no interrogatório à testemunha. Mas pensámos que valeria a pena uma introdução.

Tanto se tem defendido neste julgamento a memória do cadáver de Santa Clara, que estávamos quase a acreditar que se ele, em vida, alguma vez foi ditador, o foi por mero acaso, ou, sabe-se lá, por empurrão de qualquer daqueles bruxedos em que gostava de fazer fé quando tinha que resolver os problemas graves do país, como os dos bairros de barracas (fomentadas pelo Estado Novo, como se sabe), o da falta de «oxigénio» para o povo português poder gritar liberdade, o da fome da grande maioria dos trabalhadores ou o da guerra colonial.

E também nos preocupava esta coisa: se Salazar nada tivera a ver com a morte do general Delgado, queria isto dizer que a PIDE era capaz, por si só, de tomar iniciativas tão... violentamente responsáveis? A dar-se tal fenómeno, a chamada Ordem do Estado Novo, não passava, então, duma carnalada. Teríamos de considerar, portanto, que hierarquia estava invertida: a PIDE por cima, Salazar por baixo. O que seria chato para o regime felizmente deposto com o 25 de Abril, uma vez que, segundo os fiéis (e isso ainda se nota em Santa Clara), Salazar era, **tinha de ser**, o sol da Ordem Nova implantada em 32, com o advento do nazifascismo na Europa.

Não, de facto não era isso o que se passava. A «magestosa» PIDE era apenas o cão amestrado do professor de Coimbra. O que estava certo, visto que para organização tão tenebrosa e onde o carácter verdadeiramente humano não existia, tinha de haver um chefe que a superasse: Hitler não teria nunca sido o comandante da Alemanha nazi, se não demonstrasse

que era um nazi maior do que todos os nazis. Al Capone não seria nunca o maior dos «gangsters» dos anos vinte, se não fosse capaz de superar todos os «gangsters» daquele tempo. Tudo é relativo a... Quer isto dizer que Salazar esteve muito longe de ser o anjo (sem asas) sereno e edificante, que os seus prosélitos pretendem mostrar. Foi bem o contrário e todo o povo português o sabe. Embora haja por aí muita gente de memória curta ou que por interesses vários está tentando ressuscitar o cadáver de Santa Clara, também felizmente, já carcomido pela História.

No fundo, tudo o que escrevemos nestas linhas acabou por ser dito na audiência de ontem em Santa Clara. Vejamos como Piteira Santos nos deu em três respostas a outras tantas perguntas do dr. Luís Saias, a síntese do regime fascista:

1) Pergunta do dr. Luís Saias:

— O dr. acha, em sua opinião, que o crime cometido contra o general Humberto Delgado, terá sido um crime excepcional no esquema usual dos métodos da PIDE?

Resposta do dr. Piteira Santos:

— Na minha opinião, o caso do assassinato do general Delgado e da sua secretária, não foi, de maneira nenhuma, um caso excepcional, bem pelo contrário. Não quer dizer, naturalmente, que a PIDE praticasse destes crimes todos os dias. Mas houve outros. Relembro aqui o da morte do escultor Dias Coelho ou o do dr. Carlos Soares. Isto para citar de memória, porque houve outros. De resto, sabe-se que a PIDE não vacilava nos crimes por assassinato, sempre que tais crimes compensassem o regime fascista. Claro que — acrescentou Piteira Santos —, os crimes da PIDE eram todos eles violentos...

2) Pergunta do dr. Luís Saias:

— Violentos, como?

Resposta do dr. Piteira Santos:

— Como os de 26 de Agosto de 1931, com pessoas fuziladas. Depois as deportações em massa, o saque

de residências de oposicionistas, o envio para o exílio de onde, na maior parte dos casos, como o dos exilados para Timor, nunca mais se voltava. Mais tarde o Tarrafal, Caxias, Peniche, a violência dos interrogatórios, os «curros», etc. Toda a gente sabe que a violência era o ritual da polícia política de Salazar. Não só com o seu consentimento, que era pleno, como com o seu estímulo. Lembremos um discurso de Salazar em que ele, conhecendo as sevícias praticadas nas prisões à ordem da PIDE, falou «nuns quantos safanões dados a tempo».

3) Pergunta de Luís Saias:

— Do conhecimento que tem no que se refere ao mecanismo do regime, pensa que seria possível levar a cabo uma operação como a que ditou o assassinato de Humberto Delgado, sem o aval de Salazar? Acha que, por exemplo, os seus ministros do Interior...

Resposta de Piteira Santos:

— Começo por aquilo que o dr. chama **ministro do Interior**. No caso de Santos Junior, como no caso de outros ministros, o cargo era apenas um pseudónimo. Nos arquivos de Salazar havia provas suficientes de que ele comandava directamente todas as operações da PIDE. Salazar recebia «recados» diários do que acontecia. Exigia-o. De resto, é difícil acreditar que Silva Pais, por exemplo, tenha actuado relativamente à morte do general Delgado, sem «luz verde» do seu supremo chefe hierárquico. E vejamos-se os homens escolhidos para a operação. Rosa Cação, que foi seu fotógrafo oficial, portanto um homem em quem ele tinha confiança profunda. Barbieri, cujas relações com o presidente do Conselho eram directas e sempre desejadas. Salazar, todos sabemos, — disse ainda o dr. Piteira Santos — seguiu o poder, sobretudo, à custa destes dois organismos: a PIDE, em primeiro lugar, e a Censura. As Forças Armadas, também, mas menos, visto que a confiança não podia alcançar os

mesmos parâmetros, porque sempre houve militares que conspiraram. E assim, a Censura, pelo silêncio imposto, a PIDE, pelo medo semeado, ajudaram a talhar uma falsa imagem do ditador. Imagem que ninguém minimamente honesto (e vejamos-se os livros do professor Franco Nogueira), poderia considerar. Ao contrário do que se apregoa, as suas virtudes deixavam muito a desejar. Até a do seu desapego aos bens materiais é bem desmentida pela preocupação que ele sempre mostrou pela sua conta na Coimbra Editora.

O dr. Ponte Valentim, advogado do réu Tienza, não gostou que «lhe» tocassem no seu «querido Salazar». Foi um espectáculo triste, só desculpável pela fase avançada do exercício do seu ministério. São muitos anos de foro e demasiados anos de fascismo. Tirando isso, o dr. Ponte Valentim até é boa pessoa.

Outras coisas referentes ao funcionamento do regime fascista vieram à baila ontem em Santa Clara: a facilidade com que se praticava toda a espécie de ilegalidades, como o furto, a falsificação, a troca, a destruição, enfim, a violação de correspondência, que para a PIDE era o pão de cada dia; as prisões sem julgamento; as brutalidades; as interferências em território estrangeiro, sem respeito pela soberania dos países amigos ou não, etc., etc.

Mas há para aí gente responsável (e também irresponsável) que parece disposta a copiar este estado de coisas. O que quer dizer que, para além do julgamento em si, o chamado «Caso Delgado», para lá do esclarecimento do crime, tem outra virtude: a de recordar tudo quanto se pretende esquecer ou, em alternativa, tudo o que uns quantos senhores pretendem reviver com capa de outras coisas.

O julgamento prossegue na próxima quarta-feira.

Josué da Silva

ALIMENTAÇÃO RACIONAL

A SOVEX ao passar o seu 18.º aniversário oferece nas compras no seu estabelecimento o desconto de 10% (dez por cento) durante o mês de Março de 1980.

Temos grande variedade de produtos para:
DIABÉTICOS — OBESOS — NATURISTAS — INFÂNCIA

ALIMENTAÇÃO MACROBIÓTICA, ETC.

FAÇAM-NOS UMA VISITA OU CONSULTEM-NOS

SOVEX

Rua Passos Manuel, 80-A/B — LISBOA

TELEF. 56 09 48 - 53 77 87

CÂMARA MUNICIPAL DE CORUCHE SAUDAÇÃO

— A Câmara Municipal de Coruche em sua reunião de 29.02.80, deliberou saudar, neste momento que sofrem na carne as arbitrariedades e violências do MAP, todos os trabalhadores de UCPs e Cooperativas Agrícolas não só do nosso Concelho como de todo o Alentejo e Ribatejo, reafirmando-lhes toda a solidariedade combativa na defesa das conquistas de Abril e das Liberdades.

Coruche, 29 de Fevereiro de 1980

NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 306
REFERENTE A MARÇO

Se desejais evitar a doença e curar-vos dos vossos males pelos meios puramente naturais, assinal já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral podendo estar certos de que pelos ensinamentos recuperareis mais bem-estar e alegria de viver.

Director e proprietário: DR. INDIVERI COLUCCI

Do sumário destacamos os seguintes artigos:

- Um apelo ao PRIMEIRO-MINISTRO DR. SÁ CARNEIRO
- Ao Superior critério do Dr. MORAIS LEITÃO, Ministros dos Assuntos Sociais
- Desassombro e digno depoimento de um distinto Médico-Alopata
- Boa Receptividade das populações do País ao reconhecimento da Naturopatia por parte do Governo
- Como Resistir à Enfermidade
- Um Eco de Londres
- Mais um exemplo (bem triste) dos efeitos perniciosos da Quimioterapia
- A Televisão caberá importante papel no confronto entre duas Medicinas
- Gratidão e Justiça
- Indiveri Colucci responde a Gentil Martins
- A Guerra aos comprimidos
- O Cancro do seio
- Luta anti-alcoólica
- Não pense que tem sempre a sua digestão assegurada
- Um Ressuscitado pela Naturopatia
- Etc., etc.

TODOS OS PEDIDOS DEVEM SER DIRIGIDOS

A ESTA ADMINISTRAÇÃO

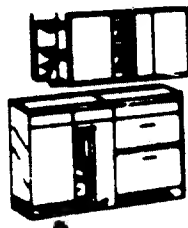
RUA ANTERO DE QUENTAL, 35, 1.º (ao Intendente)

Telefone: 55 64 98

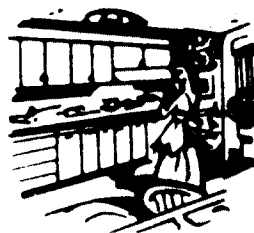
Assinatura anual 200\$00 — semestral 120\$00

Estrangeiro, 350\$00 — número avulso, 25\$00

Carpintaria e Marcenaria CALDAS Lda.



COZINHAS



MODELADAS

R. Heróis Ultramar, 6-A
Tel. 251 2712 — SACAVEM

ENSINO

“Revisores” dos programas oficiais

A lei de bases do sistema educativo já preparada, será posta à discussão pública após o dia 7 de Abril, revelou hoje o ministro da Educação, Vítor Crespo.

O ministro, que conferia posse aos novos directores gerais do FAOJ (Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis), Emílio Pires, e do Equipamento Escolar, Quadros Martins, referiu também a falta de instalações escolares e anunciou um plano de emergência de construções.

Vítor Crespo disse que o seu Ministério e o das Obras Públicas terão concluído no dia 1 de Outubro um programa especial de construção de onze escolas para os ensinos Preparatórios e Secundário e que as construções actualmente em curso serão aceleradas.

Sobre programas de ensino actuais, o ministro sublinhou que irão ser proporcionados aos estudantes «melhores programas no sentido dos conhecimentos e no sentido educativo, removendo as incoerências e o que lhes resta de sectário, deseducativo e que, por tendencioso,

não conduz à formação de espíritos livres, críticos e culturalmente identificados com a realidade nacional».

Os professores que irão rever os actuais programas serão em breve nomeados, adiantou o ministro que referiu apenas aguardar-se a saída do respectivo Decreto-Lei.

Depois de falar sobre a situação daqueles que aguardam entrada no Ensino Superior, o ministro disse que para o próximo ano o sistema escolar do Ensino Superior será alargado e serão criados novos cursos de características interdisciplinares, dos quais referiu os de Administração Escolar e das Ciências da Comunicação.

Antes de sublinhar a importância que o seu Ministério atribuiu à «profissionalização dos professores», Vítor Crespo anunciou que no Conselho de Ministros da passada semana foi aprovado um Decreto-Lei e uma Portaria que estabelecem os quadros de pessoal auxiliar das escolas e que define as suas funções.

Problemas da vida universitária

As associações de estudantes das várias Faculdades da Universidade Clássica de Lisboa analisaram os problemas que condicionam a vida universitária.

As questões mais importantes submetidas a análise e abordadas em conferência de imprensa na Faculdade de Letras foram a definição de uma verdadeira autonomia universitária, a situação marginal dos trabalhadores-estudantes, e a rápida institucionalização das funções da RIA (Reuniões-Inter-Associações).

A gestão dos serviços sociais universitários foi mais uma vez posta em causa e responsabilizada pela situação degradada nas cantinas universitárias.

Concluíram os estudantes e também uma vez mais que «só através da gestão democrática e com a participa-

ção a nível da academia e, também, a nível nacional, será possível encontrar soluções para obviar a situações idênticas no futuro».

Os aumentos das bolsas de estudo decretadas recentemente pelo Governo foram consideradas insuficientes. Em Outubro, as associações de estudantes tinham entregado um memorando fundamentado, no qual se indicava como base máxima o montante de 5.500 escudos, tendo o aumento decretado pelo Governo atingido apenas os 5000 escudos. Foi também acentuado que depois de uma melhoria considerável de 74 a 76, os quantitativos têm descido progressivamente, atingindo níveis inferiores aos de 1970.

Esta questão tem reflexos na indefinição da situação dos trabalhadores-estudantes, cujo apoio pedagógico é nulo.

Reforma Agrária

Entrega de reserva a absentista inviabiliza UCP “25 de Abril”

— A luta vai reacender nas próximas semanas

MONTE-MOR-O-NOVO, 8 (Do nosso enviado especial, Lourdes Faria) — Aos automobilistas em trânsito ontem à noite, na estrada que passa por Montemor-o-Novo, deparou-se-lhes um espectáculo surpreendente. Mesmo dentro da vila, bem à vista, centenas de trabalhadores, máquinas agrícolas e um rebanho de ovelhas, eram uma verdadeira acusação ao Governo de Sá Carneiro pela sua política relativamente à Reforma Agrária.

Apesar do frio cortante e da chuva, mantiveram-se ali durante toda a noite enrolados em capotes alentejanos e mantas, a entregar comunicados a quem circulava na estrada. Horas antes, de manhã, tinha sido destruída a UCP “25 de Abril”, com a entrega de uma reserva de 554 hectares na Herdade Vidigal e Anexos, aos herdeiros de João Baptista Reis Malta.

Essa reserva foi um golpe mortal para a UCP, na medida em que abrange as suas melhores terras. Para os 45 cooperantes que nela trabalham restam somente 244 hectares de terra má.

Os trabalhadores aguentaram das 9 às 17 horas dentro da herdade, à espera talvez de um milagre. A GNR, por outro lado, com «jeeps» e cavalos cumpriu o papel de sempre. Quando a tarde estava já a descair para a noite, sob o comando do capitão Jerónimo dos Santos, com escudos e viseiras, a GNR expulsou os trabalhadores da área da reserva. A cerca de um metro dos assalariados agrícolas, os guardas iam a passo. Os trabalhadores também. Nos cabeços grupos assistiam seguindo com atenção os movimentos dos guardas, sobretudo da fileira montada a cavalo, que não chegou a intervir.

«Andamos a noite passada a tirar da herdade as nossas coisas: alfaias e máquinas. O gado ainda lá ficou, mas havemos de voltar» — disse ao «DL» um dos dirigentes da UCP “25 de Abril”.

Garantiu-nos ainda de que tudo o que existe na Herdade Vidigal e Anexos (agora reserva) foi feito pelos trabalhadores: três pavilhões para a engorda de porcos, dois barracões, separados, uma garagem e uma barragem.

João Baptista Reis Malta, pai dos reservatários, conhecido na zona pela alcunha de «Perna de borracha» na altura do 25 de Abril atravessava uma crise muito difícil em matéria de dinheiros.

Estava praticamente falido. Jogador e morfinómano, dissipou uma fortuna. Agora os seus filhos receberam do MAP uma herdade bem tratada, semeada de ponta a ponta, a produzir como deve ser. Contra esta ilegalidade, os trabalhadores protestam. A família de Malta, como absentista que é, segundo a lei, teria direito apenas a uma reserva de 35 000 pontos.

Essa explicação vem aliás expressa no comunicado que os trabalhadores continuam a distribuir em Montemor-o-Novo, ainda hoje.

EM ARRAIOLOS NÃO HOUVE DESISTÊNCIA

Eram precisamente 19 e 45 quando os trabalhadores da UCP Santana do Campo e da Cooperativa da Tourega, ambos do concelho de Arraiolos, começaram a retirar com as máquinas agrícolas da Praça Lima Brito, naquela vila.

Mesmo ao lado, as forças da GNR, dentro dos «jeepes» encostados aos tractores, interrogavam-se para onde iria a caravana. Talvez lhe passasse pela cabeça que os trabalhadores se dirigiam para a Herdade da Oleirita (onde se encontra o sr. Potes) e daí a pressa com que se foram plantar lá. Cálculo errado, porque os trabalhadores dispersaram.

Dois dias e duas noites estiveram na Praça, em frente da Câmara Municipal, sem dormir. Foi a população que lhes trouxe comida, vinho e fogo, num gesto de solidariedade.

Retiraram deixando na vila as marcas da sua presença através dos panos colocados nas ruas, em que se reclama «pão e trabalho» e o «Governo de Sá Carneiro para a rua». Dum momento para o outro, Arraiolos tornou-se colorida, com inscrições a vermelho nas paredes brancas das casas dos agrários.

Retiraram-se sem desistência, pois está em jogo o seu posto de trabalho. As reservas da Oleirita e da Tourega atiram cerca de 100 trabalhadores para o desemprego.

Uma situação melindrosa que foi exposta ao governador civil de Évora, Mariana Calhau Perdigão, da AD, por uma delegação, de trabalhadores de Arraiolos. Ao lhe ter sido colocado o problema do desemprego, o chefe do distrito, que recebeu também uma reserva aventou a hipótese do trabalho na estrada como forma de solução. Só que a referida senhora parece desconhecer que já foram despedidos inúmeros trabalhadores das estradas por haver uma sobrecarga.

Outras diligências têm sido efectuadas junto dos órgãos de soberania. Ainda ontem partiu para Lisboa, a fim de contactar com os grupos parlamentares do PS, PC e MDP, uma delegação constituída pelo presidente da Câmara Municipal de Arraiolos e por representantes das Cooperativas da Tourega e Santana do Campo.

«Nós queremos a suspensão das entregas de reservas e ainda uma resposta no respeitante aos frutos pendentes» — afirmou um elemento do Secretariado Concelhio das Cooperativas e UCP's de Arraiolos.

Na Herdade da Oleirita estão 200 hectares de seara pertencentes aos trabalhadores, por tratar. O trigo precisa de ser adubado e as forças da GNR não deixam os trabalhadores entrar na herdade. Forças que guardam com persistência as costas do agrário Potes. Até para ir à missa em Arraiolos, tem de levar a protecção de dois «jeepes» da GNR.

«Eles sabem que a disposição dos trabalhadores é de voltar às reservas mal a GNR saia de lá» — disse um elemento do Secretariado.

Entretanto a luta em defesa da Reforma Agrária está a alargar-se por todo o País.

Para os próximos dias 25, 26 e 27, foram marcados plenários informativos nas zonas industriais. No dia 4 haverá no Porto uma jornada de solidariedade que consta da distribuição de comunicados e de uma manifestação.

Prevê-se ainda a realização de reuniões das organizações sindicais de todos os sectores, que se debruçarão sobre as formas de luta a adoptar. As próximas semanas vão ser, possivelmente, muito quentes.

Em Benfica Camelo do “Zoo” vai lá amanhã

«Zaida», um apresentável e garboso do «Zoo» de Sete Rios, uma vez mais, deixará amanhã, por algumas horas, o bulício e os seus «clientes» do Jardim Zoológico de fim-de-semana, para se passear, impante e pesado, pelas artérias e bairros da freguesia de S. Domingos de Benfica. «Zaida», como o próprio nome indica, é uma fêmea de duas bossas, cor castanha acinzentada, com 13 anos de idade. Há oito anos que vive no «Zoo» de Lisboa, depois de abandonar os pais, que deixou em Francoforte, na RFA. Pesa milhar e meio de quilos e tem cerca de 2,5 metros de altura.

A dócil «Zaida», que há uma semana saiu do convívio dos seus três companheiros (mas não do Zoo) propriamente dito, todos portugueses (três camelos de uma bossa nascidos em Sete Rios), treina-se desde a passada segunda-feira, em turnos de duas horas por dia, para não sentir a mudança. Esses passeios fá-los no Zoo e pelos arredores.

O passeio de domingo é o segundo que «Zaida» efectua. O primeiro, há ainda quem o recorde, foi há dois anos, mais precisamente em 25 de Abril de 1978. Amanhã, em S. Domingos de Benfica, «Zaida» vai colaborar no início das sessões de animação cultural e espectáculos infantis promovidos pela Associação de Amizade Internacional à Criança.



Electricidade de Portugal, EDP
/Empresa Pública

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo domingo, 9 de Março, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE ALMADA: Quebra Joelhos, Ministro, Pontinha, Laranjeiro, Eucaliptos, Fogo, Previdência, Rato Velho, Fundação, Marquês e Passarinheiro, das 08h 00m às 12h 00m.

CONCELHO DO SEIXAL: Santa Marta de Corroios, Banheira, Paço, Diques e Raspadeira, das 07h 30m às 11h 00m.

CONCELHO DE SETÚBAL: Vale da Rosa, das 07h 30m às 12h 00m.

Lisboa, 8 de Março de 1980

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E.P.
ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL

Manuel Fernandes Camacho

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA AGRICULTURA DO DISTRITO DE LEIRIA CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Em conformidade com os artigos 33 e 34 dos Estatutos, convoco todos os sócios para uma Assembleia Geral Extraordinária a realizar no dia 23/3/80 pelas 11 horas na Sede do Sindicato, sita na Rua Moimho do Corvo no Bombarral, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS
Ponto único — Alteração dos Estatutos

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Saraiva Leão

PUB



SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

Convocam-se os Enfermeiros associados deste Sindicato para votação de alteração dos Estatutos — art.ºs 15.º, 72.º e 73.º

As Assembleias de Voto vão ter lugar em 21/3/80, das 9 às 21 horas, na sede do Sindicato e nos locais mencionados em Comunicados emitidos e distribuídos pelo Sindicato junto das Instituições.

Lisboa, 5 de Março de 1980.

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 6, 3.º — LISBOA — TEL. 4 17 51

CONVOCATÓRIA

O Presidente da Mesa da Assembleia
Vitorino Baptista de Carvalho

Duas greves seguidas na CP

Comboios podem parar durante três dias

O País poderá ficar sem comboios durante três dias, na próxima semana, caso se concretizem as greves já anunciadas oficialmente pelas organizações sindicais do sector, envolvidas num conflito laboral que desde há algumas semanas se encaminha para o impasse.

Inicialmente, os sindicatos que representam a esmagadora maioria dos trabalhadores da CP (Ferroviários, Quadros Técnicos) anunciaram uma greve de 24 horas para o dia 12, quarta-feira. Ontem, por seu turno, o Sindicato (paralelo) dos Maquinistas apresentou um pré-aviso de greve de 48 horas, para os dias imediatos (quinta e sexta-feira).

O cumprimento das matérias acordadas entre sindicatos e conselho de gerência, no ano passado, e a consagração de um conjunto de condições de trabalho e pecuniárias (excepto tabelas salariais) que particularmente sensibilizam os trabalhadores constitui, aparentemente, o centro da controvérsia em qualquer dos processos negociais. No entanto, estes decorrem em separado, dado que o Sindicato dos Maquinistas continua a marginalizar-se do conjunto das restantes organizações sindicais, encabeçadas pela Federação dos Ferroviários.

Daí derivam algumas particularidades. Assim, a Federação e restantes sindicatos lutam pela generalização do subsídio de refeições, das promoções, e do prémio de efectividade de serviço, que até agora beneficiam uma pequena minoria de trabalhadores. Os maquinistas, por outro lado, acrescentam reivindicações específicas quanto a alojamento, refeitórios, aspectos de regulamentação e técnicos de segurança e circulação, redução do horário de trabalho, actualização do subsídio de deslocação, etc.

Tanto a Federação dos Ferroviários como o Sindicato dos Maquinistas exigem a publicação e aplicação correcta dos regulamentos emergentes do ACT negociado no ano passado, no

que respeita a carreiras, formação, concessões, etc.

Os sindicatos admitem a possibilidade de o conflito vir a ser desbloqueado, caso o conselho de gerência reconsidere a posição negativista que assumiu ao longo das reuniões. Na segunda-feira haverá negociações entre a Federação e o CG. Não estão previstas conversações idênticas com os maquinistas.

Caso se concretizem as greves agora anunciadas, o tráfego ferroviário em Portugal ficará suspenso entre as zero horas do dia 12 e as 24 horas do dia 14.

PARAMÉDICOS MARCAM GREVES

Os técnicos auxiliares dos centros de saúde do Norte e Centro vão entrar em greve nos próximos dias 19 e 20, como forma de pressionar a Secretaria de Estado da Saúde a determinar o pagamento do vencimento actual e dos respectivos retroactivos, de acordo com a lei.

A decisão foi aprovada durante uma assembleia geral realizada no Porto, ficando igualmente decidido que haverá nova paralisação nos dias 26, 27 e 28, caso a reivindicação não seja satisfeita.

Durante qualquer das paralisações «será salvaguardada a prestação dos serviços mínimos indispensáveis, para ocorrer à satisfação das necessidades sociais imprevisíveis».

SECTOR AUTOMÓVEL: GREVE NACIONAL

Delegados sindicais do sector automóvel da zona Norte ratificaram, em reunião efectuada no Porto, a decisão do plenário de sindicatos outorgantes do CCTV de convocar uma paralisação total do sector para a próxima quinta-feira, durante todo o dia.

Na origem desta posição está a recusa do patronato em prosseguir as negociações directas, «num aproveitamento claro e oportunista da tática divisiva

nista da Fetese e Fesintes no seio da CNS», segundo se lê na resolução aprovada.

Os mesmos delegados aprovaram uma moção de solidariedade com a Reforma Agrária e uma saudação ao III Congresso da CGTP-IN.

RENAULT: 90% DE ADESÕES

A greve de quatro horas na fábrica Renault (Guarda), ontem, contou com uma adesão de 90 por cento.

Os trabalhadores paralisaram para obrigarem a administração da empresa a satisfazer, nomeadamente, reivindicações salariais e a efectuar promoções.

A paralisação, caso a situação se mantenha, repete-se na segunda-feira, durante cinco horas. Nos dias seguintes, o período de greve será aumentado de uma hora por dia, até se atingir a totalidade do horário de trabalho.

No que respeita às reivindicações salariais, os trabalhadores pretendem um aumento de 25 por cento, com retroactivos a Janeiro. A administração oferece aumentos de 15 por cento.

F. RAMADA: O LOGRO

A CT da empresa F. Ramada de Ovar admite a hipótese de paralisação a partir da próxima terça-feira, caso o conselho de administração não altere a sua posição quanto a várias reivindicações apresentadas. Nesse sentido será decisivo um plenário a realizar na segunda-feira.

Recorda-se que a greve foi suspensa no dia 3, por uma semana, em consequência da posição assumida pela administração ao afirmar que «sempre esteve disposta a negociar, mas que o não faria enquanto a fábrica não voltasse à laboração normal». Após a suspensão da greve a administração «não só não se sentou à mesa das negociações, como fez sair mais um dos seus comunicados atacando e caluniando os membros da CT/CI».

A mão direita de Bárbara

«A entidade patronal deve proporcionar aos menores que se encontrem ao seu serviço condições de trabalho adequadas à sua idade, prevenindo de modo especial quaisquer danos ao seu desenvolvimento físico, espiritual e moral». (n.º 1 do art. 121.º da Lei do Contrato Individual de Trabalho)

Chama-se Bárbara. 16 anos. Faces muito rosadas, olhos brilhantes e um tanto maliciosos. Aquela mistura de timidez e jovial irreverência das donzelas campestres dos romances de Júlio Diniz, dos quadros de Columbano ou dos filmes de Pasolini.

Encontrou-me no gabinete acompanhada pelo pai. Homem de 50 anos. Curtido pelo sol dos campos saloios da Malveira. Curvado das múltiplas artroses, escolioses e escleroses da servidão. «Mostra a mão», disse o pai.

A Bárbara, com um sorriso de desafio e falsa indiferença, tirou a mão direita de detrás das costas e pôs-na, morta, sobre a mesa.

Só numa longínqua semelhança se poderia ver naquilo uma mão humana. Mais fazia lembrar uma dessas batatas de formas anárquicas e caprichosas, com muitos pequenos rebentos e mamilos, que por vezes saltam da terra e que tanto divertem os cavadores.

Bárbara continuava em silêncio. Sem perder de todo a sua jovialidade, vi-lhe no entanto ruborizarem-se-lhe ainda mais as faces e

perpassar-lhe nos olhos um relâmpago de vergonha quase agressiva.

«Conte lá como foi», perguntei eu, embora adivinhando já a resposta.

Foi ainda o pai quem tomou a palavra.

«Saiba V.ª Ex.ª que foi numa máquina lixadeira. Eu já pouco faço no campo e a minha senhora que já não pode trabalhar, está em casa. Temos cinco filhos. Esta, a Bárbara, é a do meio. Arranjou trabalho por seis meses, como operária, numa grande oficina de marcenaria lá próximo da nossa terra. Na altura ainda não tinha 15 anos. Ao fim de uma semana de trabalho puseram-na a trabalhar sozinha com uma grande máquina eléctrica lixadeira. Uma semana depois, quando estava a meter uma tábua na máquina, a mão escorregou-lhe e foi logo esmagada pelos rolos. Foi uma sorte terem logo desligado a máquina, senão ficava-me lá».

Enquanto ouvia o relato do pai, Bárbara ouviu a esconder a mão atrás das costas. Notei que os lábios se lhe comprimiam e que a jovial arrogância com que entrara, se dissipava de todo. Quando a olhava, baixava os olhos. Vi-a levar apressadamente o lenço florido ao rosto, julgo que para secar uma lágrima. Vi-a deixar cair o lenço, baixar-se a apanhá-lo com a mão esquerda, levantar-se bruscamente, fungar, sacudir a cabeça e perfilar-se de novo, perseguida a sua própria dignidade.

E Bárbara então falou, de olhos no chão: «Se a máquina tivesse o protector, eu não tinha ficado assim».

Sem querer, movida por qualquer intuição, Bárbara

VÍTOR RIBEIRO*

tinha afinal respondido à pergunta que lhe iria fazer a seguir.

«Então não tinha protector?»

«Não. Tinham-no tirado para poderem fazer outros trabalhos com a máquina. Diziam que tinha sido muito cara, que os juros eram altos e que era preciso aproveitá-la bem...»

Lá se foram. A Bárbara e o pai.

Vim depois a apurar que nessa oficina trabalhavam cerca de 20 menores entre os 14 e os 18 anos, com boa percentagem de raparigas. Que eles eram a quase totalidade dos operários da oficina e que tinham, invariavelmente, contratos a prazo de seis meses. Salários muito baixos. Entre os 4000 e os 5000\$00. Salários que, por lei, só a menores se podem pagar. Vim também a saber que o da Bárbara não era o primeiro acidente grave naquela oficina.

E agora, Bárbara? Que vai ser de ti quando esmorecer essa alegria adolescente que ainda te ilumina o rosto? Que lágrimas chorarás quando descobrires que a afeição criminosa de uma qualquer traficante de crianças de Responsabilidade Limitada, te pôs uma batata disforme no lugar da tua mão direita?

* O dr. Vítor Ribeiro é delegado do Ministério Público junto do Tribunal do Trabalho de Lisboa, e reputado especialista em questões jurídicas suscitadas pelos problemas de segurança e higiene no trabalho.

ANDARES

CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO

COMERCIALIZAÇÃO DE FOGOS CONSTRUÍDOS AO ABRIGO DE CONTRATOS DE DESENVOLVIMENTO PARA HABITAÇÃO

Localização: VALE DA AMOREIRA - BAIXA DA BANHEIRA

ENTRADA DESDE 30 000\$00

N.º DE ASSOALHADAS	PREÇOS DE VENDA	PRESTAÇÕES MENSAIS
3 área: 74,93 m2	desde 698 c.	desde 3604\$
4 área: 92,65 m2	desde 844 c.	desde 4354\$
5 área: 105,65 m2	desde 942 c.	desde 4862\$

Prontos a habitar.

Entrega das chaves na assinatura do contrato-promessa de compra e venda.

A comercialização é directa e por ordem de inscrição.

No acto da inscrição paga-se uma quantia de 10 000\$00.

Empréstimos com taxas de juro bonificado, até 95% do preço da venda.

Isenções de impostos (sisa e contribuição predial).

Comercialização nos SMH da Câmara da Moita (telef. 2390005)

Visitas no local todos os dias.

Os SMH da Moita apenas intervêm na comercialização dos fogos.

Início da comercialização: 10 de Março de 1980

28 de Fevereiro de 1980

O Presidente da Câmara Municipal
José António M. de Brito Apolónia

PUB



Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira

Rua 18 de Janeiro, 13 - tel. 52 783 - Marinha Grande

CONVOCATÓRIA

Assembleia Geral Extraordinária

Nos termos da al. b) do Art.º 39.º e para fins previstos na al. e) do Art.º 37.º dos Estatutos (aquisição de bens imóveis), convoca-se uma reunião extraordinária da Assembleia Geral para os próximos dias **29, 30 e 31 de Março de 1980**, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1 - Deliberar sobre uma proposta da Direcção, de eventual aquisição de um andar para instalar a sede da Secção Regional do Sul do nosso Sindicato;
- 2 - Informações.

A assembleia funcionará descentralizadamente por Zonas, nos seguintes locais, datas e horários:

ZONA	DATA	HORA	LOCAL
Norte	29/3	(a)	Sede da Secção Regional do Norte Rua Firmeza, 365 - Salas 21 e 22 - Porto
Centro	31/3	(a)	Teatro Stephens - Marinha Grande
Sul	30/3	(a)	Sindicato dos Trabalhadores da Imprensa Largo da Trindade, 16-1.º - Lisboa

(a) Esta assembleia extraordinária funcionará 15 minutos depois de terminada a assembleia ordinária marcada para a mesma data e local

Marinha Grande, 3/3/80

A Mesa da Assembleia Geral

O Congresso da CGTP

Temos força para levar o Governo a demitir-se

— asseverou Manuel Lopes, do Secretariado Nacional

O III Congresso da CGTP-IN prossegue esta manhã no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, ainda com a discussão na especialidade dos projectos de Programa de Acção e do Caderno Reivindicativo apresentados pela respectiva Comissão Organizadora (CNOG).

No início dos trabalhos de ontem foram votados na generalidade não só os dois documentos citados, como dois outros, alternativos, que tinham sido levados ao Congresso por um grupo de sindicatos, dos quais ressaltam o dos Marinheiros Mercantes de Portugal. As propostas da CNOG foram aprovadas com 1579 votos a favor e 41 contra (de 13 sindicatos).

Entremeadas, ao longo do dia, com intervenções dos elementos das delegações estrangeiras, começaram de seguida as dezenas de delegados que, no essencial, carregaram elementos justificativos, aos diversos níveis, das propostas que estão em discussão. Particular realce e dimensão assumiram os temas relacionados com a Reforma Agrária, contratação colectiva e organização, além do divisionismo.

Os trabalhos de ontem ficaram ainda assinalados por duas intervenções de membros do secretariado, Manuel Lopes e Álvaro Rana, além de uma outra de José Luís Judas que, de improviso, defendeu antes da votação na generalidade, os projectos apresentados pela CNOG para o Programa de Acção e para o Caderno Reivindicativo.

Uma outra intervenção que suscitou longos aplausos e até a condescendência da mesa no que se refere ao tempo concedido, foi a do actor Rogério Paulo que defendeu a Federação, em embrião, para os espectáculos e músicos, além de um projecto socialista no que se refere ao sector das suas actividades.

MANUEL LOPES:
«...TEMOS A FORÇA
SUFICIENTE...»

«Nós sabemos que temos a força suficiente para impedir a destruição do regime democrático e para obrigar este Governo a cumprir ou, então, se necessá-

rio, a demitir-se» — afirmou Manuel Lopes na sua intervenção de ontem.

«Temos a razão do nosso lado» — tinha justificado pouco antes. «É o nosso futuro e o dos nossos filhos que está em causa. Nós acreditamos que o futuro é dos trabalhadores».

Ao longo do seu discurso, largamente aplaudido, Manuel Lopes dizia ainda, referindo-se ao Governo: «Queiram ou não Sá Carneiro e Freitas do Amaral, esta Constituição existe e vigora, por isso exigimos que seja respeitada e se o Governo não a cumpre é ele que tem de ser substituído e não a Constituição».

Só que, como dizia o dirigente da CGTP, «este Governo não cumprirá, nunca, a Constituição, nem respeitará o regime democrático e se alguém tem dúvidas que veja as posições assumidas na passada terça-feira visando dois órgãos constitucionais».

Para Manuel Lopes, os objectivos do actual Governo («do grande capital e das multinacionais») são acabar com a propriedade colectiva dos meios de produção, alterando o modelo económico constitucionalmente consagrado, e fazer recair sobre

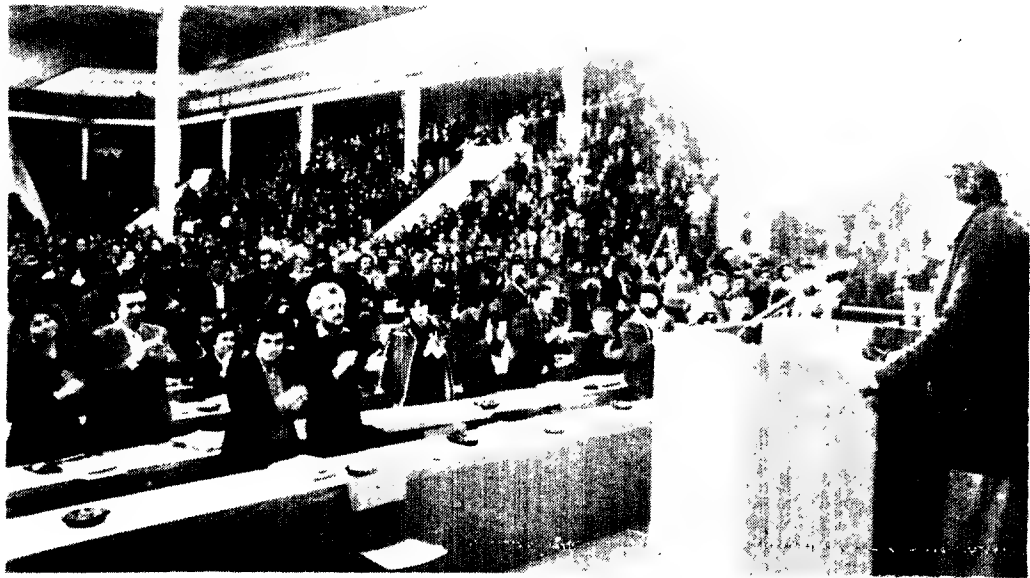
os trabalhadores o peso da crise económica que o País atravessa.

Só que, diz, as alternativas são: a favor da planificação democrática da economia ou pela sua subordinação aos monopólios e latifundiários e das multinacionais. Mais: ou pela propriedade colectiva dos principais meios de produção ou pelas indemnizações com regresso do patronato. E, ainda: pelo desenvolvimento económico em favor da satisfação das necessidades dos trabalhadores contra uma outra que a tal não atende.

ÁLVARO RANA:
REFORÇO DOS CONTACTOS
COM O ESTRANGEIRO

O reforço e alargamento dos contactos com as organizações sindicais estrangeiras e internacionais de todas as tendências e regiões do mundo foi ontem, mais uma vez, defendida pela CGTP-Intersindical Nacional, através de uma intervenção de Álvaro Rana, do seu Secretariado Nacional.

«A CGTP-IN entende que é necessário incentivar a luta pela



Rogério Paulo quando falava ao III Congresso sobre os problemas que se põem aos trabalhadores de espectáculos

paz, pelo desanuviamento e contra as tentativas de retomar o clima de «guerra-fria» dos anos 50, assim como pelo fim da corrida aos armamentos, na perspectiva de alcançarmos a dissolução simultânea e controlada dos blocos militares e conquistarmos a nossa suprema ambição, a paz definitiva no mundo» — dizia Álvaro Rana.

A actividade internacional da CGTP foi o núcleo da intervenção daquele sindicalista, com uma referência inevitável ao crescente prestígio da central sindical portuguesa, resultante da alta representatividade que efectivamente detém.

As relações diversificadas da

Confederação foram especificadas por A. Rana, desde as organizações da Europa capitalista aos sindicatos dos países socialistas, passando pelos americanos. Além dos contactos com a FSM (com sede em Praga) e com a CMT (sediada em Bruxelas).

Referindo-se ao interesse que a CGTP-IN tem pela sua entrada na Central Europeia de Sindicatos (CES), Rana justificou-o com a necessidade de debater os problemas dos trabalhadores europeus e de acompanhar e coordenar as lutas, particularmente as que resultam do poder das multinacionais.

Além disso, a eventualidade da entrada de Portugal na CEE

constitui mais um factor abonatório das desejadas ligações com a CEE. No que se refere à CEE, o orador, reconhecendo a realidade económica, política e social que constitui, recusou o modelo económico aí representado, «uma vez que é dominado pelo capital monopolista e sobretudo pelas sociedades transnacionais».

Saudando os povos que neste momento lutam pela sua libertação e os que estão em via de a conseguirem, Rana dizia: «Os trabalhadores portugueses, porque até há bem pouco tempo sentiram bem vivo o ferrete da opressão e do fascismo, não esquecerão nunca a luta abnegada e os sofrimentos dos seus irmãos de classe de outros países».

ESTRANGEIROS
COM EANES

O presidente da República recebe hoje vários dirigentes sindicais estrangeiros que participam no III Congresso da CGTP - Intersindical.

A delegação é chefiada pelo representante da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Jacques Vittori, do serviço de ligação com os trabalhadores.

Vittori é acompanhado por Gerard Fonteneau, secretário-geral adjunto da Confederação Mundial do Trabalho (CMT) e por Enrique Pastorino, secretário-geral da Federação Sindical Mundial (FSM), além de representantes da Organização de Unidade Sindical Africana, da Confederação Internacional de Sindicatos Árabes e do Congresso Permanente da Unidade Sindical dos Trabalhadores da América Latina (CPUSTAL).

Apresentada lista única
para o novo Secretariado

Ao terminar o prazo para apresentação de listas para o novo Secretariado Nacional da CGTP-IN, a mesa do III Congresso anunciou ontem que «felizmente» (Kalidás Barreto) apenas tinha aparecido uma candidatura pela mão do Secretariado cessante.

A votação respeitante a este órgão da CGTP-IN será feita ainda esta noite. A lista única que foi apresentada é subscrita pelo Secretariado cessante e integra 45 nomes, na sequência das alterações do número de componentes entretanto aprovadas. Anteriormente, o Secretariado tinha 35 elementos.

Eis a lista completa dos sindicalistas propostos para efectivos, começando pelos que já integravam o mesmo órgão: Alice Rocha; Álvaro Rana; Antero Martins; Armando Teixeira da Silva; Belmiro Alves; Carlos Carvalho; Gualdino Reis; João Pacheco Gonçalves; Joaquim Calhau; José Alberto Dinis; Santana Costa; José Encarnação; José Ernesto Cartaxo; José Luís Judas; Kalidás Barreto; Manuel Freitas; Manuel Carvalho da Silva; Manuel Lopes; Maria do Carmo Tavares; Maria Emília Castro; Rogério Torres; Ruben Rolo e Waldemar Henriques.

Outros elementos propostos para membros efectivos: An-

tónio Quintas (Metalúrgicos de Setúbal); Carlos Trindade (Portaria, Vigilância e Limpeza); Florival Lança (U. S. de Lisboa); Francisco de Sá Pereira (U. S. do Porto); Gaspar Militão Ângelo (Pescadores de Matosinhos); José da Costa Oliveira (Construção Civil de Braga); Manuel Vicente (Agricultores de Évora); Maria da Conceição Ramos (Serviço Doméstico); Maria de Jesus Carvalho (Federação do Comércio); Rosa Maria Marques (Função Pública do Sul e Açores).

Quanto aos suplentes que já integraram o Secretariado temos os seguintes: Custódio Ferreira; António Calarrão e Diamantino Alturas. Pela primeira vez, são propostos: António Gonçalves (Carnes do Sul Inácia Lopes (Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas); Joaquim Almeida da Silva (Metalúrgicos); Maria do Céu Jesus (Têxteis da Guarda); Armando Alves da Silva (Escritórios de Viana do Castelo); Joaquim Maria Lourenço (Indústrias Transformadoras de S. Miguel); Quintino Aguiar (Construção Civil de Lisboa); José Jorge Ferreira (Metalúrgicos de Coimbra); e Fernando Amaro da Silva (Hotelaria de Faro).

SINDICATO

DOS TRABALHADORES

DOS TRANSPORTES FLUVIAIS

ABERTURA DE CÉDULAS MARÍTIMAS
PARA O TRÁFEGO LOCAL

INSCRIÇÃO DE CANDIDATOS

Após diligências efectuadas junto das Autoridades Marítimas, prevê-se para breve a abertura de um número limitado de inscrições marítimas, na área do porto de Lisboa e na categoria de Marinheiro de 2.ª Classe do Tráfego Local, pelo que, todos os interessados na prestação de trabalho na profissão e na situação de procura do primeiro emprego ou desempregados, deverão dirigir-se à Sede desta Associação Sindical, Travessa do Cotovelo, n.º 37 - 3.º Esq.º em Lisboa (junto ao Largo do Corpo Santo), no período compreendido entre 10 a 14 de Março p.f., das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, munidos do Bilhete de Identidade.

Lisboa, 8 de Março de 1980
PEL' A DIRECÇÃO
(assinatura ilegível)

CÂMARA MUNICIPAL

DE CORUCHE

MOÇÃO

— Considerando que o Governo através do MAP continua a cometer ilegalidades (entregas de reservas) pondo em risco os postos de trabalho de numerosas famílias.

— Considerando a entrega ilegal das reservas nas herdades de Águas Belas e Pingali no nosso Concelho, apesar das justas contestações dos trabalhadores.

— Considerando as provocações dos agrários e seus lacaios aos trabalhadores, protegidos por uma centena, aproximadamente, de praças da G.N.R.

A Câmara Municipal de Coruche em sua reunião de 29.02.80 deliberou aprovar por maioria absoluta (votaram contra, os dois Vereadores da AD) a seguinte moção:

1 — Exigir que cessem de imediato as arbitrariedades e ilegalidades do MAP.

2 — Que se cumpra a Constituição da República.

3 — Que cessem as «invasões» do nosso Concelho por forças da G.N.R., pondo em causa as conquistas e liberdades do 25 de Abril.

4 — Responsabilizar em nome das classes trabalhadoras do Concelho o MAP e todos os coniventes por esta política anti-constitucional.

Coruche, 29 de Fevereiro de 1980

Após mais de cem anos
de silêncio

A TRAGÉDIA
DA RUA
DAS FLORES

o último
romance inédito
de Eça de Queiroz

"o melhor e mais interessante
que tenho escrito até hoje"

(carta do escritor não datada)

Fixação do texto e notas
de João Medina e A. Campos Matos
Prefácio de João Medina

uma edição de MORÆS Rua do Seculo, 34-2º Lisboa

distribuição DIGLIVRO

Vietname: a questão dos refugiados (III)

Cidade de Ho Chi Minh — Há no Vietname uma «psicose da partida», dizem fontes autorizadas das Nações Unidas, em Ho Chi Minh, ex-Saigão. Mas quando se interrogam as autoridades vietnamitas sobre a questão dos refugiados a resposta desconcerta: «isso não é um problema novo».

Encontrar os motivos destas duas afirmações é essencial para compreender uma situação que internacionalmente faz correr rios de tinta.

Outra questão essencial para compreender poderá ser, simplesmente, ver.

Observar ex-Saigão, por exemplo. Uma cidade-ferida de guerra, onde três milhões de pessoas se acotovelam entre bairros pobres, edifícios coloniais, hotéis «made in USA» e braços de rio cheios de barcos-habitação.

Megulhar nas ruas e mercados (alguns «negros») da actual ex-Saigão, quatro anos e meio passados sobre a libertação da presença e influência americana, é sentir ainda o odor e a viscosidade social não libertas totalmente do parasitismo, do desemprego e subemprego, da marginalidade e, sobretudo, do desenraizamento.

Numa rua, num mercado, numa loja encontra-se um homem ou uma mulher que, em inglês americanizado, fala do sonho de partir, de abandonar uma sociedade que lenta mas prudentemente se vai afastando daquela a que foram habituados e que tombou em 30 de Abril de 1975.

No rosto da antiga Saigão é ainda patente a psicose da fuga, de sintomas internos e externos.

Quem, e porquê, sai do país? «Pelas suas implicações humanas e políticas — afirma um dirigente vietnamita — este problema não pode ser tratado com tiradas e slogans sobre direitos humanos. É necessário analisá-lo no actual contexto de um Vietname com múltiplos problemas resultantes de várias décadas de guerra e mais de um século de colonização».

A questão dos refugiados circunscreve-se praticamente ao sul do país, à antiga República do Vietname, de capital Saigão, hoje reunificada com o Norte na República Socialista do Vietname.

A frieza das estatísticas mostra, por si só, a impressionante destruição da guerra. Mais difícil será contabilizar a destruição social e moral da população.

As munições americanas não accionadas que, segundo as próprias estatísticas norte-americanas, ficaram no Vietname oscilam entre 150 e 300 mil toneladas. As mortes continuam a ser diárias. Só na provincia sulista de Quang Nam morreram 3700 pessoas em três anos.

Os inválidos de guerra são calculados em 360 mil. No Sul do país ficaram um milhão de viúvas e 800 mil órfãos e crianças abandonadas.

Mas a derrota e retirada americana deixou atrás de si a principal questão: os desenraizados.

Os factos de as tropas norte-americanas e governamentais não controlarem, durante a guerra, as zonas rurais e montanhosas esteve na origem da política de urbanização forçada que, somada aos efeitos dos bombardeamentos maciços, levou 10 milhões de pessoas a abandonarem as suas aldeias e a concentrarem-se nas cidades sem indústrias nem empregos.

No início da intervenção americana, em 1960, o Vietname tinha 15 por cento da população nas cidades e 85 por cento no campo. No termo da guerra, só 35 por cento dos habitantes viviam em zonas rurais, enquanto 65 por cento se aglomeravam em cidades superpovoadas.

O exército regular sul-vietnamita, enquadrado pelos americanos, e as forças policiais

tinham um contingente de 1,2 milhões de pessoas. No total, estima-se que milhão e meio de pessoas viviam de salários pagos pelo orçamento americano.

Para essa sociedade vivia uma pesada estrutura de serviços, comércio e traficância. Em 1975, 300 mil empresas estavam registadas como «comerciantes», o dobro das firmas industriais.

O auxílio militar e económico anual dado pelos Estados Unidos ao Vietname do Sul atingia dois mil milhões de dólares, que garantiam a subsistência de milhões de pessoas que não participavam no trabalho produtivo.

A reunificação do Vietname foi assim encontrar, no Sul do país, três milhões de desempregados, centenas de milhares de prostitutas e drogados, dezenas de milhares de marginais, centenas de milhares de soldados e policiais desmobilizados do exército de Thieu, um milhão de doentes por subnutrição e centenas de milhares afectados por doenças venéreas, bem como quatro milhões de analfabetos.

A ruína material e social logo se juntou o corte de todo e qualquer auxílio económico, o qual, prometido por Nixon nos acordos assinados em Paris, em 1973, nunca chegou a ser concretizado.

O colapso do regime de Thieu originou, em 1975, uma ponte aérea organizada pelos Estados Unidos que retirou do país 150 mil pessoas mais directamente envolvidas com o regime derrotado. Entre eles contavam-se comandantes e oficiais do exército, membros e altos funcionários do Governo de Saigão, abastados comerciantes e industriais.

Com estes, que obviamente tinham um motivo para fugir, outros partiram. Segundo Nguyen Than Lê, destacado dirigente do Partido Comunista do Vietname, sem qualquer razão. «Fugiram pelo pânico gerado pelas campanhas de propaganda anticomunista segundo as quais o novo poder massacraria toda a população», afirma Lê.

A partir dessa altura sempre se registou um fluxo de gente partindo. A situação, comum também ao Kampuchea e ao Laos, é naturalmente encarada pelas autoridades destes países. A mudança gradula para outro tipo de sociedade, as destruições materiais e sociais resultantes da guerra, a perda de privilégios, são razões apontadas para este exodo.

«Porém — nota o dirigente vietnamita — esses que saíram, entre 1975 e 1978, nunca despertaram grande atenção na opinião pública internacional».

De facto, em 1978 surge um novo problema: os Hoa.

Esta é a designação dada à população de ascendência chinesa que vive no Vietname e noutros países do Sueste asiático.

Concentrados junto à fronteira norte com a China e no bairro de Cho Lon, na cidade de Ho Chi Minh, viviam no Vietname 1,5 milhões de hoas, entre os 50 milhões de habitantes do país reunificado.

A sua presença no país remonta há vinte séculos, desde que calamidades naturais fizeram os primeiros chineses refugiarem-se no Vietname. Aí mantêm os usos e costumes, incluindo a língua materna, embora integrando-se progressivamente na sociedade vietnamita.

Favorecidos pela colonização francesa, os hoas garantiram um estatuto que praticamente interrompeu o processo de integração na sociedade vietnamita e gradualmente passaram a controlar as redes do comércio, particularmente próspero com o afluxo de dólares e mercadorias americanas.

A derrocada norte-americana

Fernando Cascais, ANOP/DL

atingiu em especial os hoas, e os mais abastados foram dos primeiros a partir, em 1975.

Quando o Governo do Vietname reunificado começou a lançar as cooperativas e lojas estatais de abastecimento, novo golpe foi vibrado nos interesses de grande parte da população hoa, cujas maiores empresas foram encerradas a partir de Março de 1978, juntamente com

firmas controladas por vietnamitas.

A gradual destruição das relações capitalistas na ex-Saigão foi considerada pelas autoridades de Pequim uma medida discriminatória contra a população chinesa. Esta foi a causa próxima da violenta campanha antivietnamita dirigida por Pequim contra o Vietname, a propósito dos hoas.

Inicialmente, a China ofereceu refúgio aos hoas, que foram incitados a partir. Mas os 160 mil que se dirigiram à China acabaram por ver a fronteira norte fechada, por alteração da estratégia chinesa.

A tensão junto à fronteira aumentou, até à eclosão da guerra fronteiriça de Fevereiro/Março de 1979. O espectro da guerra e o próprio conflito fizeram aumentar o fluxo de partidas, o que tornou a população hoa a maioria dos refugiados do Vietname.

Ao mesmo tempo, a opinião pública internacional foi confrontada com a questão dos refugiados do Vietname.

«Mas enquanto a política chinesa se mantiver, com a ameaça de ataque iminente, o exodo continuará», conclui Nguyen Than Lê.

Para funcionários responsáveis das Nações Unidas, na cidade de Ho Chi Minh, a evacuação de refugiados entrou na fase decisiva, com embarques para os Estados Unidos, ao mesmo tempo o fluxo geral vai diminuindo.

A maioria dos refugiados, segundo esses funcionários, são hoas, mas que não querem regressar à China, pretendendo destinos como os EUA, a RFA, a Itália, a Suíça ou a Austrália. A recusa de partir para países em desenvolvimento é praticamente generalizada, o que é significativo relativamente ao tipo de sociedade que procuram reencontrar.

Os refugiados que a imprensa internacional consagrou como os «boat people» diminuem. Por um lado, devido ao programa de evacuação que organizações internacionais, em acordo com as autoridades vietnamitas, têm vindo a desenvolver. Por outro lado, porque o Governo de Hanói combate redes «piratas» dedicadas, em troca de considerável ouro, à organização de fugas por mar.

As próprias autoridades não escondem que foram detectados casos de corrupção nos serviços estatais, relacionados com o problema dos refugiados.

Entretanto, cumpre-se o acordo celebrado entre o governo e o Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados sobre «a partida de pessoas da República Socialista do Vietname». Nos termos desse acordo é autorizada a saída a todos quantos desejem fixar-se noutros países, dependendo o fluxo das partidas das disponibilidades desses mesmos países.

Segundo o governo vietnamita, basta que quem queira abandonar o país tenha familiares no estrangeiro ou que tenha apoio humanitário assegurado noutro país para obter a autorização para sair, pelos canais organizados pelos serviços do Alto Comissariado da ONU.

Para Nguyen Tahan Lê são claras as condições objectivas que levam muitos a abandonar o país, pelo menos nesta fase, e o problema é internacionalmente agitado com intuítos políticos de «enfraquecimento da posição do Vietname».

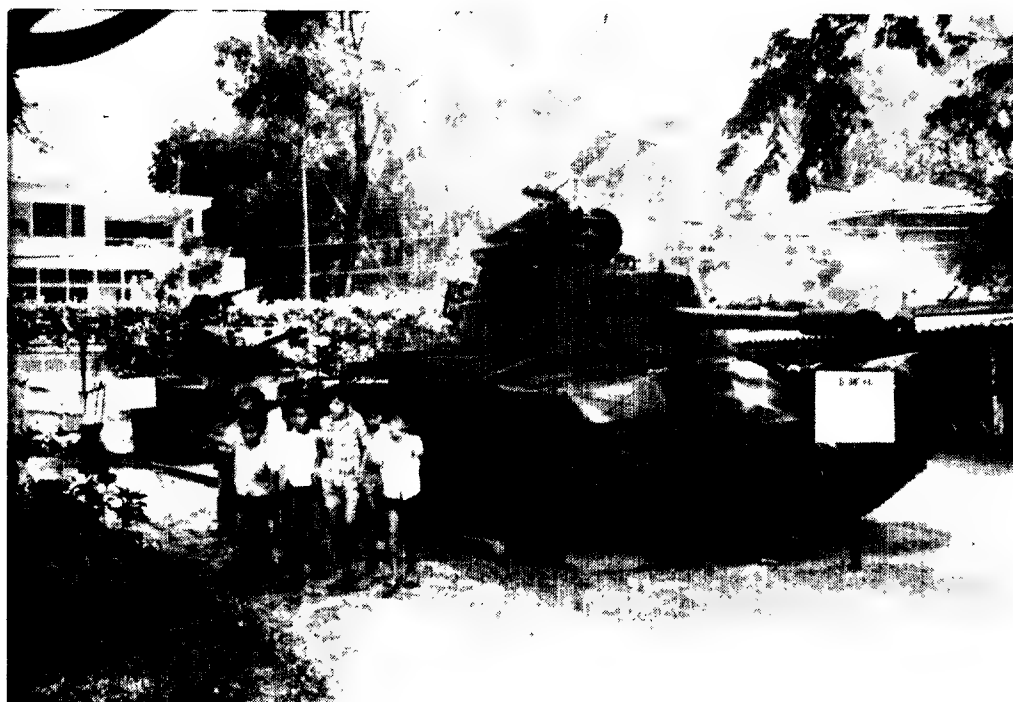
Considera-se em Hanoi que se o auxílio económico norte-americano à reconstrução do país tivesse sido cumprido e se os dirigentes de Pequim não tivessem desencadeado as hostilidades contra o Vietname, a chamada «psicose» da fuga nunca teria surgido com a amplitude registada.

A responsabilidade pelos refugiados, para Hanoi, não pode recair sobre os países do Sueste asiático, mas sim «e em primeiro lugar, sobre os Estados Unidos».

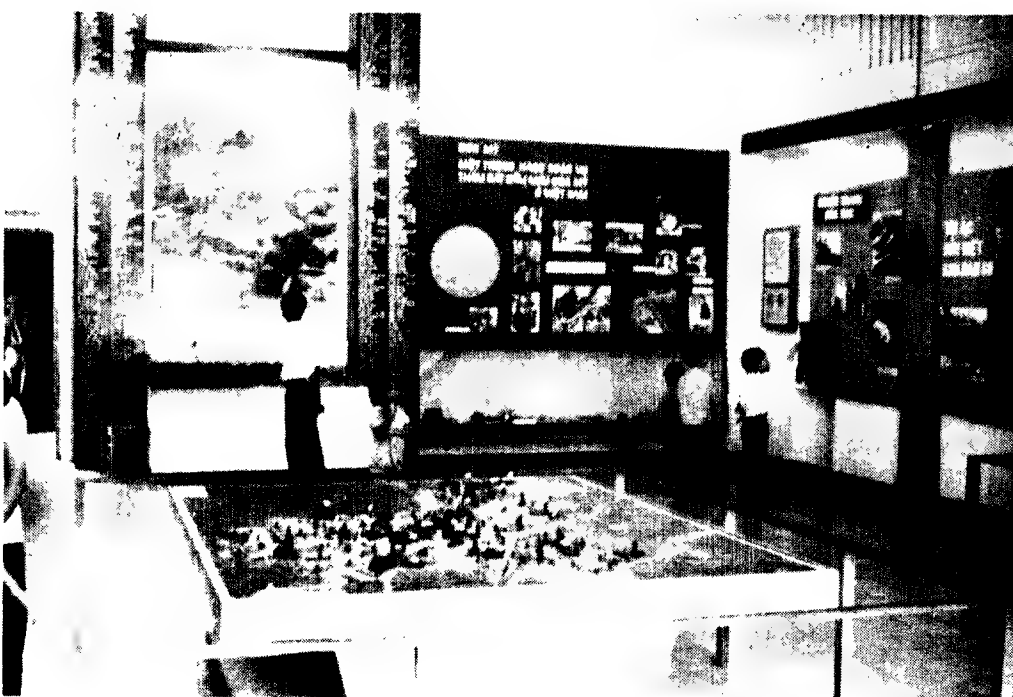
Países industrializados como os Estados Unidos dizem os dirigentes vietnamitas, têm aceite sobretudo, como refugiados, técnicos e intelectuais, deixando a grande massa de refugiados a cargo de países da região, como os da ASEAN (Tailândia, Singapura, Indonésia, Malásia e Filipinas).

«A vida no nosso país não são rosas, mas ninguém é forçado a abandoná-lo. Se o faz, é por razões económicas, cujas causas são visíveis», afirma Lê.

«Ninguém poderá pensar que o governo vietnamita tem qualquer vantagem, política ou económica, nesta questão. O fluxo de saídas, sobretudo de técnicos, desorganiza a economia e perturba a ordem social». O dirigente vietnamita conclui: «Forçar uma situação como essa seria masoquismo».



Uma «recordação» da guerra



Um museu para guardar a memória dos horrores do passado



Barcos-habitação: uma herança da ingerência americana

ASIA

Impasse em Teerão

Os militantes muçulmanos na embaixada dos Estados Unidos, afirmaram hoje que não permitirão ao ministro dos Negócios Estrangeiros, Sadeg Ghotbzadeh, que tome sob custódia os cinquenta reféns norte-americanos.

Em entrevistas telefónicas, os estudantes disseram que tinham decidido não entregar os reféns a Ghotbzadeh e que o prazo das 5 horas (13h30 TMG) não seria cumprido.

A rádio Teerão anunciara hoje de manhã que os estudantes tinham aceite ordem do «ayatollah» Khomeiny devendo entregar os reféns às 5 da tarde, hora local a representantes do Conselho Revolucionário.

Quarenta e cinco minutos depois a rádio anunciara que o ministro dos Negócios Estrangeiros aceitara tomar a responsabilidade dos americanos para o que se deslocaria à Embaixada às 5 da tarde.

Nas entrevistas telefónicas os estudantes disseram que não abandonariam a Embaixada porque têm «mais revelações no seguimento da descoberta de documentos na Embaixada».

Acordo CEE-ASEAN assinado ontem em Kuala Lumpur

A Comunidade Económica Europeia (CEE) assinou ontem em Kuala Lumpur (Malásia) um importante acordo de cooperação económica, comercial e cultural com a Associação dos Países do Sueste Asiático (ASEAN). Trata-se do primeiro acordo do género que a CEE assina com uma organização económica regional. A cerimónia assistiram mais de 500 pessoas, entre as quais se salientam os representantes das nações que «dialogam com a ASEAN»: EUA, Canadá, Japão, Austrália e Nova Zelândia.

Pela ASEAN, assinaram os ministros dos Negócios Estrangeiros da Malásia, Indonésia, Filipinas, Tailândia e Singapura. Pela CEE, o presidente do Conselho de Ministros da Comunidade, Atilio Ruffini, e o vice-presidente da Comissão, Wilhelm Haferkamp.

O acordo foi considerado pelo primeiro-ministro malaio, Datuk Hussein, como «acontecimento

marcante nas relações externas da ASEAN, enquanto Ruffini afirmaria que a ASEAN e CEE eram «parceiros naturais» devido à complementaridade dos respectivos interesses bem como à orientação económica de ambos os grupos. «A ASEAN tem um potencial económico excepcional e uma das mais importantes taxas de crescimento, a nível mundial», acrescentou Ruffini.

Para além da cláusula de nação mais favorecida, o acordo económico CEE-ASEAN engloba oito outros pontos de cooperação, tendo os signatários afirmado a intenção de promover o aumento e diversificação das trocas comerciais mútuas e de estudarem o modo de ultrapassar as barreiras económicas.

As duas partes passarão a cooperar em todos os ramos da economia, farão investimentos

mutuamente vantajosos, incrementarão o progresso técnico e científico e desenvolverão a pesquisa de novos mercados e a criação de novos postos de trabalho.

Para a concretização prática destas finalidades, será criado um Comité de Cooperação, que porá em vigor o acordo «o mais rapidamente possível». Para tanto, haverá reuniões de dirigentes da CEE e da ASEAN, em regime rotativo, nas capitais de todos os países interessados no acordo, a começar, este ano, por Manila.

A reunião entre os ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE e da ASEAN gerou, ainda, a publicação de um documento comum virado para a conjuntura internacional, onde são severamente criticadas as intervenções da URSS no Afeganistão e do Vietname no Kampuchea.

Políticos paquistaneses exigem regime civil

Dirigentes de partidos políticos ilegalizados desafiaram publicamente os governantes militares do Paquistão e exigiram o regresso ao poder civil.

Os políticos da extinta Aliança Nacional do Paquistão chefiada por Maulana Mufti Mahmud, declararam que o país está a atravessar o período mais perigoso da sua história. Impõe-se a estabilidade política para enfrentar grave ameaça representada pela «intervenção militar» da

União Soviética no vizinho Afeganistão — frisaram.

Os políticos e duzentos partidários reuniram-se durante dois dias a fim de analisarem a situação política.

Uma resolução, contendo doze exigências, apela ao presidente paquistanês, general Zia-ul-Haq, para que tome medidas imediatas e positivas com vista a ressuscitar o processo político e a possibilitar a instalação de um governo eleito.

AFRICA

Zimbabwe: atraso nas conversações

O primeiro-ministro rodesiano designado, Robert Mugabe, poderá vir a adiar a constituição do seu governo, dado não haver ainda total acordo entre os dois chefes da Frente Patriótica sobre a composição do gabinete.

A informação não oficial foi colhida junto de fontes dos partidos de Mugabe e Nkomo e indica que Nkomo ainda não aceitou a Presidência da República ou qualquer outro posto oferecido pelo futuro primeiro-ministro.

Joshua Nkomo também teria recusado a inclusão de apenas cinco membros da ZAPU no elenco ministerial de vinte elementos, reivindicando a atribuição de nove pastas, incluindo as da Defesa e dos Negócios Estrangeiros.

Prosseguem as discussões entre os dois dirigentes da Frente Patriótica, enquanto uma fonte da ZANU, vencedora absoluta das eleições, dizia que este partido deseja firmemente a unidade com o de Nkomo, «mas não a qualquer preço».

Entretanto, o líder rodesiano branco, Ian Smith, deu uma clara indicação de que pretendia manter-se na política, apesar da maciça vitória eleitoral de Mugabe, e do advento do regime de maioria, a que em tempos prometeu resistir por 1000 anos.

O antigo primeiro-ministro falou na sua primeira conferência de Imprensa desde a esmagadora vitória de Mugabe ter sido anunciada, na terça-feira passada.

Interrogado sobre se participaria no Governo de coligação que Mugabe está a formar, disse: Por muito que eu gostasse de o evitar... quando alguém, na

Rodésia de hoje, é chamado servir o país, não tem escolha.

● GUINÉ EQUATORIAL — Violações dos Direitos Humanos e o despotismo continuam existir na Guiné Equatorial, apesar do derrube do presidente Macias Nguema, em Agosto do ano passado — declara um relatório das Nações Unidas, elaborado pelo professor Fernar Volio Jimenez, diplomata Costa Rica que visitou o país. Novembro, a pedido da Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas. O professor Volio salientou hoje aqueles 43 países que a Guiné Equatorial se encaminha para outro regime despótico. novos dirigentes militares adotaram a política do seu atecese sobre o trabalho forçado e plantações de Cacau na principal, Bioko (ex-ilha Mac Nguema) e nada estavam a fazer para garantir os direitos fundamentais do povo.

● ANGOLA — Um dos principais objetivos das autoridades angolanas em 1980 será «trabalhar com os bandos fantoches da UNITA», na província do Benguela, cuja capital do mesmo nome encontra a setecentos quilómetros a sueste de Luanda, afirmou o comissário provincial num entrevista ao «Jornal de Angola».

Jamba Ya Mina, membro do Comité Central do MPLA — Partido do Trabalho, considera que o «problema militar, está em vias de ser resolvido na província Bié». «Os bandidos estão organizados e não têm medo de se reorganizar».

Conversações sobre o Afeganistão?

A Grã-Bretanha e a União Soviética tiveram novas conversações sobre um plano do Mercado Comum para tornar o Afeganistão neutral e não-alinhado, revelaram funcionários britânicos.

Anunciaram que as discussões se efectuaram a nível diplomático, em Londres e Moscovo.

Enquanto isto, observadores ocidentais julgam saber que a URSS está a aumentar a presença militar no Afeganistão, preparando agora uma segunda etapa contra os «rebeldes» de-

pois de há uma semana terem «limpado» a região de Khunar, no Norte do país.

Por outro lado, o exército soviético deu início a uma «ponte» aérea entre Cabul e Moscovo para retirar as famílias dos conselheiros civis e militares soviéticos no Afeganistão. Segundo a AFP, pensa-se que isso indica estar em curso uma nova etapa da acção da URSS no país. A mesma agência pensa que Moscovo poderá discutir eventualmente a «neutralização» do Afeganistão, mas só depois de ter esmagado a «rebelião».

VENDE-SE
CARRINHA PEUGEOT 404 DIESEL
EM BOM ESTADO DE CONSERVAÇÃO
R. CASTILHO, 185-1.º
(das 9 às 12 H)

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Trabalhadores de Saúde não abrangidos pelo Decreto-Lei 62/79, de 30 de Março, para uma Reunião Conjunta a realizar na Sala de Conferências do Hospital D. Estefânia, no dia 12/3/80, às 16.30 h, a fim de analisarem a situação criada a estes trabalhadores e decidir posições a tomar face a sua desigualdade em relação a outros trabalhadores de Saúde do MAS.

Lisboa, 5 de Março de 1980
PEL'OS SINDICATOS

ROGÉRIO PERNES

S. R.
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alentejo-Algarve que se refere o processo 8/65 055, arquivo 5460, para o estabelecimento, na freguesia de S. João Baptista, concelho de Beja, da remodelação do Posto de Transformação 15.09.23 com adaptação para o Posto de Transformação e Seccionamento (PS. 15.45.41); Linha subterrânea a 15 KV, com 455 metros, do Posto de Seccionamento 15.45.41 ao Posto de Transformação e Seccionamento do Regimento de Infantaria de Beja.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral.

Repartição de Licenciamento, em de Janeiro de 1980

O DIRECTOR DE SERVIÇOS,
José Flores

S. R.
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Conselho de Aljezur em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o Processo 8/66 374, Arquivo 5460, para o estabelecimento, na freguesia e concelho de Aljezur, de uma linha a 15 kv, com 637 metros, constituída por um troço aéreo com cerca de 157 metros e um troço subterrâneo com cerca de 480 metros, entre o apoio n.º 6 da linha para o Posto de Transformação n.º 5 e o Posto de Transformação n.º 6 da Urbanização do Vale da Telha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 27 de Fevereiro 1980

O DIRECTOR DE SERVIÇOS,

José Flores

NUMIFILARTE,
LDA.

CALÇADA DO CARMO N.º 25
S/LOJA ESQ.
Telefones: 32 35 13 e 36 52 07

FILATELIA

JUNTO AO ROSSIO

SELOS — MOEDAS

NOTAS ANTIGAS
COMPRA E VENDE

ADQUIRIMOS NOVO STOCK DE SELOS
INCLUINDO EM USADOS AS BOAS TAXAS
SATISFAZENDO QUALQUER PEDIDO
DESCONTO SUBSTANCIAL, SOBRE O CATÁLOGO
ENVIAMOS SELOS À COBRANÇA
ABERTO AO SÁBADO, DAS 9.30 AS 13 HORAS

S. R.
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º d. Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/66 342, Arquivo 4560, para o estabelecimento, na freguesia de Alfândão, concelho de Ferreira do Alentejo, de linha a 15KV, com comprimento total aproximado de 175 metros, constituída por um troço aéreo com cerca de 165 metros e um troço subterrâneo com cerca de 10 metros, entre o apoio n.º 2 70 da linha para o posto de transformação de alfundão e o posto de transformação de Alfredo João Carvalho (Herdeiros), em Alfândão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 28 de Fevereiro de 1980

O DIRECTOR DE SERVIÇOS,

José Flores

CONSULTÓRIO ESCRITÓRIO

ALUGA-SE

3 boas salas no melhor local de Odivelas, em prédio novo. Telf. 914535

EDITORIAL MIR

PUB

Livro científico e técnico da URSS

I. Bobilev, N. Pigarev,
N. Potokin, V. Potokin

GANADERIA



Título: *Ganaderia*
Autores: Bobilev, I./Pigarev,
N./Potokin, V.
Editora: MIR—Moscovo
Preço: 391\$00
Código: 02.01.196

Título: *Géologie Structurale*
Autor: Beloussov
Editora: MIR—Moscovo
Preço: 279\$00
Código: 02.02.149



CENTRALES
TERMO-
ELECTRICAS

Título: *Centrales Termoelectricas, 2 volumes*
Autor: Rzhikhin, V. Ya
Editora: MIR—Moscovo
Preço: 816\$00
Código: 02.01.181

Título: *Nuclear Power Stations*
Autor: Margulova, T.
Editora: MIR—Moscovo
Preço: 391\$00
Código: 02.03.233

POWER STATIONS

METAL
PROCESS
ENGINEERING

Título: *Metal Process Engineering*
Autor: Polukhin, P./Grinberg,
B./Kantepik, S.
Editora: MIR—Moscovo
Preço: 326\$00
Código: 02.03.230

Título: *Theory of Metallurgical Processes*
Autores: Volsky, A./
Sergievskaya, E.
Editora: MIR—Moscovo
Preço: 282\$00
Código: 02.03.223

THEORY
OF
METALLURGICAL
PROCESSES

CD a distribuição

EUROPA

Depois das eleições de amanhã

Espanha a meio caminho entre federalismo e centralismo

MADRID, 8 (Do nosso correspondente Fernando Jauregui) — Amanhã domingo, vão realizar-se eleições para o Parlamento Autônomo nas três províncias do País Basco. Deste Parlamento irá sair um novo governo basco, que, previsivelmente, será formado pelo Partido Nacionalista Basco (PNV), um partido moderado do ponto de vista político e económico (de confessada ideologia democrata cristã), mas profundamente nacionalista, tocando por vezes as raízes do separatismo.

Todas as previsões dão o PNV como vencedor. De facto, e segundo as sondagens, poderá obter entre 13 a 25 dos 60 lugares do Parlamento Basco. O seu líder, Carlos Garaicoechea, um jovem de Navarra, ex-director de uma fábrica de «foie-gras», será, provavelmente, encarregado de formar o governo autónomo ainda que reste saber se fará ou não coligação com outras forças políticas da região.

Existe grande expectativa quanto à política pós-eleitoral do PNV cujo quadro de alianças variou desde uma amizade com a UCD, de Suarez — com quem redigiu o Estatuto de Autonomia para o País Basco — até à sua quase inadvertida aproximação com a coligação independentista Euzkadimazkerra apoiada pela ETA político-militar. A imprensa ultradireitista de Madrid, como o diário «El Alcazar», anuncia que «segunda-feira, o País Basco pode acordar independentista», aludindo precisamente a um presumível «entendimento» entre as forças nacionalistas. Claro que os militares declaram «não estar na disposição» de tolerar qualquer acção «que ponha em perigo a unidade da pátria».

Todo este clima criou uma atmosfera de enorme tensão à volta das eleições para a autonomia de Euzkadi. É praticamente certo que a coligação Herri Batasuna, principal inimigo

do governo de Madrid e apoiada pela ETA militar, obterá pelo menos sete lugares no parlamento regional, enquanto a Euzkadiko Ezkerra conseguirá três ou quatro. Em qualquer caso, estas três forças dividirão entre si mais de metade dos lugares, sendo maioritárias em relação às forças «centralistas»: socialistas, comunistas, a UCD e, talvez, a direita «Aliança Popular», que poderá obter um lugar.

Nas últimas eleições legislativas de 1 de Março, a coligação Herri Batasuna obteve 150.000 votos, num total de um milhão e meio de votantes, e as previsões indicam um aumento de votação nos independentistas nas eleições de domingo.

Contrariamente, a UCD, que conseguiu nas legislativas mais 18 mil votos que a Herri Batasuna, parece ter perdido parte do seu eleitorado devido a uma política ambígua quanto às autonomias. Sucederá, provavel-

mente, a mesma coisa nas eleições para o Parlamento Autônomo da Catalunha no próximo dia 20 de Março, apesar das viagens eleitorais que Suarez empreendeu ao País Basco e vai efectuar à Catalunha.

Quando os processos de autonomia da Andaluzia, do País Basco e da Catalunha ainda não começaram a funcionar, a UCD tem de começar a pensar em encetar os que ainda faltam: Galiza, Região Valenciana e as Canárias. Há quem pense que é uma tarefa demasiado grande para um governo especializado na improvisação e com a sua solidade abalada.

De qualquer forma, a partir de domingo, será inaugurada uma nova forma de estado espanhol, e a Espanha ter-se-á convertido numa nação de autonomias — a meio caminho entre o federalismo e o centralismo. Resta saber se a experiência será positiva.

Políticos italianos agitam-se no meio de uma vaga de escândalos

O secretário-geral do PS italiano, Bettino Craxi, conferenciou ontem em Roma com os dirigentes comunistas (Enrico Berlinguer) e Republicano (Spadolini) para debater a perspectiva

de nova crise governamental.

Para os socialistas a questão que se põe é esta: manter o governo Cossiga (afectado por uma série de escândalos) prejudicando a sua imagem eleitoral,

ou fazê-lo cair abrindo uma situação para a qual não existem de momento situações de alternativa? Este cenário, que preocupa a esquerda italiana, e que a leva a movimentar-se em contactos interpartidos está longe de ser uma novidade. Agora a crise reveste-se de outros aspectos (que também não são muito novos): se a democracia-cristã se vê, uma vez mais, envolvida em lama até ao pescoço, parece que os socialistas desta vez também não estão muito bem. Dentro de dias vai reabrir um escândalo relacionado com a aquisição de petróleo saudita no qual estariam envolvidas personalidades afectas ao PSI. Por outro lado, a comissão de inquérito ao assassinio de Aldo Moro foi dissolvida, ao que parece por se provar que um elemento do PS, nela integrado, tinha ligações com um dos detidos, suspeito dirigente das Brigadas Vermelhas.

Por outro lado, se a DC se afundou no escândalo de concessões de crédito da «Italcasse» (que levou à prisão de dezenas de banqueiros e homens de negócios e que ontem suscitou a apreensão de 44 passaportes) o certo é que no caso estão envolvidos também os secretários administrativos dos partidos democrata-cristão, socialista, social-democrata e republicano...

Desta confusa vida política italiana só uma formação política parece emergir isenta de mácula: o Partido Comunista. Mas todas as negociações políticas visam exactamente tentar passar sem ele no governo...

Mensagem de Brejnev para Tito

Leonid Brejnev reafirmou implicitamente o respeito que a independência da Jugoslávia merece à URSS na mensagem que enviou em 2 do corrente ao marechal Tito indicaram em Belgrado de fonte oficial.

Segundo o porta-voz oficial Mirko Kalezić, a mensagem do número um soviético exprime «a disponibilidade da URSS em continuar a desenvolver as relações e a cooperação com a Jugoslávia em conformidade com os princípios fixados nos documentos conjuntos, princípios c-ses que constituem uma base duradoura de tais relações».

Os referidos princípios dizem respeito à soberania, à autonomia, à independência e à não ingerência nas questões de cada parte.

A comunicação de Brejnev constitui uma resposta a uma mensagem que lhe tinha sido dirigida pelo marechal Tito em 21 de Fevereiro último.

● ROMÉNIA — Os romenos vão ser chamados às urnas no domingo para eleger os 369 deputados que constituirão a grande assembleia (Parlamento) e para renovar as assembleias dos departamentos e os conselhos municipais.

Os candidatos pertencem todos à «Frente para a Democracia e Unidade Socialista»

MÉDIO ORIENTE

Sírios retiraram de Beirute

Forças sírias de dissuasão iniciaram ontem a sua planeada retirada de determinados pontos da capital libanesa (Beirute), onde foram substituídas por tropas libanesas. A presença síria manter-se-á, porém, no sector ocidental (muçulmano) da cidade. Os progressistas libaneses e os palestinos estão contra essa substituição porque consideram o exército libanês dominado pelos direitistas. Ao mesmo tempo, o presidente Sarkis iniciava consultas com dirigentes parlamentares e das milícias, a fim de estabelecer um plano de salvação nacional do país.

Um jornalista da IPS revela hoje, por sua vez, que as autoridades libanesas estão dispostas a estabelecer um pacto com a Síria, única forma de garantir a estabilidade do país. Para esse efeito serão travadas discussões em Damasco entre uma delegação militar de alta patente libanesa e altos funcionários militares sírios.

dos Negócios Estrangeiros onde ouviram as queixas israelitas: as declarações dos Governos em causa põem em cheque os «progressos no caminho da paz».

Recorde-se que Londres e Bona deram indicações sobre a hipótese de virem a reconhecer o direito dos palestinos à autodeterminação, na sequência do «escândalo» causado por Giscard d'Estaing, o qual, na sua presente digressão pelo Golfo Pérsico, surpreendeu o Ocidente com as suas afirmações pró-palestinas. Indício de uma viragem na CEE? Assim se pensa. Para Giscard ganhou bastante petróleo e vendeu uma boa porção de armas.

Hoje Giscard visita a Jordânia, onde lhe está reservado um acolhimento popular emocionante em reconhecimento pela viragem diplomática euro-ocidental que Giscard parece ter feito de-tonar.

AMÉRICA

Banca nacionalizada em El Salvador

Soldados ocuparam todos os bancos e filiais em S. Salvador imediatamente depois da Junta Civil-Militar, no poder no país, nacionalizar ontem a banca.

A nacionalização registou-se um dia depois da introdução da reforma agrária para distribuir terras pelos camponeses.

O membro da Junta, António Morales Erlich, disse que a nacionalização, que afecta onze

bancos e instituições financeiras nacionais e dois estabelecimentos bancários estrangeiros, forneceria as condições justas para a reforma agrária do governo.

Morales Erlich declarou ainda que nenhum indivíduo ou grupo seria autorizado a ter mais de um por cento das acções de qualquer banco ou mais de dois por cento do sistema bancário.

Os dois bancos estrangeiros

afectados são o Bank of London And Montreal e o First National City Bank of New York.

● GUATEMALA — Foram mortas seis pessoas e feridas quatro quando camponeses atacaram uma patrulha militar de três homens em Baja Verapaz, a 80 quilómetros da cidade de Guatemala, na quarta-feira — diz um comunicado do exército.

Canal da Crítica

Foram à horta — e colheram um nabo

MÁRIO CASTRIM

A COR DESCOLORIDA — Já houvera antes uns ameaços, umas facadilhas no matrimónio com o pretibranco. Uma TV leviana. Mas a cor oficial, anel no dedinho, foi ontem. Ah, a cor! Afinal para uma emissão descolorida...

DESCOBERTA GENIAL — Estou a lembrar-me do «inquerito» no telejornal. A repórter chegava à conclusão de que «poucas pessoas têm ainda TV a cor». Certo. Agora começo a acreditar nas sondagens.

DESENASCANÇO — Aliás, dizem as papelarias que ultimamente se incrementou a venda dos lápis de cor. Supõe-se que seja para colorir os televisores. Ah, portuguêsinho valente, sempre no desenrascanço...

A COR, MAS... — No Telejornal dedicaram quase-nada ao Congresso da CGTP e mesmo assim para atacá-la. Está visto. A cor é diferente, mas a porcária é igual.

QUENTE E FRIO — Mas festa é festa e as Frenéticas deram o sinal. Vimos ao vivo canções até agora conhecidas só de acetato ou vídeo. Apesar de muito quentes, a assistência

permaneceu fria. Só as cadeiras delas mexiam. Entre o palco e a plateia, um fosso. Elas cantavam: «Se você quer-me comer / eu dou / eu dou / eu dou / um pedacinho pra você». Ficaram todos quietos na plateia. Gente bem comida...

OLHO DO CUCO — Depois veio o olho do cuco da RTP a dizer que era intervalo. Anúncios, documentário sobre Vila Chã, depois nada, durante muito tempo, nada. Buraco, pela certa. Confirmou-se. Houvera complicações. A cor começava por borrar a pintura.

TELEFONE TOCA — O desfile começou em regime de «qual é a coisa qual é ela que antes de o ser já o era». O próprio Cid já o saberia. Via-se pela convicção com que atirava os beijinhos.

23 ANOS. QUE TOLA... — No intervalo comemorou-se o aniversário da RTP, 23 anos. Tão nova e tão cheia de rugas, a pobre. Bem diz o Marceneiro: às vezes não é da idade...

O texto, lido por Carlos Cruz, era uma espécie de poesia concretista, com laivos de Confúcio: «O futuro é sempre um amanhã». Pode acrescentar-se o jogo: «O amanhã é sempre um hoje».

Mas é melhor ficarmos por aqui. Podia alguém na RTP dizer que «é hoje é sempre um ontem». Aliás, há por lá muitos que pensam isso. É bom irem-se desenganando.

ANTIGUIDADES — Mas chegada era a hora da voz que vem de longe. Dos jornais. Antigos. Quanto mais antigos melhor. Esta de se julgarem canções novas numa loja de antiguidades não lembrava ao diabo.

700 ANOS — A certa altura, a voz do extremo sul mandou «para Portugal, a saudação calorosa do Algarve». A plateia riu. Achou graça. Não havia maldade na saudação. Há 700 anos poderia ser provocação, mas agora ninguém se lembraria disso. Claro.

GIROFLE, GIRO-FLA... — Minutos depois, Ponta Delgada jornal «O Açoriano Oriental». Assim mesmo: «Boa noite Portugal. Daqui, Açores». Ninguém riu. Houve apupos, assobios, protestos. O veneno tinha marca FLA-PSD-USA. Passou pela sala um vento gélido...

CID PISCA O OLHO — A vitória do Cid confirma-se. Não a vitória da canção, mas a vitória da reacção. Da reacção a quem Cid piscara o olho quando falava

do muro de Berlim. A reacção, claro, também tem o seu código.

LÉRIAS — No entanto, a música era de plástico. Mais que festiva: festivalária. Como se de lérias não andássemos todos fartos.

PERPETRAÇÃO — Já foi mais grave o prémio para a interpretação. Com aquele amô-ô-ô-ô-ô que ninguém percebeu se era soluço ou arroto.

LETRANALFABETA — Mais grave ainda o prémio para a melhor letra. Inconcebível. Seria Madi o presidente do júri? Prémio da melhor letra, imaginem, onde havia um Matos Sequeira, um Contumélia, um Osório! Letra, isto: «Addio, adieu, auf wiedersehn, good bye, amore, amour, meine Liebe, love of my life...» Melhor do que isto fizera já João Maria Tudela no «Kanimambo»: obrigado, many thanks, merci bien, tudo é Kanimambo». E o mais grave de tudo é se Udo Jurgens se lembra de apresentar a factura...

O NABO — «Vamos passar à horta», disse Zanatti, durante a votação. A malta (com perdão para os «smokings») riu. Mas a verdade é que a RTP foi mesmo à horta. E escolheu um nabo.

Hoje



A cantora Elkie Brooks, que, esta noite, através do 1.º programa, canta alguns dos seus maiores êxitos

I PROGRAMA

- 16.00 Uma casa na Pradaria — 5.º episódio
- 16.45 O corpo humano — Como se desenvolve um ser humano
- 17.15 Animação — Uma visão do futuro — apresentação dos filmes de Tex Avery
- 17.40 Quadrados e quadradinhos — programa juvenil
- 18.50 Bancada de topo — Benfica — Atlético em basquetebol
- 20.00 Telejornal — inclui a Informação Meteorológica
- 20.30 Congresso da CGTP-IN
- 20.50 Elkie Brooks — que canta alguns dos seus maiores êxitos. Orquestra dirigida por Jean Roussel. Produção de Brian Whitehouse. Programa a transmitir a cor.
- 21.35 O julgamento de Lee Oswald — a grande metragem realizada em 1977 por David Greene. Intérpretes: Ben Gazzara, Lorne Greene, John Pleshette, Mo'Nique, Frances Lee McClain, Lawrence Pressman, Charlie Robinson e George Wyner.

II PROGRAMA

- 20.30 «Os africanos», episódio intitulado «A Cidade Secreta de Soweto».
- 21.30 Tal e qual — programa de Joaquim Letria e Thilo Krassman, que inclui os habituais concursos «Ver, Ouvir e Pensar» e «Tal e Pal», assim como a «Entrevista Histórica» e «Diga de sua Justiça».

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA LEMBRA QUE

A partir de 1 de Janeiro de 1980 os veículos a motor utilizados na circulação rodoviária, isto é, automóveis ligeiros e pesados, motociclos, ciclomotores, tractores, máquinas agrícolas e industriais quando sujeitas a matrícula, carros eléctricos e, ainda, os reboques e semi-reboques só poderão circular com um seguro de responsabilidade civil.

Fazer esse seguro, mais do que uma imposição legal, é sobretudo um dever cívico.

GIL VICENTE

Cascais

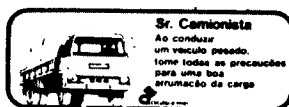
Telef. 280522

Sábado e domingo
às 15, 17.30 e 21.30

Maiores 13 anos

A ILHA MISTERIOSA

**NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS**



COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
HOJE ÀS 21.45 H

**DO
RA
GÃ
O**
DOMINGO ÀS 18 H
2.ª FEIRA DESCANSO
**3.º mês
ULTIMAS**

PRACA DE ESPANHA - TEL 76 26 24
SUB SEC

ATENÇÃO ALMADA:

Em virtude de grande êxito obtido, a comédia de Jorge Diaz «A Escova de Dentes» na encenação de FERNANDO GUSMÃO com DORA LEAL e JOSÉ VIANA está de novo na ACADEMIA ALMADENSE apresentada pelo Grupo de Campolide

HOJE pelas 21.45 e
AMANHÃ DOMINGO às 16h

ATENÇÃO BARREIRO:

SEXTA 14 e SÁBADO 15
pelas 21.45h nos
PENICHEIROS



Amanhã

I PROGRAMA

- 12.00: Eucaristia Dominical; 13.00: Setenta vezes sete; 13.25: TV Rural; 13.55: Sumário; 14.00: Grecia antiga; 14.30: Vida animal; 14.50: Jack — O Urso de Tallac; 15.25: Campeonato do Mundo de Corta Mato; 16.25: O Meu pé de laranja lima; 18.25: Rota de colisão; 20.00: Telejornal e informação sobre o tempo; 21.05: Os Marretas; 21.35: Mar livre; 22.30: Acto e o destino; 23.00: Grande encontro.

II PROGRAMA

- 20.30: Estádio; 21.30: A par e passo; 20.30: Sheiks com cobertura — 5.º programa.

GRUPO DE CAMPOLIDE • ACADEMIA ALMADENSE

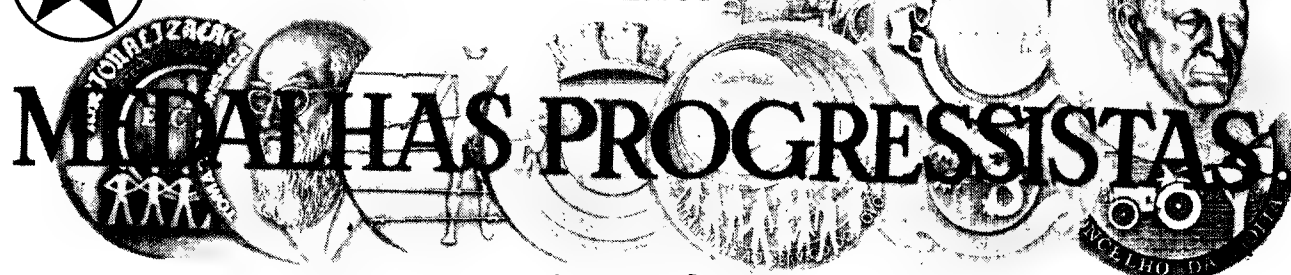
Sab. — 21.45 — Dom. 16 h

«A ESCOVA DE DENTES»

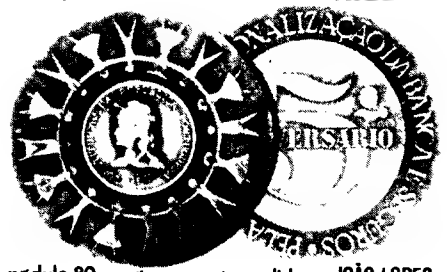
José Viana — Dora Leal

enc. F. Gusmão

atelier BELO MARQUES
R. da Trindade, 5-2.º dto T: 371254-Lisboa



**5.º ANIVERSÁRIO DA NACIONALIZAÇÃO
da BANCA e SEGUROS**



medula 80 mm bronze ★ pedidos a JOÃO LOPES
RUA MARÇAL SÁDANHA, 5-4.º - 1200 LISBOA
«SECRETARIADO DA SECÇÃO DE EMPRESA DA EGO»

CÂMARA MUNICIPAL DE PALMELA

SERVIÇOS TÉCNICOS DE OBRAS MUNICIPAIS

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE FORNECIMENTO E MONTAGEM DO EQUIPAMENTO ELECTROMECÂNICO DA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE PALMELA — QUINTA DO ANJO

Faz-se público que foi prorrogado por 30 dias o prazo para entrega das propostas do concurso em epígrafe. Assim as mesmas deverão dar entrada na Secretaria dos Serviços Técnicos de Obras Municipais até às 12 horas do dia 9 do próximo mês de Abril.

O concurso público terá lugar na Sala das Sessões desta Câmara Municipal pelas 14.30 horas do dia 4 de Abril.

Palmela, 3 de Março de 1980

O Presidente da Câmara

Edgar Fernando Coelho Costa

BYBLOS — FOTOCOMPOSIÇÃO, L.d.a

Certifico, narrativamente, que, por escritura de 27 de Dezembro de 1979, lavrada de fl. 44 a fl. 46 do livro n.º 78-E das notas do 9.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária licenciada Maria Alice Ribeiro Fernandes, foi entre José de Jesus Pires, João Alfredo Ferreira da Cunha Dias e Lopo da Cunha Dias constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se ficou a reger pelo pacto constante dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação Byblos — Fotocomposição, L.d.a, tem a sua sede na Avenida de D. Carlos I, lote 17, rés-do-chão, Reboleira Sul, Amadora, e durará por tempo indeterminado contando-se o seu início a partir de hoje.

2.º

O objecto social consiste no exercício da indústria de artes gráficas podendo, contudo, dedicar-se a qualquer outra actividade industrial ou comercial desde que haja acordo entre todos os sócios.

3.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 750 000\$00, representado por três quotas iguais de 250 000\$00, pertencendo uma a cada sócio. Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que ela necessitar dentro das suas possibilidades e nas condições que forem estabelecidas.

4.º

A gerência dispensada de caução, pertence a todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, não podendo ser preteridos nas suas funções profissionais e auferindo todos salário/hora igual.

1.º Para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos e para a representar em juízo e fora dele é necessária a intervenção de dois gerentes, sendo sempre obrigatória a assinatura do gerente José de Jesus Pires ou de delegado seu.

2.º Os gerentes jamais poderão obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

5.º

A cessão de quotas, no todo ou em parte, quer entre os sócios quer a terceiros depende sempre do consentimento da sociedade ou dos sócios não cedentes, a quem é reservado o direito de preferência. Esse direito será exercido pelo valor nominal da quota, acrescido daquilo que se apurar pertencer-lhes, resultante do último balanço aprovado.

6.º

Em caso de falecimento ou interdição de qualquer sócio ou ainda de penhor, penhora, arresto ou apreensão, por qualquer que seja o título, de qualquer das quotas dos sócios, a sociedade fica com o direito de amortizar ou adquirir a quota em causa pelo seu valor nominal, acrescido do que lhe pertencer em função do último balanço aprovado.

7.º

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas com a antecedência mínima de dez dias do marcado para a reunião salvo nos casos para que a lei exija formalidades especiais.

8.º

No caso de dissolução da sociedade, todos os sócios serão liquidatários, sendo a liquididação feita nos termos em que acordarem. Na falta de acordo serão os haveres sociais adjudicados ao sócio que apresentar melhor proposta em licitação verbal a realizar entre todos.

Por verdade e me ser pedido fiz escrever o presente, que assino.

9.º Cartório Notarial de Lisboa, 10 de Janeiro de 1980. — A Ajudante, Cremilda Piteus Marques da Silva Malvar.



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
E MINAS

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/66 185, Arquivo 5460, para o estabelecimento, na freguesia de S. Luís, concelho de Odemira, de uma linha aérea a 15KV, com 79 metros, do poste n.º 56 da linha para Vila Nova de Milfontes ao Posto de Transformação de Castelão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral.

Repatrição de Licenciamento, em 27 de Fevereiro de 1980

O DIRECTOR DE SERVIÇOS,
José Flores

Cinema de mulheres em dia de comemoração

Organizado por um grupo onde se integram o CNAC (Campanha Nacional para o Aborto e Contracepção), IDM (Informação e Documentação das Mulheres), MLM (Movimento de Libertação da Mulher) e UMAR (União das Mulheres Antifascistas e Revolucionárias), tem decorrido, ao longo da semana, no Quarteto, uma semana de cinema integrada nas iniciativas do Dia Internacional da Mulher que hoje se comemora. E é precisamente hoje que este acontecimento vai ocupar toda a programação das 4 salas do Quarteto exibindo, «O amor violado» de Yannick Bellon (na Sala 1), «Adopção» de Márta Mészáros (Sala 2), «Insólito Destino» de Lina Wertmüller (Sala 3) e «Girlfriends» de Claudia Weil (Sala 4). Cinema de mulheres para celebrar este 8 de Março de 1980.

Se o filme de Yannick Bellon parece ser um tanto falhado, se «Girlfriends» não ultrapassa a rota simpática de uma pequena libertação calorosa, se «Insólito Destino» é apenas uma película polémica onde, porém, o desprezo pelos personagens



é coisa assaz contestável, já o filme de Márta Mészáros, «Adopção» me parece obra maior e, essa sim, digna de se tomar como comemoração de um caminho para uma sociedade diferente. Isto não só porque Márta Mészáros assumindo-se mulher não constrói o seu filme «contra» mas «por», isto não só porque a problemática da solidão, das relações sentimentais e

da maternidade é uma questão que atravessa todas as sociedades (da húngara, onde o filme se fez, à portuguesa onde agora se exhibe), mas sobretudo porque a linguagem em que tudo isso se diz é, cinematograficamente correcta, depurada, actuante, inconformada. «Adopção», história de duas mulheres que aprendem, à própria custa, os trilhos do

sucedâneo, as conquistas provisórias e incompletas, à falta de uma libertação total, é, assim, um filme diferente.

Libertação total? Arredado do horizonte, porque utópico, esse objectivo, Márta Mészáros não se cansa a pregar no deserto uma qualquer redenção mítica feita de festas e bandeiras. O seu filme (como, de resto, a generalidade do seu cinema) faz-se com a espessura do quotidiano. As suas personagens não fazem fotografia nem vão para ilhas desertas, habitam a dureza do trabalho proletário e movem-se no penoso terreno do dia-a-dia. É lá que descobrem as cobardias, a moral social repressiva, a dor, o cansaço e a esperança. Se o termo não estivesse tão prostituído, diria que «Adopção» é um exemplo maior de «realismo socialista». O fraco sucesso que obteve este filme aquando da estreia (no Nímas em Outubro de 1977) leva a que esta exibição de hoje constitua oportunidade para descobrir uma das vozes femininas mais decisivas do cinema europeu destes últimos anos.

J.L.R.

S. Domingos

de Benfica

Camelo ao serviço das crianças

Amanhã, a partir das 9 horas, um camelo cedido pela administração do Jardim Zoológico, vai percorrer as artérias e bairros da freguesia de S. Domingos de Benfica, anunciando o início das sessões de animação cultural e espectáculos infantis, promovidos pela Associação de Amizade Internacional à Criança.

As sessões terão lugar no Centro Cívico e Cultural, de S. Domingos de Benfica, onde está instalada a sede da Associação, todos os sábados de manhã e de tarde, a partir do dia 15 deste mês.

Desde os tempos do cardeal Richelieu

Marguerite Yourcenar: primeira mulher a entrar na Academia Francesa

A Academia Francesa de Letras conta, desde ontem, com dois novos académicos: uma mulher e um jornalista.

Marguerite Yourcenar foi eleita por 20 votos e Michel Droit conseguiu 19 votos, contra 13 do reitor da Academia e homem de letras Robert Mallet, para a vaga de Joseph Kessel.

O interesse destas eleições estava concentrado nos votos que obteria Marguerite Yourcenar, por ser a primeira mulher que entra na instituição, fundada pelo cardeal Richelieu em 1634.

Marguerite nasceu na Bélgica, tem 76 anos e vive agora nos Estados Unidos, na ilha de Mount-Deser, onde participa em várias associações de forma activa.

A sua obra mais conhecida são as «Memórias de Adriano», espécie de reflexão imaginária deste imperador, de que a autora diz estar devidamente competetrada, graças à abundante documentação que consultou.

O outro novo académico, Michel Droit, nasceu em 1923 no subúrbio parisiense de Vincennes. Foi jornalista correspondente de guerra do primeiro corpo de Exército francês. Du-

rante uma década, de 1961 a 1971 foi chefe de redacção de «Le Figaro Littéraire».

Nos últimos anos celebrizou-se por ter sido o único jornalista que entrevistou o general de Gaulle, na Televisão, em 1965, 68 e 69. Aliás a figura do general é evocada nas suas obras «O Tempo dos Homens», «Os Fogos do Crepúsculo», «O Homem do Destino».

CURSOS

PERFURAÇÃO/VEIFICAÇÃO GRAVAÇÃO DISKETTES

Sistema IBM e UNIVAC

Recolha de dados p./computador

INÍCIO: 21-3-80

DACTILOGRAFIA
Início: todos os dias

INSCRIÇÕES LIMITADAS

EXTERNATO CONTINENTAL

Telf. 32 56 52

— Rua do Arsenal, 100-1.º

1100 — LISBOA

a barraca

HOJE 21 30

PRETO no BRANCO

DARIO FO — HELDER COSTA

Sub SEC

Telef. 68 63 00
R. Alexandre Herculano, 70
Folga 2.ª F. Dom. (só) 16 H

PUB

R. Tenente Raul Carralho,
1-A, 1200 LISBOA
Tel. 0010/00000

Teatro da Cornucópia

ZUCA TRUGA
BAZARUGA
E ARTUR

Uma peça do Gripe Theater
PARA CRIANÇAS

Sáb. e Dom. às 16 horas

Teatro da Cornucópia
APRESENTA
CENTRO CULTURAL DE ÉVORA

Unidade-Infância

KIKERIKISTE

texto de PAUL MAAR
enc. MANUEL GUERRA

— Para crianças e adultos — 7, 8 e 9 de Março

6.ª feira — 21.45 horas
Sábado — 17.30 horas e 21.45 horas
Domingo — 11 e 17.30 horas

ADÓQUE teatro

HOJE às 20.30 e 22.45

AMANHÃ às 16 e 21.45

QUERIAS MAS NÃO TE DOU!

NÃO DEIXE QUE LHE CONTEM! VENHA VER!

7.º E ÚLTIMO MÊS EM LISBOA

ATENÇÃO À MARCAÇÃO DE EXCURSÕES

ÁLCOOL um inimigo na estrada!

Rally de Portugal

A vitória quase certa para Walter Rohrl e Markku Allen

Beneficiando das desistências de Hannu Mikkola e Ari Vatanen, mas também graças a uma prova excelente dos seus pilotos, a Fiat, que chegou ao final da terceira etapa com os dois primeiros lugares ainda mais reforçados, tem agora todas as possibilidades de vencer o Rallye de Portugal, cuja última etapa se disputa esta noite no cenário sempre espectacular da serra de Sintra.

Rohrl dispõe agora de uma vantagem de 13 m e 35 s sobre o seu companheiro de equipa Allen e de 26 m e 19 segundos sobre Guy Frequelín que comanda o grupo 2.

Os «Mercedes» de Bjorn Waldegaard e Ingvar Carlsson ocupam as quarta e quinta posições, a 41.11 e 50.08 minutos do líder.

Carlos Torres, que ocupava a sexta posição antes da neutralização de Viseu, não conseguiu evitar o andamento imposto por Ove Andersson durante a madrugada, trocando de posições com o veterano sueco.

Torres, que se encontra a uma hora, dezasseis minutos e quatro segundos de Rohrl é o primeiro do grupo um, o melhor português e o melhor piloto amador.

Das 99 equipas que partiram do Estoril na quarta-feira, só 20 chegaram a Tomar, sendo provável que algumas venham a ser eliminadas por excesso de penalizações de estrada.

O abandono dos «Ford» de Mikkola e Vatanen, na Cabreira, apressou o fim do Rali, que deixou de ter interesse em termos de competição pois as classificações só são passíveis de alterações por desistência.

Torres não resistiu ao assalto de Andersson, que venceu as duas passagens pela Candosa, enquanto Rohrl e Allen dividiram entre si as vitórias nas restantes treze classificativas da etapa.

Fernando Simões, «Opel Kadett GTE», é o segundo português, na décima primeira posição, a duas horas, cinquenta minutos e 57 segundos de Rohrl.

Os outros portugueses ainda em prova são «Pequepe» (12.º) Américo Nunes (13.º) Manuel Rolo (16.º) Ferreira Cunha (17.º) Pedro Barros (18.º), Jorge Ortigão (19.º) e Mendes Pinto (20.º). Disputadas 38 provas, Allen

conta onze vitórias contra dez de Rohrl seis de Darniche e Vatanen e duas de Toivonen e Andersson.

2.ª Classificativa (Fafe), 8 km, terra

1.º Rohrl, 6,20; 2.º Allen, 6,21; 3.º Vatanen, 6,23; 4.º Toivonen, 6,26; 5.º Mikkola, 6,27; 6.º Andersson, 6,38; 7.º Frequelín, 6,43; 8.º Dawson, 6,45; 9.º Eklund, 6,47; 10.º Waldegaard, 6,48; 12.º Mëqépê, 7,03.

Os cinco primeiros da geral oficioso, após a classificativa:

1.º Rohrl, 4,11,34; 2.º Allen, 4,13,52; 3.º Mikkola, 4,19,27; 4.º Frequelín, 4,19,30; 5.º Vatanen, 4,27,14.

25.ª Classificativa (Cabreira), 27 km, terra

1.º Rohrl, 20,36; 2.º Andersson, 21,12; 3.º Frequelín, 21,14; 4.º Eklund, 21,28; 5.º Dawson, 21,35; 6.º Waldegaard, 21,47; 7.º Allen, 21,48; 8.º Carlsson, 22,01; 9.º Recalde, 22,12; 10.º Mëqépê, 23,10.

Classificação após esta prova: 1.º Rohrl, 4,32,10; 2.º Allen, 4,35,40; 3.º Frequelín, 4,40,44; 4.º Eklund, 4,52,04; 5.º Dawson, 4,52,59; 6.º Waldegaard, 4,53,06; 7.º Carlsson, 4,58,21;

8.º Torres, 5,13,04; 9.º Andersson, 5,18,20; 10.º Recalde, 5,23,56.

27.ª Classificativa (Marão), 37 km, terra:

1.º Rohrl, 28,38; 2.º Andersson, 29,22; 3.º Frequelín, 29,35; 4.º Dawson, 30,13; 5.º Recalde, 30,57; 6.º Carlsson, 31,09; 7.º Allen, 31,36; 8.º Waldegaard, 31,38; 9.º Torres, 31,41; 10.º Pëqépê, 34,42.

Classificação após o Marão: 1.º Rohrl, 5,34,14; 2.º Allen, 5,40,06; 3.º Frequelín, 5,45,34; 4.º Dawson, 5,58,20; 5.º Waldegaard, 6,00,09; 6.º Carlsson, 6,04,56; 7.º Torres, 6,22,03; 8.º Andersson, 6,25,16; 9.º Re-

28.ª Classificativa (Vila Real) 5,5 km asfalto:

1.º - Allen 2,43; 2.º - Rohrl 2,45; 3.º - Frequelín 2,48; 4.º - Andersson 2,50; 5.º - Carlsson 2,53; 6.º - Recalde 2,54; 7.º Waldegaard 2,55; 8.º - Ray 3,01; 9.º - Pëqépê 3,02; 10.º - Oliveira Simões 3,03; 11.º - Torres 3,04.

Classificação após a 28.ª classificativa:

1.º - Rohrl 5,36,59; 2.º - Allen 5,42,49; 3.º - Frequelín 5,48,22; 4.º - Waldegaard 6,03,04; 5.º - Carlsson 6,07,49.

29.ª Classificativa (Vinho do Porto), 7 km:

1.º - Rohrl 4,59; 2.º - Allen 5,02; 3.º - Frequelín 5,08; 4.º - Andersson 5,21; 5.º - Recalde 5,32; 6.º - Carlsson 5,37; 7.º - Waldegaard 5,38; 8.º - Ray 5,43; 9.º - Torres 5,49; 10.º - Stawowiak 5,58.

Classificação após a 29.ª classificativa:

1.º - Rohrl 5,41,58; 2.º - Allen 5,47,51; 3.º - Frequelín 5,53,30; 4.º - Waldegaard 6,08,42; 5.º - Carlsson 6,13,26; 6.º - Torres 6,30,56.

30.ª Classificativa (Lamego) 17,5 km, terra:

1.º - Allen 11,19; 2.º - Rohrl 11,30; 3.º - Frequelín 12,13; 4.º - Waldegaard 12,20; 5.º - Carlsson 12,37; 6.º - Andersson 12,57; 7.º - Torres 13,21; 8.º - Ray 14,34; 9.º - Therond 14,35; 10.º - Stawowiak 14,42.

31.ª Classificativa (Mões), 13 km, terra

1.º Rohrl 12,51; 2.º Allen 12,52; 3.º Frequelín 13,35; 4.º Andersson 14,43; 5.º Carlsson 13,51; 6.º Waldegaard 13,53; 7.º Recalde 14,02; 8.º Torres 14,17; 9.º Ray 15,34; 10.º Stawowiak 15,40.

32.ª Classificativa (Viseu), 26,5 km, terra

1.º Allen 18,31; 2.º Rohrl 18,35; 3.º Andersson 19,23; 4.º Waldegaard 19,34; 5.º Carlsson 19,51; 6.º Frequelín 19,53; 7.º Recalde 20,13; 8.º Torres 20,40; 9.º Stawowiak 22,56; 10.º Rolo 23,16.

33.ª Classificativa (Arganil-1) 43 km, terra

1.º Rohrl, 35,14; 2.º Waldegaard, 39,02; 3.º Allen, 39,54; 4.º Frequelín, 40,05; 5.º Andersson, 41,24; 6.º Carlsson, 41,49; 7.º

Torres, 45,05; 8.º A. Nunes, 49,22; 9.º Pëqépê, 50,24; 10.º Ray, 51,28.

34.ª Classificativa (Candosa-3), 6,5 km

1.º Andersson, 5,56; 2.º Rohrl, 5,57; 3.º Allen, 6,02; 4.º Waldegaard, 6,16; 5.º Torres, 6,27; 6.º Recalde, 6,28; 7.º Carlsson, 6,30; 8.º Frequelín, 6,39; 9.º Stawowiak, 6,46; 10.º F. Simões, 6,46.

35.ª Classificativa (Lousã-1) 10,5 km, terra:

1.º Rohrl, 8,48; 2.º Allen, 9,28; 3.º Frequelín, 9,44; 4.º Anderson, 9,57; 5.º Waldegaard, 10,05; 6.º Carlsson, 10,08; 7.º Torres, 10,20; 8.º Recalde, 10,39; 9.º Ray, 12,07; 10.º Stanowak, 12,12.

36.ª Classificativa (Arganil-3), 43 km terra:

1.º Rohrl, 33,13; 2.º Allen, 35,08; 3.º Frequelín, 37,12; 4.º Andersson, 37,20; 5.º Waldegaard, 37,32; 6.º Carlsson, 38,17; 7.º Torres, 41,46; 8.º Recalde, 42,12; 9.º F. Cunha, 43,58; 10.º M. Rolo, 45,12.

Classificação após a 26.ª classificativa

1.º Rohrl, 7,48; 2.º Allen, 8,01,05; 3.º Frequelín, 8,12,51; 4.º Waldegaard, 8,27,24; 5.º Carlsson, 8,36,29; 6.º Andersson, 8,54,07; 7.º Torres, 9,02,52; 8.º Recalde, 9,27,38; 9.º Ray, 9,55,41; 10.º Stawowiak, 9,58,33.

37.ª Classificativa (Candosa-4), 6,5 km:

1.º Andersson, 6,08; 2.º Allen, 6,11; 3.º Rohrl, 6,11; 4.º Carlsson, 6,27; 5.º Waldegaard, 6,29; 6.º Recalde, 6,32; 7.º Torres, 6,34; 8.º Frequelín, 6,45; 9.º M. Rolo, 7,01; 10.º Ray, 7,15.

38.ª Classificativa (Lousã-2), 10,5 km

1.º Rohrl, 8,50; 2.º Allen, 9,26; 3.º Frequelín, 9,50; 4.º Andersson, 10,15; 5.º Carlsson, 10,19; 6.º Waldegaard, 10,25; 7.º Recalde, 10,27; 8.º Torres, 10,45; 9.º Ray, 11,45; 10.º M. Rolo, 11,50.

Classificação geral oficioso no final da 3.ª etapa

1.º Rohrl, 8,03,7; 2.º Allen, 8,16,42; 3.º Frequelín, 8,29,26; 4.º Waldegaard, 8,44,18; 5.º Carlsson, 8,53,15; 6.º Andersson, 9,10,30; 7.º Torres, 9,20,11; 8.º Recalde, 9,44,37; 9.º Ray, 10,14,40; 10.º Stawowiak, 10,18,18.



Walter Rohrl tem a vitória praticamente assegurada para a Fiat

Futebol dentro da "Taça"

Os quartos-de-final da «Taça de Portugal» são donos e senhores do fim-de-semana futebolístico, com os quatro embates previstos para se iniciarem pelas 15 horas de amanhã: Bragança-Benfica, Beira-Mar-F.C. Porto, Vitória de Setúbal-Varzim e Boavista-Marítimo.

A priori, parece que a tarefa que poderá (aparentemente) estar mais simplificada aparece pelas barbas do Benfica: «team» de mérito secundário, sem valores arregimentados a peso de ouro, o Desportivo de Bragança irá (certamente) bater-se com muito apurmo, o máximo em dignidade mas, apenas poderá alongar, mais ou pouco, o período de resistência aos homens da Luz, profissionais de milhões em busca do prestígio solto à custa de uma galopada na «Taça», que pode rasgar a cortina que encobre uma bela entrada europeia e, simultaneamente, a hipótese de significativo trofeu para os escarpatos do emblema da águia.

Grande curiosidade rodeia o duelo em Aveiro: o «team» de onde Fernando Cabrita saiu pela porta pequena, face-a-face com o superpo-

deroso bloco que o mesmo Cabrita, ainda quando não tinha autorização para se sentar no banco dos responsáveis, colocou em sentido perante o atônito anfiteatro das Antas. Aveirenses que jogam tudo no campeonato, portugueses que procuram abrir caminho fora da fronteira em qualquer terreno: em duelo com o grande favorito, a argúcia de Rodrigues Dias ainda à espera do decisivo momento impulsor de uma carreira cimentada em trabalho quotidiano.

No Bonfim (espera-se que sem mais qualquer compulsivo afastamento de jogadores...) os setubalenses vão tentar, no terreno de jogo, esquecer as «tricas» de secretaria, os golpes (mais ou menos baixos) criados em bastidores; consentirá o Varzim uma supremacia dos muitos já dispensados pela directiva setubalense?

E temos o jogo na Madeira, espécie de teste (exacto) ao potencial de um Marítimo todo jogado para a frente em termos de campeonato, como de um Boavista que (como o parceiro) procura lugar ao sol na competição mais atribulada mas, simul-

taneamente, deita o rabino do olho a um objecto de casquinha e madeira que é símbolo de visto em passaporte ufeiro. António Medeiros (palavroso, «jongleur» de palavras e situações, sujeito de coração ao pé da boca mas, por vezes, pouca compenetração na hora do trunfo na mão) e, de frente, Mário Lino, todo ele serenidade e recalcada calma, protótipo do treinador-vindo-do nada, suor e esforço a erguerem um nome. Su, como habitualmente, o Marítimo se agigantar perante as suas hostes de prosélitos adeus minhas encomendas: o Boavista pode ir à vida e voltar ao Porto para contar, aos azuis-brancos, como terá de ser a tática de Pedroto para a viagem no outro fim-de-semana. Mas, se (em contrapartida) a defesa axadrezada não comprometer seriamente todo o trabalho de grupo (a completa estratégia de conjunto, a malícia de um Folha ou a presença terrível do disparador Júlio) o regresso da Ilha Bela será uma festa. A ver vamos, como diria o cegui-nho.

NEVES DE SOUSA

Futebol da "Taça" fora

Hoje (Chaves-Limianos e Sanjoanense-Espinho, às 15 horas) e amanhã (a partir das 11) desenrola-se nova ronda do nacional de juniores.

Eis o cartaz dominical na ZONA A: Braga-Candal, Varzim-Tirsense e Taipas-F.C. Porto. ZONA B: Anadia-Guarda (às 15 horas) Lamego-Acad. Coimbra, Canas Senhorim-Belmonte e «Os Vilanovenses»-Oliveirense. ZONA C: Peniche-Oliveiras e Moscavide. Alter-Portalegrense, Alferrade-U. Tomar, Coruchense-U. Leiria, U. Coimbra-Alverca e Cernache-Naval. ZONA D: Sporting-Moura e Belenenses-Barreirense.

O fim-de-semana completa-se com dois jogos: em atraso, e para a 2.ª divisão, o Juventude-Nacional; para o escalão 3, em antecipação, o debate Tirsense-Valecabrense. Os encontros têm lugar amanhã, em Évora pelas 15 horas; em Santo Tirso meia hora mais tarde.



REGISCONTA

COLABORA, COMO SEMPRE, NO MELHOR RALLY DO MUNDO REPRODUZINDO OS RESULTADOS NUM FOTOCOPIADOR U-BIX E EM OFFSET ROTAPRINT



PONTA ESQUERDA



No Rio de Janeiro: brasileiro Helinho procura dirigente verde a quem deva prestar contas da sua fuga

Xadrez explosivo

Uma prancha de madeira será colocada debaixo da mesa de xadrez quando Viktor Korchnoi e Tigran Petrosian se defrontarem esta semana — garantindo que os seus pés não se tocam acidentalmente. Korchnoi poderá não chegar a aproximar-se da mesa se vir a bandeira soviética do seu adversário ou ouvir o hino nacional soviético quando chegar: segundo informou aos organizadores, se isso acontecer abandonará o local.

Para Korchnoi (o desertor soviético) e Petrosian (o campeão soviético), os quartos de final do campeonato mundial de xadrez, a realizar na pequena estância austríaca de inverno de Velden, não são amistosos.

«Viktor é terrível», como outros xadrezistas o apelidam, combina a sua célebre hostilidade a tudo o que seja russo com um particular ódio a Petrosian — sentimento que é mútuo. Os organizadores afirmam que eles se desprezam desde a época em que se defrontavam em torneios locais soviéticos.

«É realmente aterrador. Esperamos sarilhos no momento em que os dois se encontrarem» declarou Franz Hoelzl, um dos organizadores.

Os organizadores construíram salas de descanso e lavatórios idênticos para os dois jogadores. «Temos de ter cuidado em tratar ambos exactamente do mesmo modo», acrescentou Hoelzl.

Se Korchnoi vencer o «match», no máximo de três semanas, (que começa no sábado) ganha outra oportunidade de defrontar o campeão mundial, Anatoly Karpov, da URSS. Os dois defrontaram-se pela última vez em 1978, nas Filipinas para um encontro do título mundial que se tornou épico sob o ponto de vista de guerra psicológica. Durante semanas, trocaram alegações de hipnotizadores na audiência e mensagens em código no cheiro do iogurte. Karpov manteve o título.

Korchnoi (49 anos) desertou para a Suíça há quatro anos e desde então tem feito (em vão) a campanha para que a sua família saia da Rússia. O seu filho Igor (20 anos), encontra-se preso por se recusar a cumprir o serviço militar.

Petrosian (51 anos) foi campeão mundial de 1963 a 1966 e de 1966 a 1969, e é editor do semanário soviético «Sovetski Sport».

A segurança para a prova desta semana será rígida (10 polícias de guarda permanente ao salão) embora não seja tão rígida como Korchnoi pretendia. Originalmente, pediu uma redoma de vidro à prova de bala, entre ele e a audiência. Hoelzl declarou que Korchnoi desistiu da ideia quando foi informado do custo.



Futebol sem correcção não é desporto

Super-fenómeno em Alcobaca?

Nada pobre no pedir, o jovem Pires (22 anos), médio do Ginásio de Alcobaca, ao saber do interesse do Sporting no seu concurso, atirou para a mesa com um pedido que deve ser inédito cá por estas bandas (e não só): apenas 12 mil contos pela assinatura de contrato...

Setúbal quer saber como é

Cresce, em largo sector de associados do Vitória de Setúbal, o movimento tendente a promover uma rápida assembleia geral onde seja debatida a acção da secção de futebol, nomeadamente nas dispensas de Rebelo e José Mendes, «internacionais» com larga folha de serviços prestados ao clube do Bonfim.

Amanhã, em Paris

Portugueses correm "crosse das nações"

O atleta Fernando Miguel (Benfica) não integra a selecção portuguesa de atletismo que disputará o «Cross» das Nações, amanhã, em Paris. Miguel (20 anos) teve problemas burocráticos relacionados com o seu passaporte. Assim, a comitiva portuguesa é constituída por Fernando Mamede, Carlos Lopes, Aniceto Simões, Hélder de Jesus (Sporting), Anacleto Pinto, João Campos (Benfica), José Sena (F. C. Porto) e António Leitão (Sp. Espinho), mais o professor Mário Moniz Pereira (técnico) e Abel Vieira (dirigente).

HISTÓRIA PORTUGUESA

Carlos Lopes conseguiu uma das maiores proezas da sua carreira (e para o atletismo português) ao triunfar, em 1976, no «Cross» das Nações disputado em Chepstwon (País de Gales). Nas treze edições em que Portugal participou, Lopes foi o único atleta a classificar-se entre os dez primeiros, conquistando ainda, em 1977, Dusseldorf, RFA) um 2.º lugar.

Portugal esteve presente de 1955 a 1959, mas devido ao mau comportamento da selecção no último ano, em Lisboa (oitava e última) só retomou a sua presença na prova em 1963. Nos anos de 1966 e 1971, a participação portuguesa resumiu-se à deslocação de uma equipa júnior. Em 1973, Portugal esteve presente com uma equipa júnior e sénior, o que aconteceu pela primeira vez.

Manuel Faria é o segundo atleta com melhor «palmarés» no «Cross», com um 12.º lugar em 1957 e um 14.º posto, dois anos antes. Na linha das melhores presenças, segue-se Hélio Duarte, 16.º, em 1958 e João Silva (1955) e António Ventura

(1957), ambos com um 18.º posto. No entanto, os tempos eram outros e, nessa altura, apenas concorreram oito países.

Com o início da «era Carlos Lopes», em 1973 (Waregem, onde o atleta português se classificou na 24.ª posição), os outros melhores lugares pertenceram a Fernando Mamede: classificou-se em 30.º lugar (em 1977) e em 41.º (em 1979). Aniceto Simões foi 45.º (em 1978) e 66.º (em 1977) e Anacleto Pinto conseguiu a 44.ª posição, em 1976.

Portugal conquistou, por duas vezes, o quarto lugar na prova em 1957 e 1958, e a quinta posição em 1955 e 1956, contando ainda com um oitavo posto em 1959, quando participaram oito equipas. Em 1963 ocupou o penúltimo lugar entre onze países e, em 1973, o antepenúltimo, frente a 18 selecções.

Depois de 1976, Portugal tem participado sem interrupção, conseguindo em Chepstwon o 12.º lugar (19 países), em 1977, o 11.º (22 países), em 1978 o 13.º (20 países) e, em 1979, a 19.ª posição (21 países).

Nos últimos quatro anos, Portugal alcançou a melhor pontuação em 1977, ficando a 260 pontos da selecção vencedora enquanto, em 1979, ficou a 577 pontos de diferença da equipa triunfadora.

Mamede é o atleta com o maior número de participações (seis e uma como júnior), seguindo-se três atletas com cinco: Manuel Faria, Hélio Duarte e Carlos Lopes (uma como júnior).

PALPITE PARA AMANHÃ

O irlandês John Treacy, o atleta mais novo a ganhar o «Cross» das Nações, é o princi-

pal favorito para a 8.ª edição da prova, a realizar amanhã. Treacy (22 anos) ganhou a prova em 1978 (Glasgow) e 1979 (Limerick), depois de ter alcançado o 3.º posto em 1974 (Monza) e 1975 (Rabat) na categoria júnior.

Trinta países encontram-se inscritos na prova principal (doze quilómetros) a disputar no hipódromo de Longchamps. Os atletas percorrem uma volta pequena (2100 metros) e mais quatro voltas grandes (2450 metros cada).

O belga Leon Schots, os ingleses Nick Rose e Mike Mcleod, os galeses Tony Simmons e Steve Jones, o escocês Nat Muir, o alemão-federal Chris Herle e os soviéticos Alexander Antipov, Ean Sellick, Valery Abramov e Leonid Mosejev são outros dos principais candidatos. Em senhoras (4550 metros) a norueguesa Grete Waitz poderá igualar o «palmarés» de Treacy e conquistar a 3.ª vitória consecutiva. Em juniores, dada a renovação de valores, não há nenhum nome que se possa apresentar como favorito.



Fernando Mamede: chefe de fila com hipótese de muito brilho

lar o «palmarés» de Treacy e conquistar a 3.ª vitória consecutiva. Em juniores, dada a renovação de valores, não há nenhum nome que se possa apresentar como favorito.

Os vencedores individuais e colectivos nos últimos vinte anos no «Cross» das Nações foram os seguintes:

ANO	LOCAL	VENCEDOR	EQUIPA
1959	Lisboa	Norris/Inglaterra	Inglaterra
1960	Glasgow	Rhadi/Marrocos	Inglaterra
1961	Nantes	Heatley/Inglaterra	Bélgica
1962	Sheffield	Roelants/Bélgica	Inglaterra
1963	S. Sebastian	Fowler/Inglaterra	Bélgica
1964	Dublin	Aritmendi/Espanha	Inglaterra
1965	Ostende	Fayolle/França	...
1966	Rabat	Ghazi/Marrocos	...
1967	Barry	Roelants/Bélgica	...
1968	Tunes	Gammoudi/Tunísia	...
1969	Clydebank	Roelants/Bélgica	...
1970	Vivhy	Tagg/Inglaterra	...
1971	S. Sebastian	Bedford/Inglaterra	...
1972	Cambridge	Roelants/Bélgica	...
1973	Waregem	Paivarinta/Finlândia	Bélgica
1974	Monza	De Beck/Bélgica	Bélgica
1975	Rabat	Stewart/Escócia	Nova Zelândia
1976	Chepstwon	Lopes/Portugal	Inglaterra
1977	Dusseldorf	Schots/Bélgica	Bélgica
1978	Glasgow	Treacy/Irlanda	França
1979	Limerick	Treacy/Irlanda	Inglaterra

Nacional de Basquetebol

Benfica-Sporting, na Luz: o "fim" para um vencido

A primeira metade da fase final do campeonato nacional da 1.ª divisão de basquetebol concluir-se-á amanhã. O F.C. do Porto e o Sangalhos, que se defrontam hoje, terminarão a primeira volta visto que têm um jogo mais do que os restantes competidores.

Praticamente fora da luta pelo título, estão a turma baírradina, o Ginásio e o Atlético, qualquer deles com duas derrotas (e algumas mais certamente averbaram). Na altura pelo 1.º lugar final estão «metidos» o F.C. do Porto (sem desaires), Sporting e Benfica (com um insucesso cada). Os velhos rivais lisboetas defrontam-se amanhã (na Luz) quer nos parecer que a turma que for vencedora virá «adeus» ao título. Especialmente os «leões», que sacrificaram na jornada inaugural em «casa», uma significativa oportunidade, perante o Porto (para mais por diferença de treze pontos no «cesto-avergado»). Por outro lado, a derrota dos «encarnados», a acontecer, diminuiria substancialmente as suas possibilidades de chegarem ao primeiro lugar final. Por exclusão de partes restaria o F.C. do Porto como candidato (que já é) mais potencial a chegar ao «BI». Aliás, conservamos a opinião de que desde o sucesso do Porto em Alvalade o campeonato estaria «arrumado» em favor do actual titular.

Para além do desafio entre si, «leões» e «águilas» têm hoje jogos difíceis; aqueles deslocando-se à Figueira da Foz e os segundos defrontando o Atlético. Recorde-se que os alcantarenses venceram os dois

jogos com Benfica, no apuramento, facto que pode funcionar como estimulante para os visitantes e ocasionar alguma perturbação nos visitados. O Porto defronta hoje o Sangalhos (nas Antas) sendo de prever vitória relativamente fácil dos portuenses.

Eis os jogos de hoje: Giná-

sio-Sporting (18), Benfica-Atlético (18h15) e F.C. do Porto-Sangalhos (18). Amanhã: Ginásio-Atlético (17 e 30) e Benfica-Sporting (19 e 45). O jogo Benfica-Atlético será transmitido parcialmente pela Televisão.

Na série dos últimos, a partida entre o Algés e o Conimbricense é a mais importante, por estarem

em confronto dois grupos em situação delicada: o penúltimo lugar, que obriga à descida de divisão. Por outro lado há que dar algum relevo ao embate Sio/Grundig-Olivais e Algés-Conimbricense (ambos às 17 e 30). Também no grupo B, com os jogos de amanhã, termina a primeira volta. ANTÓNIO ABEL

Nacional de andebol

Encarnação e Almada: galos para um poleiro

Assim, dois desafios de hoje (Almada-Benfica e Encarnação-Belenenses) apresentaram-se de enorme significado. Em condições normais «encarnados» e «azuis» são favoritos, mas nas circunstâncias actuais nada se afortunadamente prever.

Eis os jogos na Zona Norte: Desp. Portugal-Padroense, Académico-F.C. Porto, Vilanova-S. Mamede, Beira-Mar-Maia, A. Académica-S. Bernardo e Desp. Póvoa-Sp. Espinho. Zona Sul: Almada-Benfica, Passos Manuel-Sporting, Paço de Arcos-Caramão, Encarnação-Belenenses, Estefânia-Oriental e V. Setúbal-CDUL. Nas duas zonas estão em atraso jogos: S. Bernardo-Póvoa, A. Académica-Maia, Caramão-Sporting e Benfica-Passos Manuel (marcados para amanhã).

O presidente do Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Moscovo, Ignaty Novikov, re-

velou que cem países já confirmaram a sua participação nos jogos. Ignaty Novikov deu esta informação a um grupo de professores e redactores desportivos norte-americanos e canadianos, que se encontra em Moscovo.

O presidente do Comité acrescentou que as instalações olímpicas estão «quase prontas».

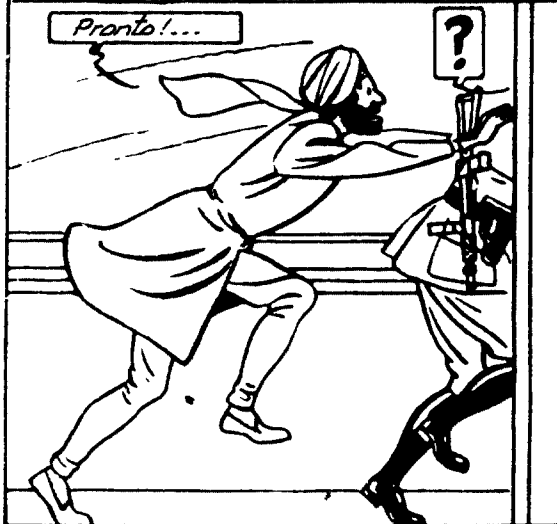
ENTRE DOIS FOGOS

A República Dominicana não impedirá os seus atletas de participarem nos Jogos de Moscovo, embora esteja a estudar suspender o apoio financeiro à sua representação, revelou um informador oficial, dizendo que o Governo apoiava a posição do presidente Carter contra a intervenção soviética no Afeganistão, mas não podia ingerir com uma decisão tomada pelo Comité Olímpico, Dominicano, de participar nas Olimpíadas, em Julho.

Sábado, 8 de Março de 1980

O MISTÉRIO DA GRANDE PIRAMIDE

No momento em que o polícia, desconfiado, entra lentamente na casa de banho. Nasir dá-lhe um forte empurrão...



... e fá-lo cair na banheira. Depois dá duas voltas à chave...



... e corre o mais depressa possível. Agora vamos até à escada de serviço!



Mas ainda não tinha chegado ao fundo do corredor quando o polícia arromba a porta...



... e se precipita para o telefone interno.

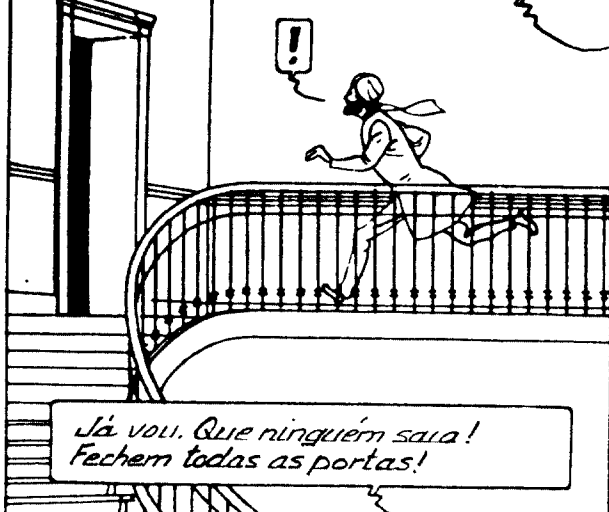
Está? Está? Fala de casa do professor Mortimer! Passe-me o meu colega! Depressa!...



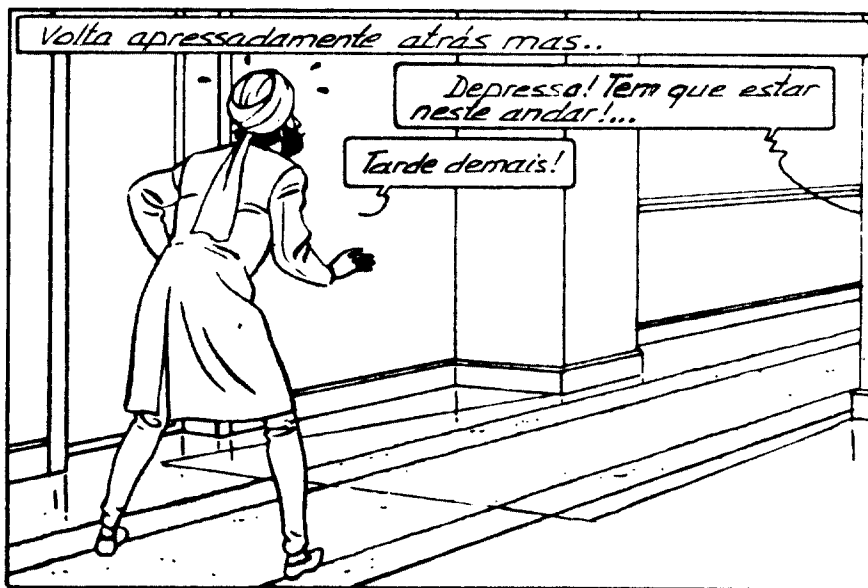
O quê? tu? Deixaste o escadão? És um... Bem já vou aí.



Por aqui, sargento!



Mas Nasir mete por um corredor escuro...



No escuro uma voz assustada diz de súbito...



Meus senhores aqui é a secção do pessoal e...

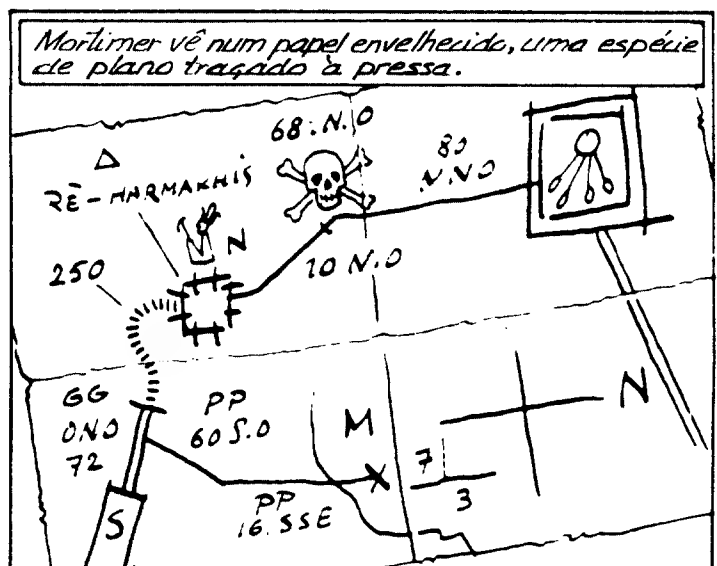


Sábado, 8 de Março de 1980

O MISTÉRIO DA GRANDE PIRÂMIDE

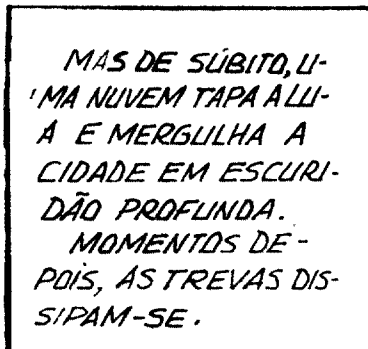
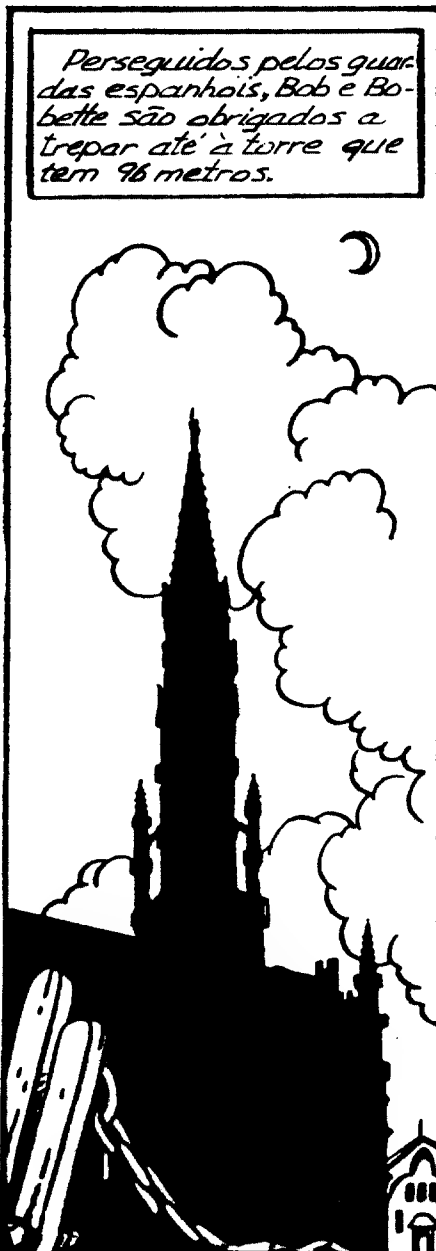
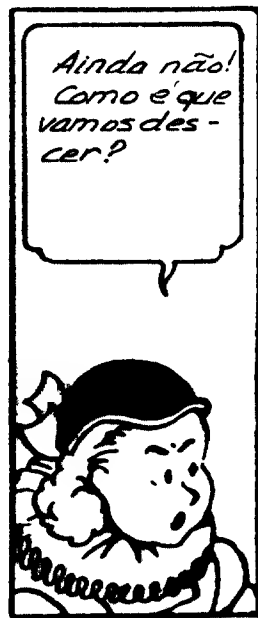
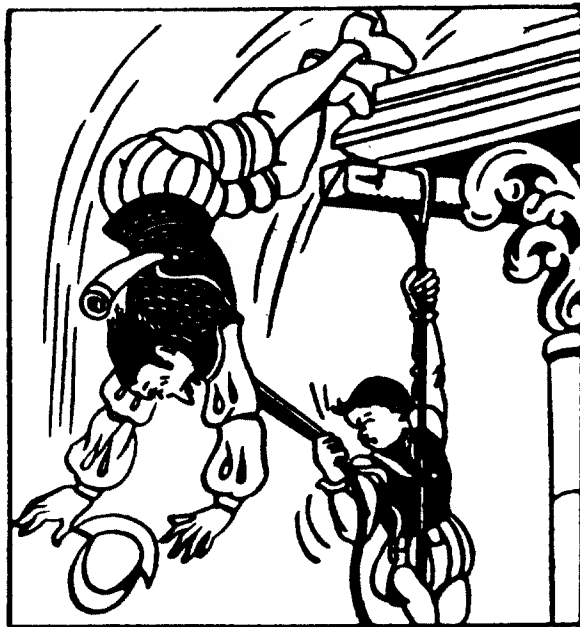
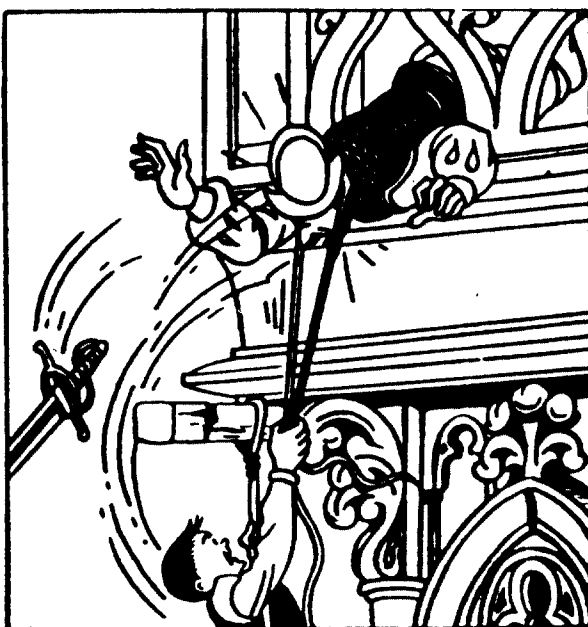
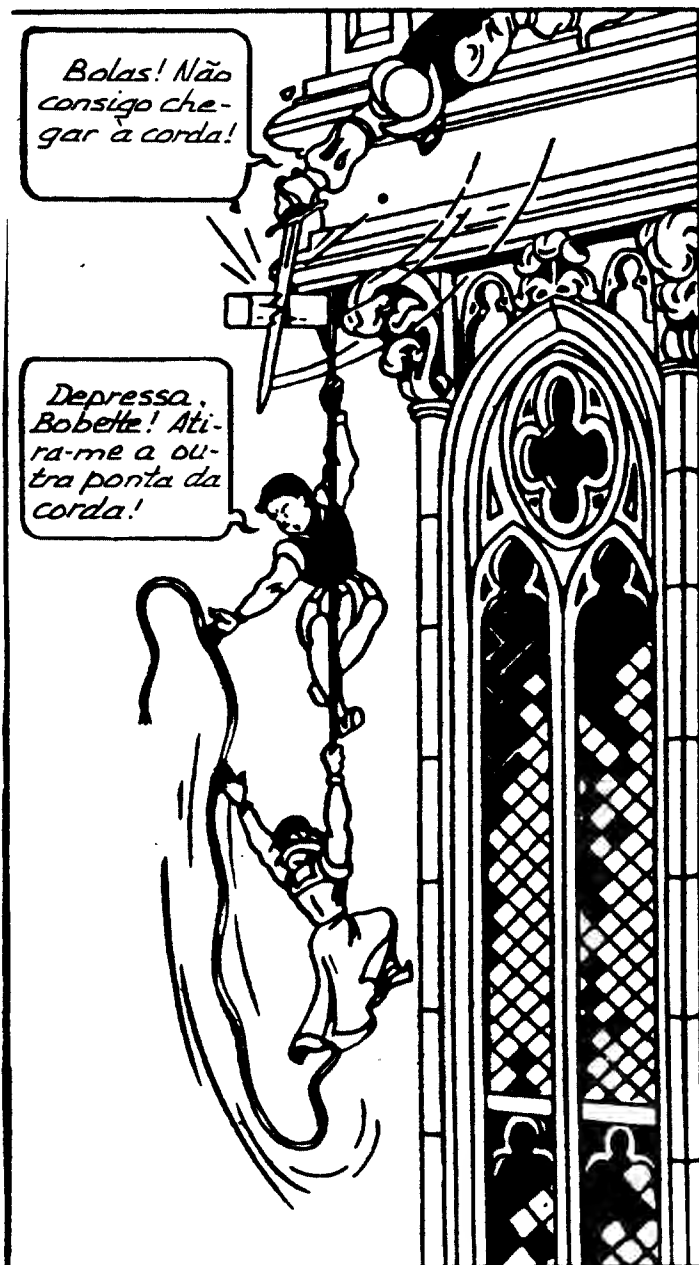


Entretanto, decorrem em Mena House alguns acontecimentos. Depois de terem abandonado o camion providencial, Blake e Mortimer chegaram ao esconderijo, e, enquanto o professor fica vigilante lá fora, o capitão retoma a sua verdadeira personalidade.



Continua

O FANTASMA ESPANHOL



OS VERDES ANOS DA REPÚBLICA DE 1910

Continuação da pag. 1

para os crimes mais absurdos. Um Zeca Pintor queria dois jovens destemidos para jogarem, no dia seguinte do alto da cúpula do Coliseu dos Recreios, duas bombinhas, pá, capazes de acabarem para sempre com os comícios do Cunha Leal. Aceitam? Mandei-o à merda. Outros perguntavam:

- Vocês têm armas? - Não?
- Vocês vendem armas? - Não!
- De repente, alguém pôs a mão no meu ombro:
- Já não me conhece? Eu sou aquele a quem vocês deram o

nome de Zé de Lorrão, e que por si próprio, e não por vocês, acabou por matar o Sidónio Pais... Vocês eram uns covardes...

- Vai prós infernos, filho da mãe, respondi-lhe.

Um homem de olhos vermelhos de ódio, mordendo com os dentes os restos de um charuto dizia para o Gervásio: - Acreditem, a solução é uma só. Já disse isso mesmo ao Domingos Pereira. Dêem-nos uma camioneta, uma só, e em meia dúzia de horas dentro da madrugada, nós

liquidamos essa dúzia de canalhas que tornam impossível a vida da República. Pois é. Mas quer saber o que ele fez? Quer? - riu na minha cara. Pois olhem, pode não ser hoje, mas tão certo como eu me chamar Anastácio Bermudes, mais hoje, ou mais amanhã, isto terá de acontecer em Lisboa...

De repente apagaram-se todas as luzes. Na escuridão fez-se um silêncio de morte. Uma bomba explodira junto à porta da Brasileira. E então, no meio de todo aquele desespero, veio-me à memória aquele fado do 31 que eu tinha

escutado tantas vezes no teatro da rua dos Condes:

**«À porta da Brasileira
Dois bicos encontram dois...
Ficam os quatro e depois
Lá começa a chinfreineira...»**

E comecei a rir.

A O romper do sol, sozinhos, sentado num banco do jardim do Matadouro, tentei reconstituir os fragmentos do que tinha sido para mim aquele dia. De tarde, no café Martinho, entre jovens

universitários, uns já formados, outros em vésperas disso. Depois, à noite, mergulhara mais uma vez no pandemónio da Brasileira do Rossio.

As duas faces de uma mesma moeda. Então procurei um níquel no bolso: - Cara ou coroa? Joguei a moeda no ar. Pede coroa. Caiu no chão. Era cara.

**Fim do 23.º Capítulo
a seguir**

**24.º Capítulo
O FIM DO «GRUPO
14 DE MAIO»**

Você não sabe como anunciar

no
«Diário de Lisboa»

Nós explicamos-lho
pelo telefone 36 87 40

544545



**2 RODAS
2 vezes mais
atenção!**



MUNICIPIO DE LISBOA

AVISO N.º 12/80

Avisam-se todos os interessados, que no próximo dia 12 de Março de 1980, pelas 15 horas, se realizará no Pavilhão dos Desportos, ao Parque Eduardo VII, a praça para arrematação das lojas e lugares vagos nos seguintes locais de venda:

Mercado de Alcântara, Alvalade-Norte, Alvalade-Sul, Arco do Cego, Arroios, Bairro Alto, Bairro Padre Cruz, Bairro Quinta da Calçada, Bairro de Santos, Belém, Benfica, Campolide, Campo de Ourique, Caselas, Chão do Loureiro, Encarnação-Sul, Forno do Tijolo, Lumiar, Prazeres, Rafo, Santa Clara, 31 de Janeiro, 24 de Julho e Xabregas.

Para mais esclarecimentos, poderão os interessados contactar a Direcção dos Serviços de Abastecimento, sita na Rua do Machadinho, n.º 20 ou os próprios mercados.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS (Por UNIDADE)		
E MOEDAS ESTRANGEIRAS		
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	55905	60905
ALEMANHA FED. (marco)	26990	27990
AUSTRIA (xelim)	3965	3965
BELGICA (franco)	13584	13584
BRASIL (cruzeiro)	758	1008
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	41335	43335
(notas de 5 a 1000)	41385	43385
DINAMARCA (coroa)	6660	9900
ESPAÑA (peseta)	6678	9778
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	47980	49920
(notas de 5 a 1000)	48330	50330
FINLÂNDIA (marka)	12665	1325
FRANÇA (franco)	11445	12505
HOLANDA (florim)	24340	25340
INGLATERRA (libra)	107575	111575
ITALIA (lira)	9053	9063
JAPÃO (iene)	177	207
NORUEGA (coroa)	9570	10320
SUECIA (coroa)	11330	11390
SUÍÇA (franco)	28505	29515
VENEZUELA (bolivar)	9555	10555

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

tempo

**SITUAÇÃO DO TEMPO
ÀS 09.00 H**

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado e o vento era fraco ou moderado predominando de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

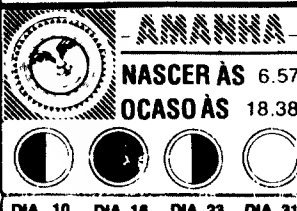
VIANA DO CASTELO	10°
BRAGANÇA	6°
VILA REAL	7°
PORTO	9°
PENHAS DOURADAS	2°
COIMBRA	9°
CABO CARVOEIRO	12°
PORTALEGRE	5°
LISBOA	11°
ÉVORA	8°
SINES	13°
BEJA	8°
SAGRES	15°
FARO	10°
PONTA DELGADA	12°
FUNCHAL	14°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
6.38 3,5 m	0.06 1,4 m
19.00 3,4 m	12.28 1,5 m
Dia 9	
7.23 3,3 m	0.54 1,6 m
19.54 3,3 m	13.22 1,7 m
Dia 10	
8.32 3,1 m	2.00 1,7 m
21.16 3,2 m	14.36 1,8 m

**PREVISÃO DO TEMPO
ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ**

Nas regiões de Centro e Sul: Períodos de céu muito nublado; vento fraco por vezes moderado de Noroeste; aguaceiros pouco frequentes que poderão ser de neve na serra da Estrela. Nas regiões do Sul: céu pouco nublado e vento geralmente fraco.



rádio

1.º Programa

17.00: Informação trajectória, programa de juventude; 19.00: Sinal horário - Música portuguesa; 19.40: Conjuntos; 20.00: Retrospectiva; 20.45: 15 minutos com...; 21.00: Teatro: «A Bela Imagem», de Eugène Scribe, numa adaptação de Pedro Pinheiro; 2.00: Futebol: Campeonato Nacional da 1.ª Divisão - Programa da Noite; 23.30: Do Choupal até à Lapa (RDP/CENTRO); 24.00: Informação.

2.º Programa

17.15: Sonatas para piano: - Sonata em si maior D. 575, de Schubert, - Sonata n.º 1 em ré menor, op. 28, de Rachmaninoff; 18.20: 2 Concertos para Trompete, - Concerto em mi bemol maior, de Telemann, por Solistas de Liège - Concerto, em mi maior, de Hummel, pela Orquestra da Associação; 19.00: Encontro com...; 19.45: A Arlesiana - Suite n.º 2, de Bizet, pela Orquestra dos Concertos Lamoureux; 20.00: Poemas sinfónicos: - «Nas Estepes da Ásia Central», de Borodin, pela Orquestra Filarmónica de Nova Iorque - «Uma vida de Herói», op. 40, de Strauss, pela Orquestra Filarmónica de Berlim; 21.00: Pierre Boulez, Compositor e Regente; 22.00: Música Religiosa - Missa de Santa Cecilia, de Haydn - Missa em dó maior op. 86, de Beethoven; 23.00: Intercâmbio musical. Série de concertos «Promenos» 1979/80 Concerto pela Orquestra Filarmónica da Rádio NOS 1.ª Parte - Obras de John Wagenaar e Henri Vieuxtemps - INTERVALO: Solos de Cravo: - Tocata e Fuga em dó menor BWV 911, de Bach Ruzickova - Suite n.º 5 em mi maior, de Handel. 2.ª PARTE: - Música de Leonard Bernstein e George Gershwin; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (290m)

17.03: Top Rock em Stock (simultâneo FM); 19.03: Carros roubados/SOS; 19.05: É o fim; 20.00: Emissão regional: Emissor de Porto Alto; 20.03: Quando o telefone toca; 21.03: Quando o telefone toca; 21.30: Tempo de desporto

Emissão Estereofónica (97,4 MHz)

17.03: Top Rock em Stock (simultâneo OM); 18.03: Correio em Stock; 19.03: Em órbita; 21.03: Café concerto

RÁDIO RENASCENÇA

18.08: Apelos; 18.15: Ao Encontro da Palavra; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de RR; 20.00: Objectivo; 20.54: Apelos; 21.05: Pentagrama; 21.30: Temas Vivos; 22.00: Quando o Telefone Toca; 22.30: Pentagrama; 23.30: No Mundo do Trabalho; 23.55: Fecho

**de Ferro
Portugueses**

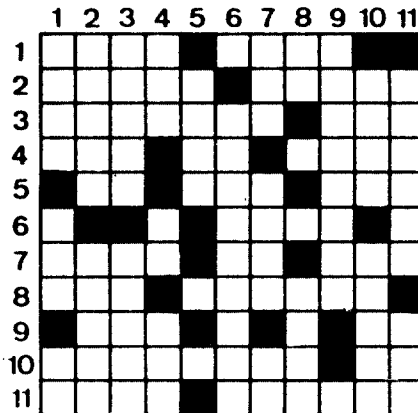
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 12 579

HORIZONTAIS

- 1 Além disso. Estica.
- 2 Freguesia do concelho de Torres Novas. Lódia.
- 3 Pesquisavam. Códica.
- 4 Procede. Amónio (s.q.). Destro.
- 5 Carta jogar. Uma das Cidades. Três vogais iguais.
- 6 Sair frequentemente à rua.
- 7 Bramido. Em a. Levanta.
- 8 Ena! Pedaco de madeira mal queimado.
- 9 Fecho as asas para descer mais depressa. Reis.
- 10 Ajustara. Concede.
- 11 Nome de flor. Danças o samba.



VERTICAIS

- 1 Raperiga. Pronome relativo. Clima.
- 2 Inunda. Sulco.
- 3 Pequenos barcos de recreio. Falcas.
- 4 Fecha as asas para descer mais depressa. Laço. Reza.
- 5 Cidade do estado de São Paulo. Tornava morno.
- 6 Cidade da Alemanha. Transpirar. Batráquio.
- 8 Título do soberano da Pérsia. Observavam.
- 9 Tomaria amigo.
- 10 Cantiga. Cabo.
- 11 Alfaca (pop.). Sadias.

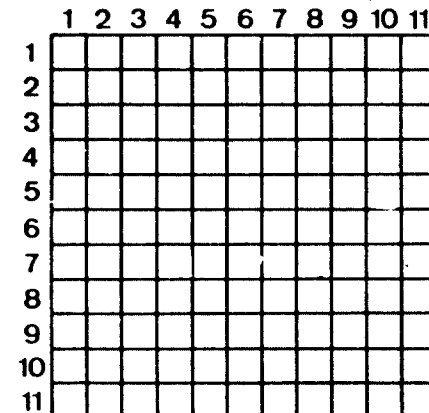
Resolheu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8639

HORIZONTAIS

- 1 Cidade do Japão. Cura.
- 2 Ligue. Boato. Rente.
- 3 Esbeltas.
- 4 Urdes. Centiare.
- 5 Seguias. Rezaram.
- 6 Bano (s.q.). Pronome pessoal.
- 7 Órdens.
- 8 Acordar. Cério (s.q.).
- 9 Instrumento de lâmina curva para ceifar. Prefixo de negação.
- 10 Missionário português conhecido por Apóstolo das Canárias. Recusa.
- 11 Prendo. Acariciais.



VERTICAIS

- 1 Serra do estado de Pernambuco. Honraria.
- 2 Lugar. Solitário.
- 3 Palmeiras da Amazônia. Toco apito.
- 4 Moderato (inv.). Caimbra.
- 5 Dura. Fora! (interj.).
- 6 Poente. Nome antigo da nota musical do Neon (inv.).
- 7 Artigo definido. Move os remos. Interjeição de dor.
- 8 Guardara segredo.
- 9 Equiparas. Sódio (s.q.).
- 10 Nota musical. Remai para trás.
- 11 Arrogaremos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 578

HORIZONTAIS:

- 1 - A VERDADE E
- 2 - Nai. Ai. Amar
- 3 - Palmela
- 4 - Sai. Oba. Nem
- 5 - Sra. Socata
- 6 - Mãe. Roa
- 7 - Mirasses.
- 8 - Oirar
- 9 - Raivais. Itu
- 10 - File. Saar
- 11 - As. Lascas

VERTICAIS:

- 1 - Anisso. ORFA
- 2 - Ar. Stais
- 3 - Violam. Rii
- 4 - Amável
- 5 - Raposeira
- 6 - Diabo. Los
- 7 - Lacraus
- 8 - Dam. Aos. Sa
- 9 - Ementas. las
- 10 - Alea. Esta
- 11 - Eram. As. Uro

Provérbio: A VERDADE E ORFA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8638

HORIZONTAIS:

- 1 - Mentira.
- 2 - Apa. Cairam
- 3 - Zaimo. Orar
- 4 - Raiva. As
- 5 - Nara. Acre.
- 6 - Ar. Dr. Aa. Pá.
- 7 - Oaio. Ar. Ser
- 8 - Atas. Já.
- 9 - Tapados. Mos
- 10 - Eva. la. Ba
- 11 - Máscara. Ror

VERTICAIS:

- 1 - Aaz. Não. Tem.
- 2 - Parara. Avá
- 3 - Raia. Impas.
- 4 - Miado
- 5 - V.º. Adia
- 6 - EC. Aa. Atoar
- 7 - Náo. Caras
- 8 - Tirara
- 9 - Ira. Mar.
- 10 - Rara. Pejo.
- 11 - Am. Soares

Cinemas

Cinemas e programas

Lisboa

PERMANENTE (Hoje)

EUSIL - Rua Barão de Saborosa, 104. Tel. 841912 (Alto Pina); **ROMA** - Av. Roma 85-B Tel. 772466 (Alvalade); **LABOR** - Rua Diário de Notícias, 73-83 Tel. 323428 (Bairro Alto); **LISBOA** - Rua Cláudio Nunes, 73-A Tel. 703383 (Benfica - Cemitério); **LUPU NOGUEIRA** - Rua José Dias Coelho, 4 Tel. 631635 (Calvário - Alcântara); (campolide); **UNIVERSAL** - Rua Actor Taborda, 5-7 Tel. 44158 (Estefânia); **RIBEIRO E CASTRO** - Rua Braancamp, 52-C Tel. 43409 (Marquês Pombal); **TAVARES** - Rua da Palma 194 Tel. 863350 (Martim Moniz); **HIGIENE** - Rua Cidade V. Cabral, lote 43 Tel. 310026 (Olivais Sul); **DIAS E SARAIVA** - Rua Major Afonso Paia, 19 Tel. 2114487 (Algas); **LEITÃO** - Rua Guil. Gomes Fernandes, 62 Tel. 910051 (Odivelas); **LEITÃO RIBEIRO** - Rua A do Falcão, 3-1 (Pontinha).

REFORÇO

TELES - Rua João de Barros, 2 frente Tel. 638176 (Alto Santo Amaro); **ZIL** - Av. da Igreja, 9-D Tel. 891780 (Alvalade); **ONILDA** - Av. João XXI, 13-A Tel. 886848 (Areeiro); **AZEVEDO IR. E VEIGA** - Rua Misericórdia, 24 Tel. 323540 (Bairro Alto); **SIMÕES** - Calc. Tolal 102-A Tel. 749649 (Benfica - Cemitério); **ZEMA** - Rua Gen. Justino Padrel, 21-A Tel. 832580 (Calçada dos Barbadinhos); **OURIQUE** - Rua Freitas Gazu, 32-B Tel. 671667 (Campo Ourique - Prazeres); **CENTRAL DE CAMPOLIDE** - Rua General Taborda, 17 Tel. 680304 (Campolide); **ESTEFÂNIA** - Rua Pascoal de Melo, 90 Tel. 44438 (Estefânia); **CENTRAL DO LUMIAR** - Alameda Linhas Torres, 254-B Tel. 790480 (Lumiar); **MARLUZ** - Calc. da Picheleira, 140 B-C Tel. 880703 (Picheleira); **MIRAMAR** - Rua Ernesto da Silva, 83 Tel. 2112048 (Algas); **BRITO** - Rua do Colégio, lote 32-B Tel. 993351 (Brandão); **GONÇALVES** - Rua dr. Egas Moniz, 30-B Tel. 915662 (Odivelas).

Outra Banda

ALMADA - Nuno Álvares - Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 Tel. 2754504; **COVA DA PIEDADE** - Cerqueira Afonso - Pr. 5 de Outubro, 18 Tel. 2750254; **LARANJEIRO** - Moderna - Rua dr. António Elvas, 84 Tel. 2490305; **COSTA DA CAPARICA** - Carlos 6 Av. do Mar, 34-A Quinta de St.º António Tel. 2401060; **SESIMBRA** - Lopes - Rua Cândido dos Reis, 21 Tel. 2233028; **BARREIRO** - Avenida - Av. Alfredo da Silva, 88 Tel. 2073212; **PERMANENTE**; **Mascarenhas Neto** - Rua Almeida Garrett, 1 Tel. 2076454; **Até às 19 horas**; **AMORA** - Matos Lopes - Rua 1.ª de Maio, lote 401 Tel. 2216355; **SEIXAL** - Soromenho - Rua Paiva Coelho, 38 Tel. 2218560; **MONTIJO** - Higiene - Rua José Joaquim Marques, 142 Tel. 2310370; **MOITA** - União Moitense - Av. dr. Teófilo Braga Tel. 239025; **ALHOS VEDROS** - Guesmão - Rua Cândido dos Reis, 30 Tel. 204020; **ALCOCHETE** - Gameiro - Largo António Santos Jorge, 15 Tel. 234100.

Linha de Cascais

CAXIAS - Nova - Rua Bernardim Ribeiro, 1-A Tel. 242839. Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS** - Central - Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS** - Alcântara Guerreiro - Pr. Residencial dr. Augusto de Castro, lote 10 Tel. 2430891. Até às 22 horas; **PAREDE** - Brandão - Av. da República, 77-C Tel. 2471054. Até às 24 horas; **Junqueiro Mendes** - Das 0 às 9 horas; **AMOREIRA** - Amoreira - Telfs. 262313/267314; **ESTORIL** - Parque - Arcadas do Parque, 3 Tel. 260192. Até às 21 horas; **CASCAIS Misericórdia** - Rua Regimento 19, 41 Tel. 280141. Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA - Igreja - Pr. da Igreja, 22-A Tel. 937740. Permanente; **Fiança** - Rua Elias Garcia, 78-B Tel. 932485. Até às 22 horas; **DAMAIA** - Lemos - Rua de Goa, 21-A Tel. 971121; **QUELUZ** - Serra e Pinto - Av. D. António C. Sá, 50 E Tel. 957619; **CAMARATE** - Santos Silva - Apelação; **CACÉM** - Garcia - Av. dos Missionários, 2 Tel. 2940781; **ALQUEIRÃO** - RODRIGUES - rto - Permanente. Tel. 2912038; **RIO DE MOURO** - Riomouro - Av. Oscar Monterro Torres, 8 Tel. 2960194. Até às 23 horas; **SINTRA** - Simões - Estefânia Tel. 2930632. Permanente; **COLARES** - Abreja - Tel. 299088.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

CANAVARRO - Rua da Restauração 53 Tel. 60754; **PADRAO** - Rua Santo Ildefonso, 342 Tel. 52149; **FIGUEIREDO LDA.** - Rua de Colofeita, 125, tel. 21620; **PARENTE** - Rua das Flores 114, tel. 2161111; **SOUZA SOARES** - Rua de Santa Catarina, 141 Tel. 22145; **VITÓRIA** - Rua de S. Roque da Lameira, 756 Tel. 52225; **SANIL** - Rua do Paraíso, 214. Tel. 23935.

DE DIA E TODA A NOITE

RAMOS - Pr. do Exército Libertador, 91 Tel. 64935; **FERREIRA DE CARVALHO** - Rua do Bonjardim, 354 Tel. 27840; **CONSTITUIÇÃO** - Rua da Constituição, 93 Tel. 490813; **MOURO** - Rua do Bonfim, 582-A-B.

Coimbra

(Das 9 horas, às 9 do dia seguinte)
VIEGAS E COELHO - Rua da Sofia, 19-21. Tel. 22089.

abCINE

803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 13 a.
AS ASAS DA ÁGUA
Um filme de Anthony Harvey
SALA B 15, 17, 19, 21.30 e 23.45
- 13 a.
MANHATTAN
Domingo manhã inf. às 11 e 15.15
Desenhos Animados

ALVALADE

897480

Av. de Roma

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
O GATO QUE VEIO DO ESPAÇO
c/ Ken Berry, Sandy Duncan e Harry Morgan
Falado em português
7.ª Semana

APOLO

763319

Av. João Dinis, 10-A

Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
Não acons. men. de 13 anos
JOGO BAIXO
Hoje e todos os dias às 23.30 horas
Não acons. a men. de 18 anos
O GRANDE CONQUISTADOR
com Woody Allen

AVIS

547163

Av. Duque D'Ávila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Um estranho poder que controlava os homens para dominar o Mundo
O PODER DO DIABOLICO
c/ Jeff Bridges e James Mason

BERNA

776098

Av. Marques de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O CAMPEÃO
c/ Jon Voight, Faye Dunaway e Ricky Schroder
Um filme de Franco Zeffirelli

CALEIDOSCÓPIO

795093

Campo Grande

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
AEROPORTO 80
c/ Alain Delon, Susan Blakely

CASTIL

530194

Rua Castilho

14.30, 16.45, 19 e 21.30
Int. men. 13 anos
O sistema de justiça é uma gigantesca e complexa máquina
Al Pacino em
E JUSTIÇA PARA TODOS
Um filme de Norman Jewison

CINE 222

Tel. 579460

Av. Praia da Vitória, 37 (Ao Saldanha)

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Maiores 13 anos
INÉS VAI MORRER
Com Ingrid Thulin
(Considerado filme de qualidade)
As 23.45
Não acons. mens. 18 anos
IVES O TEMERÁRIO

CINEBOLSO

573407

Rua Actor Taborda, 27-B

As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
Uma espécie rara de mulheres-tigre de insatisfeito e agressivo apetite
AS FERAS DO SEXO
Pornográfico - "hard core"
As 24 h (N. ac. m.)
A SOMBRA DE BRUCE LEE

CINE CAMÕES

324194

Rua de Loreto, 15

14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Um filme de Rajathakur
AMBIÇÃO INSCALVEL
Filme indiano
Com: Vikram e Zarina Wahab
As 11 h (P. todos)
HEIDE NA MONTANHA

CONDES

322523

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A FERRO E FOGO
c/ Sophia Loren e James Coburn
Um filme de Michel Wimmer
2.ª Semana

DOIS MIL

2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algas

As 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13
OS FUGITIVOS DE ALCATRAZ
As 23.45 h (Grupo B ma. 18 anos)
VAMOS TER SARILHOS

D. JOÃO V

971794

Praça Centro Comercial - Damia

As 16 h (Para todos)
OS 12 TRABALHOS DE ASTERIX
As 21.30 h - Não ac. a m. 13 anos
DO INFERNO À VITÓRIA
As 24 horas - Int. a m. 13 anos
OS DISCÍPULOS DO DRAGÃO NEGRO

EDEN

320768

P. dos Restauradores, 21

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS FUGITIVOS DE ALCATRAZ
c/ Clint Eastwood, Patrick McGowan e Robert Blossom 3.ª Semana
Um filme de Don Siegel
As 24 h - N. ac. a m. 18 anos
OS 7 GOLPES DO DRAGÃO

ESTUDIO

555134

Av. Afonso Henriques, 35

As 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
ESCÂNDALO DE PRIMEIRA PÁGINA
c/ Isabelle Adjani e Gerard Depardieu
Um filme de André Techine
3.ª semana

ESTUDIO 444

779095

Av. Defensores de Chaves, 83

15, 17, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
E A TERNURA?... **UMA OVA**
Complexados, ternos, românticos, obcecados e feministas já reberntaram de riso com o triunfo do ano em França
e Bernard Giraudeau
2.ª Semana

EUROPA

661016

R. Almeida e Sousa, 35

Hoje e amanhã às 15.15 e 21.30
(Não ac. a men. 18 anos)
ASSALTO À 13.ª ESQUADRA
As 18.15 horas em "Tarde infantil" (Para todos)
As 24.00 h em (Sessão da meia-noite)
Não ac. a m. 18 anos
ONDE O SOL NUNCA BRILHA

IMPERIO

555134 5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A ficção científica faz uma nova descoberta
O HUMANÓIDE
Um filme de George B. Lewis
2.ª Semana

LONDRES

801313

Av. de Roma, 7-A

14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Um filme de Martin Ritt com Sally Field
1.º prémio Cannes
NORMA RAE
Filme de qualidade
9.ª Semana
As 24 h - N. ac. a men. 18 a
AMOR E BALAS

MONUMENTAL

555131

P. Duque de Saldanha

15.15, 18.15 e 21.45
Não acons. men. 13 anos
LAÇOS DE SANGUE
Audrey Hepburn, Ben Gazzara, Romy Schneider, Omar Sharif
Projectão do filme 10 minutos após o início da sessão

MONTECARLO

Tel. 881117

A. Pedro Álvares Cabral, 37

As 15, 17, 19 e 21.45
- N. ac. men. 13 a.
ESCÂNDALO DE PRIMEIRA PÁGINA
c/ Marie France Pesier, Julien Guomar e Jean-Claude Brialy
Um filme de André Techine
As 24 h - N. ac. a m. 13 anos
BARAFUNDA NO FAROESTE

MUNDIAL

538743

R. Martens Ferraz, 12-A

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O CAMPEÃO
c/ Jon Voight, Faye Dunaway e Ricky Schroder
Um filme de Franco Zeffirelli
2.ª SEMANA

NIMAS

574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14, 17.45 e 21.30
A ARVORE DOS TAMANCOS
Um filme de Ermanno Olmi
Palma de Ouro do Festival de Cannes
Melhor filme da década de 70, considerado unanimemente pelos críticos americanos e italianos, como um dos melhores filmes do ano

NOVOCINE

840678

Av. General Roçadas, 7

Hoje e amanhã 15.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Uma Canção Une Três Destinos Perdidos
UMA CANÇÃO TRÊS DESTINOS
Talaash
com: Nadeem e Shabnam

ODEON

326283 4

R. Condes, 12 e 20

As 15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 13 anos
PICANTE... MAS NÃO MUITO!
Com as esculturais Ursula Andress e Barbara Bouchet
Colorido

PATHÉ

821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A FERRO E FOGO
c/ Sophia Loren e James Coburn

POLITEAMA

326305

R. Portas de St.º Antão

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
A AVENTURA COMEÇA EM CABO BLANCO
c/ Charles Bronson, James Robards e Fernando Rey
2.ª Semana

QUARTETO

R. Flores de Lima, 16

771378

SALA 1 às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- Int. men. 13 a.
O HOMEM QUE MATOU O PASSADO
de: Stuart Cooper
SALA 2 às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 e 23.30
NOITES DE SINGAPURA

RESTELO

610175

Av. Torre de Belém

As 15, 19.15 e 21.30
Int. men. 13 anos
ROCKY II
Com Sylvester Stallone e Talia Shire

ROMA

887778

Av. de Roma, Lote JRB

As 15.30, 18.30 e 21.30 Int. men. 13 a.
Um filme de alta emoção
O HOMEM QUE MATOU O PASSADO
c/ Donald Sutherland e Francine Racette
2.ª semana

ROXY

548560

Av. Almirante Reis, 20

As 14.15, 16.30, 18.45, 21.30
Int. men. 13 anos
E JUSTIÇA PARA TODOS
Um filme extraordinariamente importante
Col. Al Pacino, Jack Warden e John Forsythe

SÃO JORGE

579144-579344

Av. da Liberdade, 175

As 15.15, 18.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Suspense e Aventura em
O MISTÉRIO DA DAMA DESAPARECIDA
Com: Elliot Gould e Cybill Sheppard

SATELITE

562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões:
15.30, 17.00, 19.00, 21.45h
Não acons. men. 18 anos
PROCESSO ARQUIVADO POR ORDEM REAL
Christopher Plummer, James Mason, Donald Sutherland
8.ª semana

STAR

804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h.
- N. ac. men. 13 a.
Um grande êxito mundial ACONTECEU EM PARIS
c/ Wayne Rogers e Gayle Hunnicutt
As 24 h
MAS QUE GRANDES VIGARISTAS

TERMINAL

371573

Estação do Rossio

As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Classif. n/acons. m/18 anos
UMA MULHER DE SONHO
"10"
UM HOMEM NÃO PODE VIVER SÓ DO AR...
Amanhã às 11 - P. todos
O GATO DAS BOTAS

TIVOLI

570595

Av. da Liberdade, 188

As 14, 16.30, 19, 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS BONS E OS MAUS
c/ Burt Reynolds, Sally Field e Jerry Reed
Um filme de Hal Needham e Robert L. Levy

VOX

880808

Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879

As 15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O mais espectacular Charles Bronson A AVENTURA COMEÇA EM CABO BLANCO
c/ Charles Bronson, Dominique Sanda e Fernando Rey 2.ª semana
As 24 h - nac. 13 anos
S. O. S. - Submarino Nuclear

ZODIACO

570151

Rua Conde de Redondo, 5

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
FEBRE DE PRIMAVERA
c/ Rajesh Khanna e Zinat Amad
As 24 h
PROVIDENC

outros cinemas

Festival: uma evocação do passeio público

Neves de Sousa (texto) • Hernando Domingues (fotos)

— Tinha que ser alguma vez!
No palco, já à porta fechada, José Cid repetia a recepção dos prémios das mãos de Manuela Bravo. A sala (Teatro amordaçada) ia voltar ao sepulcro. As «Doce», braços-dados com amigos, zarpavam para uma «Boite». Ana Maria Lucas, Helena Isabel, Maria do Amparo, todas já tinham vestido o casaco. Apenas, centro de uma ilha, José Cid desabafava:
— Estou muito contente e um pouco emocionado. Foi a 4.ª vez que vim ao Festival: ganhou a minha canção por vontade de um júri nacional. A TV

está de parabéns, porque houve muito bom nível geral nas composições e, quem saber uma coisa? Se fôsse eu a escolher, acho que as «Doce» eram as intérpretes mais eurovisivas, enquanto que a melhor qualidade pertenceu à canção do «Quarteto Música em Si».

Octávio Clérigo era peremptório:

— Os rapazes fizeram muito mal em não ter mantido a mesma frouxa luz com que cantaram no Villaret: a canção «Esta Página em Branco» perdeu cinquenta por cento do seu impacto!

Melo Pereira (que, em coligação com Isabel Wolmar, foi o produtor do Festival) fazia questão de acentuar bem:

— Não, eu não tenho absolutamente nada com a vinda das «Frenéticas». Não tenho nada a ver com isso...

E mudava rapidamente de tema:

— Os meus melhores parabéns aos iluminadores: foram sensacionais!

Mas a luz continuava a ser tema para debate. Varela Silva, ao lado de Simone, comentava:

— Cantada quase às escuras, «Esta Página em Branco» tinha ganho o Festival!

— Como? — perguntava alguém mais atento. «Como, se ao escolher o lote de jornais regionais que iam convidar jurados logo se definiu quem poderia triunfar?

José Cid é que não se importou que, tanto Ana Maria Lucas como Maria do Amparo, Nuno Gomes dos Santos ou Maria Dulce tivessem deixado o São Luiz com um sorriso de desdém, que não de conformismo. Samuel avançava:



Esta não é a música brasileira. Felizmente

Gina Maria, de Gomes Ferreira a Manuel Figueira, de Baptista Rosa a Maria Leonor, era um reencontro e não uma estreia. Era o voltar de uma página dobrada e pouca gente estava ali porque, afinal (que Diabo!) era preciso escolher uma cantoria para mandar a Haia, a 19 de Abril.

José Cid é que, uma boa hora antes do teste, já confiava:

— Se ganhar, eu e o Mike Sargeant damos uma volta na cantiga.

Depois, quando de Argra do Heroísmo a Viseu, foi visível uma orquestração coral, um afinar de agulhas determinado, Cid (o não campeão) comentaria:

— A camaradagem entre todos os concorrentes foi uma coisa fabulosa. Vale a pena dizer que, ao contrário do que pode ter havido lá fora, na sala ou por esse Portugal fora, não houve, cá dentro do palco, nos bastidores, nos camarins, a mais leve gota de despeito ou de zanga. Ganhei eu, como poderia ter perdido. Volto a salientar e isto é muito importante: as «Doce» como o «Quarteto Música em Si» eram os meus favoritos.

A longa e lenta marcha prosseguia, a caminho de um «hisky», de uma roda de má língua, de uma sessão de «travesti», um fado ou (simplesmente) vale de lençóis. Iam todos: Fialho Gouveia e, muito bem acompanhado, o colega Carlos Cruz; Fernando de Almeida e Thilo Krassman, com uma filha quase da sua altura; José Manuel Santana e Maria Alberta, Luis Francisco Rebello e Mariana Villar, Vasco Teves e as senhoras das Relações Públicas da TV (Maria do Céu e Maria Fernanda à frente), Rui Guedes abraçado a Cid, a inefável linguagreira Guadalupe mais o esfusante casal Alice Cruz-Rui Romano. De Rui Vilar a Krus Abecassis, gente das políticas. Gente que, certamente afinaria o tom pelas palavras de Lucas Pires:

— Achei graça. Só vira o Festival do ano passado: parece-me que este foi melhor. Acho o leque de canções com melhor qualidade.

A romaria debandava. Já só se comentava o facto de um seio da loura carioca de cabelo rizado, a Lidoka-do-erotismo barato, ter saltado ostensivamente fora de um trapo que fingia ser

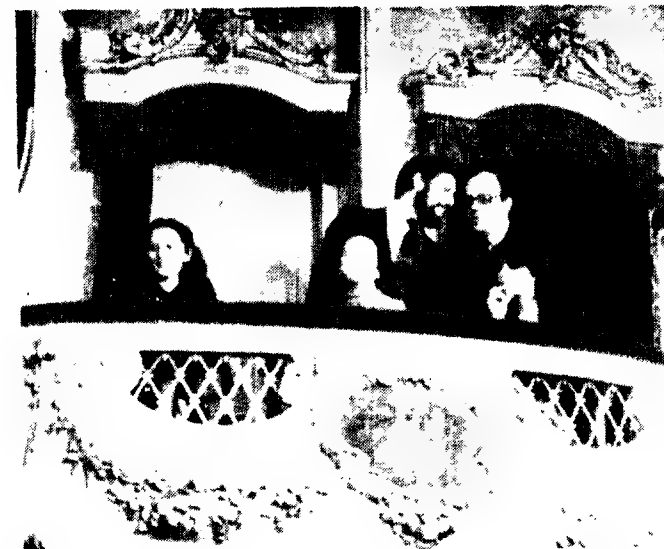


Cid, «festiveleiro», vai a Haia. Que ganhe a menos má...

«soutien». Já ninguém comentava a canção de Cid, porque a vida teria de ser diferente: e não é. Só num grupo largo, a lâmina das palavras cortava a noite:

— E aquela do júri de Setúbal cumprimentar os trabalhadores deste país? Ali estava malta que só quer descansar?

Maria Teresa Horta, Galarza, Tó Zé Brito, António Sala, Paulo Alexandre, Ruy Ferrão, Henrique Mendes, Glória de Matos, José Nuno Martins: cada qual para seu lado, debandava. Afinal bem afinal de contas, que é que se passara no São Luiz? Não tóra um serão para não trabalhadores?



Lucas Pires e Nuno Abecassis: ouvidos atentos para Cid

DL

PROPRIEDADE DA:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração: Rua Castilho, 185
Telefones 654531/2/3 - 1100 Lisboa
Redacção: Publicidade e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telefones 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
S. rvice Noite (Depois das 21h)
Porteiro 321154
Mensagens Gravadas 320229
Endereço Telefónico Dúbia
Telex 12363 Lisboa Portugal
Delegação do Porto: Rua do Almada, 30 - 2.
Telefones 206541 - 206600

3 Tome

ASAS POÉTICAS

O «Diário da República», de 8 de Março de 1980, a seis anos (quase) do 25 de Abril de 1974, publica a letra do «Hino da Força Aérea».

E a seguinte:

«Asas de Portugal
Com Cristo no coração
Tendes feitos sem igual
Heróis da Lusa Nação

«No ar como na terra
Que a Nação nos reconheça
Em paz como na guerra
Não há nada que vos vença

«Levantai e bem alto
A Bandeira Nacional
Levantai e bem alto
O nome de Portugal.»

No ano em que se comemora o centenário de Camões esta letra é, realmente, um «excesso» poético.

Não há música que salve esta letra.

Guarda Incendiários condenados

Por se ter provado o seu envolvimento num gigantesco incêndio que, em Agosto passado, destruiu grande parte de uma floresta situada nas proximidades da Guarda, o estudante António Nunes Sanchez, 19 anos, e o corrector António Marques, de 33, foram ontem condenados no tribunal daquela cidade, às penas de seis e oito anos de prisão respectivamente.

Os dois incendiários foram ainda condenados ao pagamento de quinze contos de indemnização a cada um dos lavadores lesados.

suíça

uma semana em ENGELBERG
partidas em grupo. Fevereiro 3 e 17
Março 9 e 30
avião, hotel 1.º quartos com banho
transfers, meia pensão, taxas

VIAGENS INDIVIDUAIS
repousantes estadias de 7 dias em
plenais Alpes da Suíça Central

FINS DE SEMANA
em GENEVE e ZURIQUE
avião, hotel, visita de cidade, taxas

PREÇOS DESDE 14.700 \$

EUROPE

A EXPERIÊNCIA AO SERVIÇO DO TURISMO
LISBOA • Av. da Liberdade 233 • Tel. 536121
PORTIMÃO • Av. Tomas Cabreira Vende Sant'Ana
Praia da Rocha • Tel. 23377
membro WATA em Portugal

FEIRAS E EXPOSIÇÕES 1980

VIAGENS ESPECIAIS COM ALOJAMENTO	
FRANKFURT Feira Int. de Instrumentos Musicais	22.26 FEV
Feira Internacional	1.5 MAR
PARIS Feira Int. da Agricultura	1.5 MAR
Feira Int. Maquina Agricola	28 MAR. 1 ABR
Salão Int. do Pronto-a-Vestir	29 MAR. 2 ABR
feminino e (boutique)	
Salão Int. de Maquinas para	25.29 ABR
Trabalhar Madeira	
BARCELONA Salão Internacional da Alimentação	7.11 MAR
BILBAO Bienal da Maquina Ferramenta	22.25 MAR
MILÃO Feira Internacional de Amostras	13.17 ABR
	17.21 ABR
	21.24 ABR
HANNOVER Feira Internacional de Amostras	17.21 ABR
	21.25 ABR
MILÃO+HANNOVER 2 Feiras Int. de Amostras	13.21 ABR
	17.25 ABR

NUMERO LIMITADO DE LUGARES
INFORMAÇÕES E RESERVA

abreu

fundada em 1940

— Se, realmente, mudámos a apresentação de «Self made man» é porque isso pareceu melhor para uma hipótese de jogo europeu. Mas, quanto a nós (e a própria orquestra, os grandes entendidos sancionaram esta opinião) o triunfador do Festival foi, incontestavelmente, Pedro Osório. Foi uma festa total: ele é, por direito próprio, o nosso músico de toda uma geração!

O desfile de caras que tinham estado largo tempo fora destas rapiocadas anuais, começou cedo, porque uma hora antes de ir para o ar o primeiro grito das seis brasileiras que (na opinião de Vilas Boas) «bem nos pregaram uma grande partida», já estava à porta um magote de gente dos antigos tempos: desde Carmen Mendes a Varatojo, de Oliveira Martins a Nobrega e Sousa. Rabonas e smokings confundiam-se com simples fatos escuros ou até com os blusões dos empregados do São Luiz que, em grande maioria, andavam de camisa aberta para espantar o calor. O desfile, porém, avançava imperturbável, salamaque para qui, beijinho para acolá: de Tony de Matos a

ACERCA DE ME-TI

Livros das Profundas Modificações, de Brecht

Espirito universal que não conhece fronteiras entre culturas, Brecht interessa-se vivamente, nos anos vinte, pelas culturas chinesa e japonesa, especialmente pelo teatro do extremo-orient e pela arte de representar dos seus actores. O interesse pelo teatro, a filosofia e a literatura chinesa levam-no ao conhecimento da obra do filósofo Me-ti, que terá vivido aproximadamente entre 480 e 400 antes da nossa era. Me-ti tornou-se o principal oponente das ideias de Confúcio, o que lhe acarretou o ódio dos confucionistas. O seu pensamento preocupava-se em buscar soluções para o problema da harmonia entre o indivíduo e a sociedade (o pessoal e o social), bem como vias que levassem ao bem estar social, colectivo. ¹ O seu mérito foi o de ter introduzido na antiga filosofia chinesa, a argumentação lógica e o pensamento sistemático, com o que abre perspectivas novas em relação a Lao-tsé ou Confúcio. Na medida em que, por via de regra, demonstra as suas afirmações através de conclusões lógicas, Me-ti dá corpo a um pensamento com um nexo e um rigor que o levam ao emprego da dialéctica. Em Me-ti, a lógica e a dialéctica encontram-se ainda interligadas, mas a preocupação do filósofo em debater e tornar claras asserções tais como que todos os homens são irmãos, que as guerras de conquista devem ser condenadas, o exigir que homens capazes ascendam aos cargos independentemente da sua origem de classe, dá às suas ideias uma extraordinária actualidade e permitem, sem dúvida, qualificá-lo como progressista e democrata. Filósofo prático que nunca se remete à especulação pura, antes procura fazer coincidir as suas ideias com os dados do real e as situações concretas da

prática, — «como pode uma coisa ser boa, se não se conseguir aplicar na prática?» Me-ti chegou a ser apontado por especialistas mais entusiasmados, como precursor do socialismo e dos seus ensinamentos. ²

Como dissemos, Brecht vinha já a ocupar-se de Me-ti e da sua obra, o que é confirmado pelo testemunho de Hanns Eisler, que informa: «A filosofia chinesa influenciou-o (a Brecht) muito, quero dizer, estimulou-lhe as ideias, precisamente em 1929/30. O Me-ti deu-mo ele em 1930. Ou em 1931? Nessa altura havia uma excelente associação de sinólogos em Wiesbaden, creio, que dava a lume publicações que Brecht recebia por intermédio de amigos. Foi para nós uma grande descoberta. ³ Me-ti Livro das Profundas Modificações, escreveu-o Brecht, na sua maior parte, durante os anos difíceis do exílio e da perseguição que assinalaram o domínio macabro do nazismo, em Svendborg, na Dinamarca, uma das estações do exílio, entre 1934 e 1937. Atraído, portanto, pelo pensamento de Me-ti e por o que ele contém de novo e de progressista em relação ao tempo, Brecht elabora Me-ti numa linguagem sentenciosa, aforística, de uma extrema contenção (monólogos e diálogos curtos, conceitos expressos, muitas vezes em uma ou duas linhas), posta ao serviço de um pensamento esquemático em que a exactidão de raciocínio e a clareza de formulação estão sempre ligadas. Brecht faz, neste livro, a crítica da situação política e social da época em que lhe é dado viver, ao mesmo tempo que efectua uma meditação/revisão da dialéctica como método do pensamento conducente à acção esclarecida, bem como do pensamento político de Marx e

por José Coutinho



Máscara mortuária de Brecht

de Lenin, que nunca deixou de estudar e aprofundar. Se o ponto de partida para a elaboração da obra é o conjunto dos antigos textos chineses de Me-ti, o caminho percorrido e o ponto de chegada são a realidade contemporânea de Brecht; o

texto antigo, com as vias que sugere e as soluções que aponta, é inserido nos dias agitados em que Brecht vive e escreve, nas grandes linhas de força que determinam a confrontação cíclica de que é não só testemunha de defesa,

por um lado, e de acusação, por outro, como sobretudo participante no combate, do lado que a sua formação política conscientemente lhe determina. Na mutação de uma época histórica em que se desenrola o processo de luta entre a velha des-humanidade a debater-se na fogueira do incêndio que ela própria, em desespero de causa, ateia, e a nova Humanidade que desmonta para uma outra vida a construir, tendo em vista o futuro imediato, melhor e mais digno, Brecht está presente com a sua palavra viva e dinâmica, como Me-ti claramente documenta

«Brecht mistura ideias novas nos textos do filósofo chinês Me-ti (400 antes da nossa era), sem, contudo, eliminar as antigas. As novas personagens e ideias reflectem-se nas antigas — e aqui reside o estranho encanto deste livro. (...) O distanciamento temporal no âmbito de um pensamento e a duplicação da personagem, dão aqui origem a um elemento do conhecimento e do prazer. ⁴ Sobretudo deve ter-se em mente que esta obra foi estruturada no exílio, estando portanto profundamente repassada, como todas as outras neste período crucial, da necessidade mais urgente do que nunca, da praxis da luta antifascista, numa altura em que os nazis e seus acólitos preparavam o banho de sangue catastrófico que foi a chamada Segunda Guerra Mundial. Brecht sabe que, para evitar a guerra há que exterminar o fascismo e, para o fazer, há que modificar radicalmente as sociedades onde ele demonstra ser capaz de proliferar.

Me-ti está dividido em cinco partes ou livros, cada um dos quais trata de um tema específico. Os títulos que utiliza são directamente tirados do texto original do filósofo chinês e agrupam-se pela ordem seguinte:

1.º — **Livro do Grande Método:** textos onde Brecht demonstra que a dialéctica é, por essência o «grande método». Este livro é como que uma iniciação metodológica do leitor no livro que se propõe abordar.

2.º — **Livro da Experiência:** acumula dados concretos da experiência da vida e da sabedoria que ela traz, discute aspectos da ética, da moral, da arte em ligação com a vida e conclui que a «ética» de cada um vai surgindo permanentemente do dia-a-dia das condições da luta de classes contra as formas de opressão e correspondentes opressores.

3.º — **Livro sobre a Desordem:** reúnem-se aqui textos sobre o fascismo, do qual o autor faz a análise crítica, concluindo que, enquanto se proclamava como «ordem» (nova), o regime fascista punha em prática a desordem (velha) proveniente do exercício do terror e da tirania.

4.º — **Livro da Revolução:** dá ao leitor uma ideia bastante rica e precisa do que Brecht entende por «revolução», isto é, uma alteração radical da sociedade, em todos os aspectos e domínios.

5.º — **Livro da Grande Ordem:** engloba textos acerca dos problemas que surgem no processo da construção do socialismo nas sociedades que, libertas das antigas servidões, partem para a edificação da sociedade nova. Discute-se o papel dos intelectuais no processo de criar um novo tipo de vida.

Notas:

★ — Professor de literatura portuguesa na Universidade de Rostock (RDA)
1 — Ilja Fradkin, Bertolt Brecht-Weg und Methode. Verlag Philipp Reclam jun. Leipzig. 1977, pg. 331-332
2 — Ilja Fradkin, ob. cit.
3 — Hanns Eisler, Gespräche mit Hans Bunge, Frag Sie mehr ueber Brecht.
4 — Werner Mittenzweil, Brecht Verhalten zur Tradition. Akademie-Verlag, Berlin, 1976, pg. 120.

Ver páginas 4 e 5



DE 8 a 14 DE MARÇO DE 1980

Ciclo Godard em Lisboa

Um ciclo dedicado à obra do cineasta francês Jean Luc Godard realizar-se-á na Faculdade de Letras entre os próximos dias 10 e 14 por iniciativa do Departamento de Cinema daquela Faculdade.

A retrospectiva inclui obras relativas ao período que termina em Maio de 68, em que são temas as novas relações entre as pessoas e as novas relações entre as classes, numa ruptura formal que prenuncia tudo o que Godard viria a fazer depois. «La Chinoise» e «Deux ou

Trois Choses que je Sais d'Elle» são exibidos praticamente em estreia em Portugal. «Alpha-ville», por seu lado, será exibido pela última vez, pois a cópia vai ser destruída.

O ciclo inaugura-se com «Vivre sa Vie», seguindo-se «Alpha-ville», «Deux ou trois choses», «Week-end» e «La Chinoise».

A obra posterior de Jean Luc Godard, nomeadamente as produções colectivas do Grupo Dziga Vertov e os vídeos da última fase, poderão vir a ser objecto de novo ciclo.

Curso para actores na Cornucópia

O Teatro da Cornucópia vai organizar um curso intensivo para actores, dado pelos professores Rudi Shelly e Lynn Britt, da Bristol Old Vic Theatre School. O curso que é apoiado pelo British Council, terá uma duração de 3 semanas e decorrerá entre o dia 1 e o dia 19 de Abril.

A intenção do curso é a de fornecer na prática uma sistematização dos diferentes aspectos do treino básico do actor e não se destina apenas aos actores da Cornucópia. Nele poderão inscrever-se elementos de outras companhias e actores profissionais em geral. O número de participantes terá, no entanto, de ser limitado a 30, pelo que serão admitidos os primeiros 30 inscritos.

As inscrições podem ser feitas no Teatro do Bairro Alto (onde decorrerá o curso).

Decorrem entretanto os ensaios do próximo espectáculo da Cornucópia: «Capitão Schelle, Capitão Ecco», de Rezvani, na tradução de Luiza Neto Jorge, que é encenado por Luís Miguel Cintra com cenários e figurinos de Eduardo Batarde e Beatriz Alçada. O teatro de Rezvani é segundo o próprio autor «um teatro de urgência». A peça que foi originalmente estreada no Palais Chaillot, em Paris, pela Companhia Vincent-Jourdeuil é, no dizer de Jean Jourdeuil «uma alegoria do fim do mundo, o nosso.../ que, privado de descendência, sem futuro, só poderia regressar inelutavelmente à mesquinhez, à agressividade trivial, à selvajaria».



José Saramago: «O meu sonho foi o de poder dizer deste livro, quando o terminasse: Isto é o Alentejo»...

Um livro sobre o Alentejo

José Saramago e o nosso redactor Ernesto Sampaio mantiveram uma conversa sobre as razões que podem levar a escrever um livro «Levantado do Chão». Pensamos que o leitor terá interesse em acompanhar o diálogo, sobretudo porque aquilo que o escritor «levanta do chão» é o Alentejo.

Ver página 6

Ciclo de cinema africano

Um ciclo de cinema «africano» começou ontem à noite e deverá durar até 13 de Março em Luanda, sob a égide do Secretariado de Estado da Cultura, do Instituto de Cinema e do Departamento Nacional de Educação e

da Cultura da OMA (Organização das Mulheres Angolanas).

Etiópia, Argélia, Angola, Moçambique, Marrocos, Senegal e a Tunísia apresentarão uma selecção de filmes, assim como

uma obra saaruita «Temos a noite para dormir». Esta manifestação colocada sob o signo do «Dia da Mulher», será a ocasião, segundo os organizadores, de recordar a situação da mulher no contexto africano.

Metz e a criação musical contemporânea

Os «8.ºs Encontros Internacionais de Música Contemporânea», que abriram com o brilho de Pierre Boulez e da Orquestra Sinfónica da BBC, reuniram em Metz (França) todas as forças vivas da criação musical contemporânea: organismos de pesquisa e de difusão, compositores, intérpretes, editores, críticos e público. Muitos suíços e alemães, grande número de estudantes e universitários; ao todo, um público atento e exigente. É verdade que os Encontros de Metz nada têm a ver com manifestações de prestígio «telecomandadas» da capital mas, pelo contrário, integram uma acção regional que se desenvolve ao longo do ano no «Centro Europeu para a Pesquisa Musical».

Admiravelmente situadas no bairro velho de Metz, estas salas fazem parte do Conservatório da Cidade. É um antigo convento secularizado, cujos muros e jardins habituados ao silêncio acolheram, aparentemente muito bem, estes músicos indiscretos, estes novos alquimistas do fenómeno sonoro.

Para Claude Lefebvre, que está à frente dos destinos do Centro, não existe criação sem liberdade. É a filosofia que preside ao mesmo tempo às actividades do Centro e à programação dos Encontros: aceitar todas as estéticas, desde que sejam testemunho de um nível de qualidade suficiente. A pesquisa é a actividade mais importante do Centro, mas faz-se no segredo dos estúdios.

«Actualmente há a tendência para se falar muito dos pesquisadores. Deixemo-los trabalhar em sossego.»

E Claude Lefebvre denuncia a necessidade da publicidade desenfreada... como se a pesquisa estivesse condenada a fazer milagres por encomenda!

A música não é apenas questão de equipamentos sofisticados e cada vez mais dispendiosos, de ordenadores e sintetizadores; a parte humana tem sempre a sua participação.

A política de bem equipar o estúdio de produção electroacústica responde a essa preocupação. É programada de modo a não ficar ultrapassada, mas sem se deixar cegar por um perfeccionismo ilusório. O objectivo essencial é manter-se como centro de pes-

— crónica de Marcel Weiss

quisa e não cristalizar como centro de arquivos. A programação é feita em três etapas.

A primeira diz respeito ao equipamento de base, muito dispendioso: sintetizador, câmara de eco, consola, harmonizador, magnetofones, limitadores-compressores.

— A segunda etapa consiste em fazer con-

um sinal para orientação da banda sonora.

— A terceira fase é a que consiste numa síntese inteiramente digital.

Este estúdio está aberto aos compositores que receberam encomendas ou cujos projectos foram aceites. Na verdade, 1979 foi o primeiro ano de produção do Centro. Duas



Vinko Globokar



Pierre Boulez



trolar todos estes aparelhos através do ordenador, a fim de fornecer ao compositor um instrumento totalmente dócil que ele possa utilizar como conceito musical, sem se preocupar mais com problemas técnicos da programação.

Na verdade, um criador que não tenha prática de música electrónica, pode chegar a compositor se possuir bons conhecimentos gerais dos princípios de acústica. Mas o auxílio de um técnico-músico é indispensável. Daí que as pesquisas actuais, dirigidas por Peter Leunig, assentem no modo de controlar esta «cozinha do som». É impossível repetir as posições dos aparelhos sem a intervenção do ordenador. Esta falta de precisão dos aparelhos analógicos constitui uma das dificuldades do trabalho em estúdio. As notas já não obedecem a regras absolutas. São apenas

obras executadas nos Encontros integram uma banda realizada no estúdio electroacústico. «Un petit quel t'aime...» de Denis Dufour e «Intensidad y altura» de Mesias Maiguashca.

As actividades são organizadas em função do orçamento do Centro — 1 700 000 francos (19.550 contos) por ano — destinando-se metade desse orçamento aos Encontros. A esta verba acrescenta-se a ajuda da municipalidade em pessoal e em salas o que é impossível de traduzir em dinheiro. A região participa igualmente no financiamento e nas actividades do Centro. E o Estado dá o exemplo, mediante subsídios e encomendas do Ministério da Cultura e da Comunicação. Portanto, cinco ou seis bandas podem ser realizadas por ano.

O Centro Europeu para a Pesquisa Musical

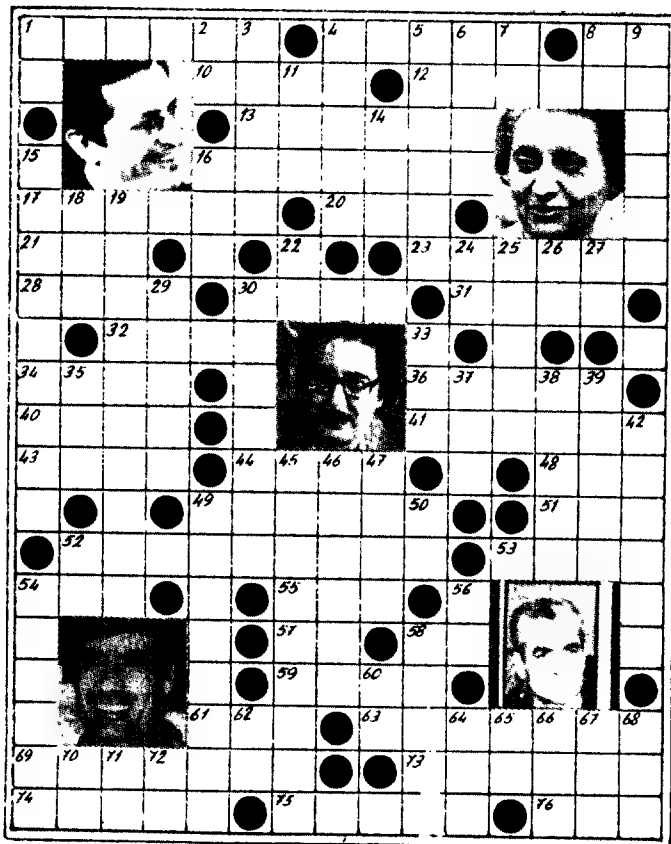
é também produtor de concertos graças ao seu estúdio móvel e ao seu próprio grupo instrumental. A mistura das duas fontes sonoras permite conceber todas as formas de concerto, puramente instrumental, electroacústico ou misto.

O ensino ocupa lugar preponderante nas actividades do Centro. Entre este o Conservatório onde está alojado existem relações excelentes. Claude Lefebvre dirige um curso de análise e composição, enquanto Mesias Maiguashca inicia, no estúdio pedagógico, os estudantes em geral e os alunos do Conservatório nas novas técnicas electroacústicas. A partir de certo nível, o aluno pode executar os seus trabalhos pessoais no estúdio. A acção de sensibilização desenvolve-se nas duas extremidades da cadeia: mediante aulas de iniciação na infância e primária, e cursos universitários sobre música contemporânea.

Este ensino é completado por actividades de animação (conferências, espectáculos audiovisuais, etc.) e pela possibilidade posta à disposição de todos de recorrer a um centro de informação muito completo (biblioteca, discos e registo em banda, revistas, catálogos de editores...)

Uma sessão non-stop, na Primavera, intitulada «Musique au Campus», permitiu sensibilizar os universitários para todas as formas de música de hoje... enquanto aguardam novas salas e um auditório, previsto para breve. Os problemas da criação — essa criação que dizem estar em crise mas que nunca foi tão abundante — nunca serão resolvidos apenas pela tecnologia. Claude Lefebvre dissuade-nos, por exemplo, da ideia de que o ordenador pode revolucionar radicalmente o mundo musical. A voz e a orquestra oferecem ainda imensas possibilidades e fica ainda a via apaixonante da conjugação de um material sonoro registado em banda com uma orquestra tradicional; via difícil, visto que pretende fundir dois mundos à partida irreconciliáveis. Mas que, por vezes, resulta em partituras muito ricas, como aconteceu com uma das descobertas dos Encontros de 1979: «Ouverture pour une fête étrange», de Michael Levinas, escrita para duas orquestras e banda magnética, esta também muito próxima do mundo instrumental.

palavras cruzadas



HORIZONTAIS:

1/17, O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrey Gromyko, e esta primeira-ministra indiana estudam medidas para aliviar a tensão na Ásia; 4, Veu com que as mulheres mouriscas cobrem a cabeça; 8, Prefixo de negação; 10, Classe de tropa; 12/23, Diz-se que este chefe do Governo espanhol «descobriu» ouro negro no Iraque, ao ser-lhe concedido um aumento de quarenta por cento dos fornecimentos

petrolíferos na sequência das suas conversações com o primeiro-ministro iraquiano, Saddam Hussein; 13, Esbelto; 16, Autorização para fazer despesas; 20, Guarneço de asas; 21, Esteiro; 28, Ilha do Pequeno Belt; 30/44, O «ayatollah» Khomeiny delegou poderes neste presidente e pediu-lhe que usasse a sua nova autoridade para reformar as Forças Armadas, em moldes islâmicos; 31, Chuva; 32, Maré forte (Naut. e ant.); 34, Pegadeiras; 36, Osso par da face, que forma o esqueleto das maçãs do rosto; 40, Habitei; 41, Perfumes; 43, Estavas; 48, Marisco de Cabo Verde e do Senegal; 49, Pessoas notáveis (fig.); 51, Calamidade; 52, Expulsar; 53/63, A Comissão Internacional de Inquérito aos crimes do regime deste soberano deposto anunciou em Teerão que dará conhecimento ao mundo das «inimagináveis» violações dos direitos humanos então registadas, isto, depois de, no Hotel Hilton, de Teerão Nasser Salami porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros ter mostrado à Comissão, inválidos com feridas já cicatrizadas, sem pernas nem braços e com os rostos mutilados pelas torturas da SAVAK; 54, Freguesia do concelho de Penafiel; 55, Duna na Suécia; 57-Quatrocentos em romano; 58, Cério (sq.); 59, Ilha do Pequeno Belt; 61, Raer; 73, Esbravejar; 74, Desejais; 75, Peça a que se prende a lança de uma viatura; 76, Escudeiro.

VERTICAIS:

1, Abreviatura de isto é; 2, Rádio (sq.); 3, Árvore medicinal do Alto Amazonas; 4, Espécie de doninha ou de esquilo; 5, Pistas; 6, Nome de homem; 7, O sono das crianças; 8, Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo; 9, Acre; 11, Dê mios; 14, Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia; 15, Delitoso; 16, Planalto; 18, Bolsa de caça, feita de fibras de caruá (Brs.); 19, Relatávamos; 22, Hectare (abrev.); 24, O mesmo que uma (ant. e pop.); 25, Cajado usado pelos pastores romanos; 26, Estréptito de desmoroamento; 27, Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal; 29, Um gosto no meio de muitos dissabores; 30, Molhasse com baba; 33, Governanta; 35, Senhora em inglês; 37, Sapó do Amazonas; 38, Malhado de preto e branco (cavalo); 39, Homem de novo; 42, Confusão (fig.); 45, Travaria luta com; 46, Antiga divindade dos bosques e das selvas; 47, Rates; 49, O mesmo que aromatizaras; 50, Samário; 52, Cálcio (s.q.); 54, Descré; 56, Nome de letra; 58, Filtrara; 60, Prasiódio (sq.); 62, Crença; 64, Tempo do verbo haver; 65, Cinquenta e um em romano; 66, Nome de mulher; 67, Tempo do verbo ir; 68, Enguia; 70, Antes do meio-dia; 71, Quinto filho de Jacob; 72, Quinhentos e um em romano.

VERTICAIS:

1, IB; 2, Ra; 3, Arari; 4, Harda; 5, Rados; 6, Adão; 7, Oá; 8, If; 9, Morlag; 11, Mle; 14, Ois; 15, Agradável; 16, Cui; 18, Aio; 19, Narrávamos; 22, Ha; 24, Ua; 25, Agolo; 26, Ru; 27, Ba; 29, Oslie; 30, Babar; 33, Ama; 35, Sir; 37, Am; 38, Amame; 39, Bapaz; 42, Salpda; 45, Atacaria; 46, Drida; 47, Rosar; 49, Aromine; 50, Sm; 52, Ca; 54, Kenegat; 56, Pê; 58, Coara; 60, P; 62, Fê; 64, Hlo; 65, Li; 66, Eva; 67, Vai; 68, Irô; 70, Am; 71, Dê; 72, Di.

HORIZONTAIS:

1/17, INDIRA GANDHI; 4, Herão; 8, Im; 10, Arma; 12/23, ADOLFO SUAREZ; 13, Airoa; 16, Crédito; 20, Aro; 21, Ria; 28, Aaro; 30/44, BANI SADR; 31, Agua; 32, Refa; 34, Aas; 36, Malar; 40, Vivi; 41, Aromas; 43, Eras; 48, Aps; 49, Astros; 51, Mai; 52, Córreiam; 53/63, REZA PAHLEVI; 54, Ras; 55, Aas; 57, CD; 58, Ce; 59, Agro; 61, Rer; 73, Rajvar; 74, Amais; 75, Armão; 76, Aio.

sete
PONTO
sete

Sete Ponto Sete, suplemento das sextas-feiras do «Diário de Lisboa».

Responsabilidade editorial: João Mendes. Colaboradores permanentes: Jorge Leitão Ramos, Carlos Porto, Mário Vieira de Carvalho, Ernesto Sampaio, Rogério Rodrigues, Manuel Anta. Colaboradores convidados: Duda Guenies, Carlos Pessoa, Manuel Cadafaz de Matos. O Sete Ponto Sete não se compromete a publicar colaboração não solicitada e os originais não publicados não serão devolvidos. Consideramos, porém, com o maior interesse, a correspondência que nos é enviada com pedido de publicação; deve ser dirigida a João Mendes, Redacção do «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa, com a menção «Suplemento Sete Ponto Sete».

"Barocco" de André Téchiné

FICHA:

Título português: Escândalo de primeira página
Título original: Barocco
Realização: André Téchiné (França-1976)
Argumento: A. Téchiné e Marilyn Goldin
Fotografia (scope/eastmancolor): Bruno Nuytten
Cenários: Nando Scarfiotti
Música: Philippe Sarde
Montagem: Claudine Merlin
Interpretação: Isabelle Adjani (Laure), Gérard Depardieu (Samson e o assassino), Marie-France Pisier (Nelly), Jean-Claude Brialy (Walt), Hélène Surgère (Antoinette), etc.
Distribuição em Portugal: Sonoro Filme.
Cinemas: Estúdio e Monte Carlo
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos.
Duração: 110 minutos

O cinema europeu cada vez conta menos histórias e cada vez trabalha mais nas suas margens. Fruto de uma desconstrução que começa em torno de 1968 e se espalha tanto quanto se desfaz ao longo dos anos 70, essa dissecação de ficção que, em termos psicanalíticos, tem muito a ver com o acto de matar o pai americano, deixou o cinema europeu (e o cinema francês em particular) num estado de

Jorge Leitão Ramos

profunda crise. De um lado os cineastas do comércio cuja intenção sempre foi a de mimar os seus colegas americanos e que mais não conseguem que uma grotesca imagem dessa enorme máquina de ficcionar que Hollywood volta agora a ser. Do outro lado um cinema a braços com os restos de um sistema fílmico, os quais já não é possível mutilar ou subverter pela simples razão de que deixaram de funcionar. A crise não é outra coisa senão essa rarefacção de ficções, esse imaginário bloqueado e, o que é pior, com frequência pedante e vazia. Não admira por isso que comecem agora a surgir filmes centrados no desejo da ficção, filmes cujo cerne já não é nem um acto «inocente» de contar histórias nem uma tarefa premeditada de as desmontar, antes um trabalho que, não esquecendo coisa nenhuma, se constrói através de sucessivos lampejos de fascínio, momentos de ficção que procuram atravessar o encapelado território de uma antiga culpa. De

algum modo, um cinema que se faz sob o signo de uma ausência, que fala da dor e do remorso dessa ausência e que, dessa forma, reinventa o «paraíso perdido» agora despoído de qualquer ingenuidade. Está neste campo um filme como **O amigo americano**; está neste campo o filme que hoje nos ocupa, **Barocco** de André Téchiné («traduzido» estupidamente para português com o título **Escândalo de primeira página**). Com efeito, se há um sentido a dar a este filme, ele não é outro senão o do desejo de ficção; desejo do melodrama, do «filme negro», do musical, desejo simultâneo à expressa identificação do **écran** como fonte de fascínio e portanto, desejo que ganha a maturidade de conhecer sem barreiras o corpo sobre que opera. Filme que trabalha sobre o duplo impossível e, no entanto, real, sobre a transformação da repulsa fascinada em amor convulsivo, filme que se mostra e se retrai sempre dois segundos antes do orgasmo (são disso prova as cenas abruptamente encerradas da prostituta quando inicia a sua exibição perante Depardieu ou a da canção em tom **retro** decadentista, do restaurante) **Barocco** é uma obra onde, por toda a parte, o **écran** se desdobra noutros **écrans**, descobrindo assim, dentro de si, outros efeitos

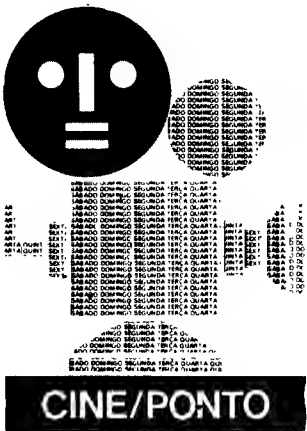


Isabelle Adjani e Jean-Claude Brialy em Barocco.

ficcionais, quer dizer, outras encenações: as janelas, montas, cartazes, **écrans** de televisão ou, ainda, os espaços organizados como palcos (a grande sala da piscina de sauna, o barco, o restaurante, o ring de boxe, a própria divisão interna da casa da prostituta com os bastidores e a zona de representação, etc.).

Mas onde esse efeito encontra melhor a sua motivação é na cena do filme-testamento do director do jornal: viciado o espaço (uma panorâmica circular reenquadra sucessivamente Brialy em sítios onde era suposto não estar) e o tempo (um testamento pressupõe a morte do real para poder encontrar a sua função),

esse pequeno filme no interior de **Barocco** como que nos envia para a própria matéria de que o cinema se faz: apagamento do real para deixar funcionar e fruir a ficção. Ao mesmo tempo que sabemos que esse outro real que, por instantes, nos preenche é já um texto parado, solitário, incapaz portando de vida, isto é, de mudança.



CINE/PONTO

O AMIGO AMERICANO

de Wim Wenders
(RFA - França - 1977)

Wim Wenders, um dos chefes de fila da renovação do cinema alemão operada durante os finais dos anos 60 e a década de 70 (movimento onde pontificam Herzog, Schlöndorff, Fassbinder, Syberberg, Schroeter, Kluge, tudo autores pouco conhecidos do público português), vê o seu primeiro filme estreado comercialmente entre nós arvorado a grande sucesso de crítica e público.

Cinema Quarteto - sala 3 (14, 16.30, 19, 21.30 e 24h)
(não acons. men. 18 anos)

MANHATTAN

de Woody Allen
(USA - 1979)

Allen, uma das mais fortes e singulares personalidades do actual cinema americano, parece, finalmente, reconhecido pelo público, curiosamente com um dos seus filmes mais secretos e cifrados. **Manhattan**, um momento de cinema lúcido como poucos, não é, apesar disso, o cume da carreira de Allen até ao momento, lugar que me parece solidamente ocupado por **Annie Hall**.

Cinema ABCine - sala B (15, 17,

19, 21.30 e 23.45 h.)
(não acons. men. 13 anos)

A ÁRVORE DOS TAMANCOS

de Ermanno Olmi
(Itália - 1978)

Este olhar sacralizado sobre a realidade camponesa não é uma forma de castrar a libertação através de uma pretensa glorificação de uma coerência de vida. Antes, **A Árvore dos Tamancos** constata o bloqueamento histórico de uma situação social, deixando-nos concluir que os caminhos da mudança não se decidem ali.

Cinema Nimas (14, 17.45 e 21.30 h.)
(para todos)

ADEUS MACHO

de Marco Ferreri
(Itália - França - 1978)

Os últimos mitos morrem, o homem encontra-se confrontado com a sua impotência de assumir a crise e mudar o futuro. Ferreri, à beira do

apocalipse, não se arvora, porém, em profeta de qualquer nova redenção.

Cinema Quarteto - sala 1 (14.15, 16.45, 19, 21.30 e 24 h.)
(não acons. men. 18 anos)

NORMA RAE

de Martin Ritt
(USA - 1979)

Usando e abusando dos cordéis um pouco gastos, mas ainda eficazes, da nossa adesão sentimental, **Norma Rae** é um filme académico mas contagiante, o que muito fica a dever a Sally Field.

Cinema Londres (14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h.)
(não acons. men. 13 anos)

NOITES DE SINGAPURA

de Peter Bogdanovich
(USA - 1979)

Bogdanovich regenera-se? É bem possível. No entanto seria bom saber qual a contribuição de Corman para este «série B» tocado por um certo exotismo revivalista e onde

Ben Gazzara convoca o fantasma Tutelar de Bogart.

Cinema Quarteto - sala 2 (14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.30 h.)
(não acons. men. 18 anos)

10 - UMA MULHER DE SONHO

de Blake Edwards
(USA - 1979)

Edwards, fazendo prova de insuspeitada argúcia, transforma um banal filme publicitário a Bo Derek numa reflexão sobre o que ela mesma representa. Não se dirá que é um volte-face plenamente conseguido mas pode afirmar-se que o seu carácter inesperado não deixa de ser bastante curioso.

Cinema Terminal (11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.)
(não acons. men. 18 anos)

O HOMEM QUE MATOU O

PASSADO
de Stuart Cooper
(G. B. - Canadá - 1977)

Um filme de «mistério» pintado com cores perfeccionistas; um

As estrelas

Amigo Americano ★★★★★
Manhattan ★★★★★
A Árvore dos Tamancos ★★★★★
Adeus Macho ★★★★★
Barocco ★★★★★
Norma Rae ★★★★★
Noites de Singapura ★★★★★
10 - Uma Mulher de Sonho ★★★★★
O Homem que Matou o Passado ★★★★★
Os Fugitivos de Alcatraz ★★★★★
O Humanóide ★★★★★

A «CHAVE»

★★★★ - Excepcional
 ★★★ - Bom
 ★★ - Interessante
 ★ - Desinteressante
 ● - A evitar

trabalho de fotografia para calendários de multinacionais com um argumento óbvio. O pouco interesse do filme baseia-se no trabalho dos actores, no entanto não mais que profissionalmente aceitável.

Cinemas Quarteto - sala 1 (15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.) e Roma (15.30, 18.30 e 21.30 h.)
(interdido a men. 13 anos)

JOGO BAIXO

de Celin Higgins
(USA - 1978)

Assinando escorretamente uma comédia policial de série, Higgins consegue fabricar dois ou três momentos de um saboroso humor hitchcockiano mas não é capaz de sair de uma certa vulgaridade industrial na generalidade do filme.

Cinema Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h.)
(não acons. men. 18 anos)

OS FUGITIVOS DO
ALCATRAZ

de Don Siegel
(USA - 1979)

Clint Eastwood é o «herói» de uma aventura de argumento inverosímil e nem sequer filmada com garra. Apenas vulgar.

Cinema Eden (14, 16.30, 19 e 21.30 h.)
(não acons. men. 13 anos)

O HUMANÓIDE

de George B. Lewis
(Itália - 1979)

Abrindo a via para a ficção «spaghetti», este filme é uma das coisas mais débeis que me foi dado ver nos últimos meses. A ficção científica prostituída pelas hienas seguidoras do leão americano.

Cinema Império (15.15, 18.30 e 21.30 h.)
(não acons. men. 13 anos)



«Adeus Macho» de Marco Ferreri

Acerca dos compromissos ou beber vinho e água por dois copos

Mi-en-leh ensinou acerca dos compromissos: frequentes vezes são necessários compromissos. Muitas pessoas acham, quando se fala disso, que se trata de misturar água com moinho. A explicação é que, sem água, o vinho faz mal à saúde. Ou que o vinho que há não chega para a sede. A minha opinião sobre os compromissos é outra. Nesse caso, bebo a água e o vinho por dois copos. Porque é extremamente difícil separar, depois, o vinho da água.

Acerca das modificações

Mi-en-leh ensinou o implantar da democracia pode levar à implantação da ditadura. O implantar da ditadura pode levar à democracia.

Os meios alternam

Me-ti contou: houve quem visse três homens de Su a lutar contra três homens de Ga. Depois de prolongado combate, dois homens de Su estavam mortos; dos homens de Ga, um estava gravemente ferido e um outro ligeiramente. Então, o único sobrevivente de Su pôs-se a fugir. A derrota de Su parecia total. Mas, de repente, viu-se que a fuga do homem de Su tinha alternado tudo. O seu inimigo de Ga perseguiu-o, sozinho porque os da terra dele estavam feridos. Sozinho, foi morto pelo homem de Su. E, sem demora, o homem de Su voltou para trás e matou facilmente os dois inimigos feridos. Tinha compreendido que a fuga não é apenas sinal de derrota, mas pode também ser meio para alcançar a vitória.

Me-ti acrescentou ainda: por isso devemos também chamar ao homem de Su um dialéctico porque reconheceu o inimigo, numa relação absolutamente definida, como inimigo desunido. Todos três podiam ainda combater, mas só um ainda podia caminhar. Talvez seja melhor dizer: o inimigo ainda podia combater como um todo, mas só podia movimentar-se na sua terça parte. O conhecimento disto possibilitou a separação.

O Grande Método

O grande método é um ensinamento pratico acerca das alianças e da dissolução das alianças, do aproveitamento das modificações e da dependência das modificações, da realização da mudança e da mudança dos que a realizam, da separação e do surgir de unidades, da não autonomia dos contrários separados uns dos outros, da compatibilidade dos contrários que se excluem entre si. **O grande método** permite reconhecer processos nas coisas e utilizá-los. Ensina a fazer perguntas que possibilitam a acção.

Viver e morrer

Ni-en disse: na vida, há sempre alguma coisa que está prestes a morrer. Mas, o que está para morrer não se resigna a morrer, antes luta pela existência, defende a sua causa anacrónica. Está sempre a nascer qualquer coisa nova, na vida. Mas, tudo que desperta para a vida, não vem facilmente ao mundo; fere e grita e afirma o seu direito à vida.

O O velho novo

Um discípulo disse a Me-ti: «o que tu ensinas não é novo. O mesmo ensinaram Ka-meh e Mi-en-leh e muitos outros além deles». Me-ti respondeu: «ensino-o porque é velho, quer dizer, porque podia ser esquecido e ser considerado válido só para tempos passados. Não há imensas pessoas para quem isto é inteiramente novo?»

Sobre o grande Método

O Mestre Hegel ensinou: tudo o que é, só é, precisamente porque também não é, quer dizer, pelo facto de vir a ser ou de passar. No vir a ser está contido o **Ser** e o **Não-Ser**, do mesmo modo que no passar, o **Vir a Ser** transforma-se num **Passar** e o **Passar** num **Vir a Ser**. Da coisa que passa surge uma outra coisa, na coisa que vem a ser morre outra. E assim não há descanso nas coisas, nem no que as contempla. Já ao falares modificações, falante, ao mesmo tempo que se modifica aquilo sobre que falas. E, quando, também, em cada coisa nova, algo de velho existe, pode muito bem falar-se de coisas novas e velhas. o modo de falar dos que empregam correctamente o **Grande Método** não se torna mais impreciso, mas sim mais preciso. O Mestre Hegel disse: as coisas são acontecimentos. Os estados são processos. Os actos são transições.

Sobre a Polícia

Disse Me-ti: o Estado não tem qualquer direito de fazer de um homem um polícia por toda a vida.

Desconfiança legítima

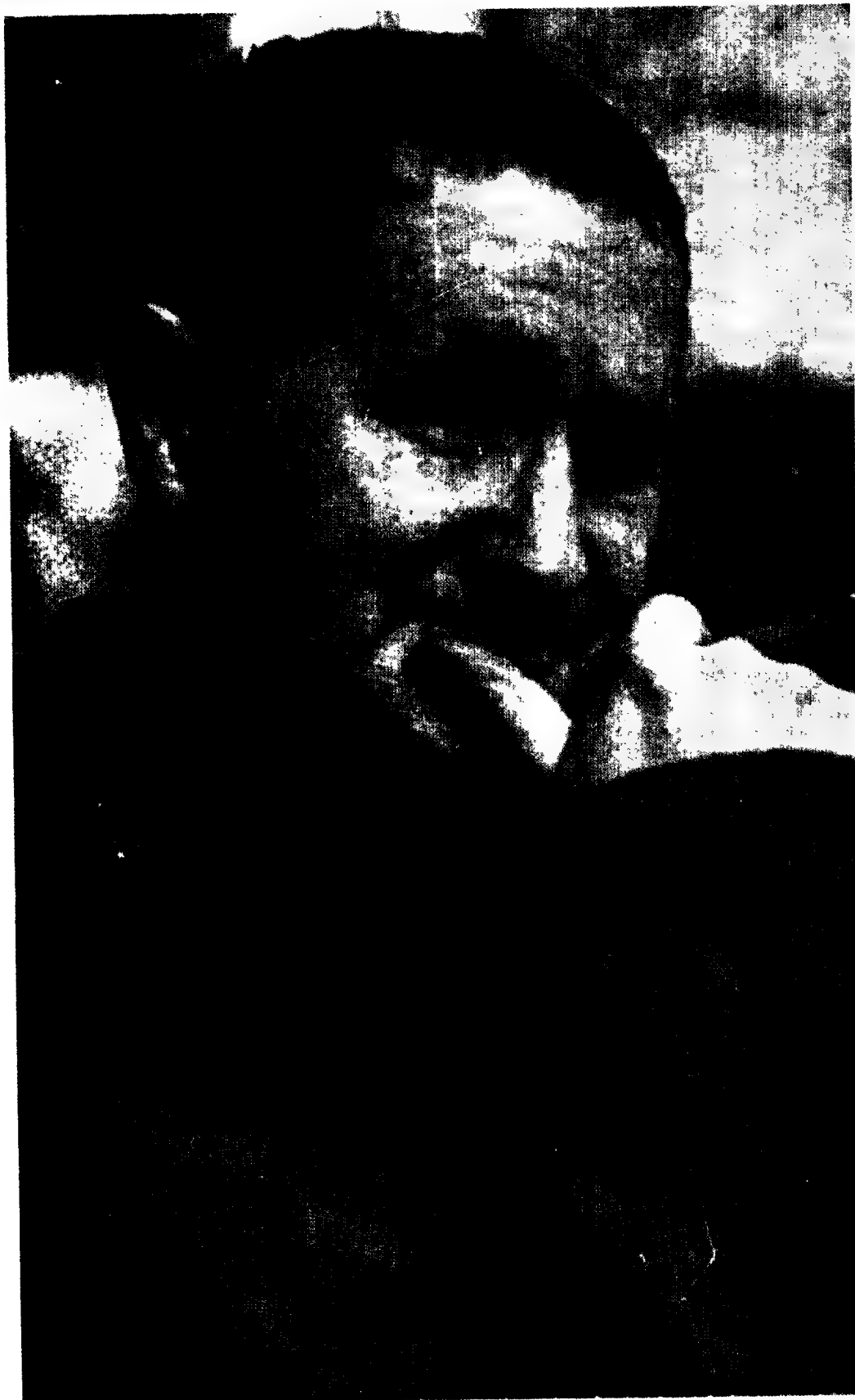
Quando uma mulher disse a Kin-jeh que não podia viver sem ele, de tanto que o amava, veio-lhe logo o receio de ela o enganar com qualquer um.

O desamparo dos velhos

O desamparo em que os velhos se encontram, que merece amparo, está no facto de já não poderem contar com o poder da persuasão; daí o terem de prevalecer-se da autoridade. As suas experiências acumuladas autorizam-nos a fazer mais propostas variadas, mas esquecerem, muitas vezes, as próprias experiências. Já não são suficientemente fortes para amar, por isso têm que contar com o amor antigo. Só podem falar em voz baixa, pelo que devemos calar-nos na sua presença. Falam muito, porque perdem o fio à meada. São tirânicos, porque já não são amados. São impacientes, porque morrerão em breve. São desconfiados, porque já não podem rever mais nada. Recordam as experiências que tiveram outrora, porque ninguém quer ter mais nenhuma com eles. A utilidade que possam ter é difícil de ganhar, o dano difícil de impedir. Devem ser tratados com especial amabilidade.

Praticar a injustiça e suportar a injustiça

Disse Me-ti: mais importante do que acentuar quanto é injusto praticar uma injustiça é acentuar quanto é injusto suportar uma injustiça. Só



Livro



Brecht e a sua mulher

poucos têm a ocasião de praticar uma injustiça; de a suportar, muitos. A compaixão pelos outros, que não é compaixão por suportar, muitos. A compaixão pelos outros, que não é compaixão por si próprio, deve considerar-se como menos de confiança do que a compaixão por si próprio, que, simultaneamente, é compaixão pelos outros.

Esconder os defeitos

Disse Me-ti: o pior não é ter defeitos, nem sequer não os combater é mau. O mau é escondê-los. Quando uma pessoa não parece o que é, é uma infelicidade para a própria pessoa; quando uma pessoa parece o que não é, a infelicidade é para os outros. Como é que alguém pode ir ao teu lado, na luta, se não lhe mostraste os teus defeitos? O esforço para pareceres o que não és, esgota já por si toda a tua força combativa. Receias, por exemplo, que o teu amigo te rejeite se souber que és covarde. Mas o que ele tem a temer são apenas as consequências da tua covardia. Ele pode-a evitar melhor do que tu — contanto que saiba da tua covardia. Mesmo quando alguém é mentiroso, deve reconhecer que o é, pelo menos junto dos melhores amigos; sobre isso não deve mentir.

A arte de deixar de ensinar

Disse Me-ti: todo o professor deve aprender a deixar de ensinar quando for altura. O que é uma arte difícil. Poucos são capazes, a determinada altura, de deixar o campo livre à realidade. Poucos sabem quando não têm mais nada a ensinar. É, sem dúvida, penoso constatar como o aluno, depois de se ter tentado que não cometa os mesmos erros que nós cometemos, cai precisamente nesses erros. E se é mau não receber conselhos, igualmente mau pode ser não os dever dar.

Comparações

O festejado escritor Lu disse: a minha pena é de ouro, as minhas ordens são executadas, a minha mulher é fiel, os meus amigos são génios, as obras de arte que tenho em casa são autênticas. Me-ti disse: a minha pena é de ferro, os meus pedidos mal são ouvidos, a minha mulher não é fiel, os meus alunos e amigos são tão-pouco infalíveis como eu, o único quadro que possuo é uma cópia barata de uma obra duvidosa. E esta?

A rotina

A rotina é perigosa. Por exemplo, deve-se ter cautela com a cautela, a cautela rotineira é perigosa. Uma pessoa que lava sempre as cerejas antes de as comer, pode muito bem, um certo dia, por engano beber a água em que as lavou e apanhar a cólera. Assim dizem.

Maus hábitos

Devemos perder o hábito de viajar para lugares que, por meio da viagem, não se podem alcançar. Devemos perder o hábito de discorrer sobre questões que, por meio do discorrer, não se podem decidir. Devemos perder o hábito de pensar sobre problemas que, por meio do pensar, não podem ter solução — disse Me-ti.

O Conselho de Me-ti

Mesmo quando um amigo se vai, deve fechar-se a porta, disse Me-ti, senão arrefece muito. «Não pode arrefecer mais», disse Kin-jeh.

Perdão, isso é que pode, disse Me-ti

Belo como a verdade

Kien-leh usava, de vez em quando, a imagem «belo como a verdade». Alguém lhe disse irritado: «Se se soubesse sempre a verdade, quantas coisas horríveis se saberiam». Kien-leh contrariou-o veementemente.

Insegurança

Uma onça de entendimento, disse Me-ti, e o homem torna-se inseguro como areia ao vento. Duas onças de entendimento e inspirará a mesma confiança que a firmeza de uma rocha.

Arte

Me-ti elogiava em Mi-en-leh o facto de ser capaz de atirar carvão para o fogo, com as mãos, sem se sujar.

Bertolt Brecht: Me-ti

o das Profundas Modificações

(Excertos)



Descrição de Cidades

Kien-jeh contava: na cidade de Ni Ji bebi. Na cidade de Ko falei. Na cidade de Bi-leh trabalhei. Na cidade de Len matei o tempo. Na cidade de Mo-su aprendi. E assim vos fiz a minha descrição destas cidades.

Ideal de um homem em tempos anteriores

Manter a cabeça fria quando todos a perdem; ter confiança em si próprio quando todos duvidam de nós; mas permitir-lhes que duvidem; saber esperar e não ficar cansado de esperar; ouvir mentiras, mas não colaborar nas mentiras; ou ser odiado e não dar motivos para isso e contudo não apresentar um aspecto demasiado bom e não falar de modo demasiado sábio; saber sonhar e não se deixar dominar pelos sonhos; saber pensar e não tornar as ideias no seu objectivo; encontrar a glória e

Uma vez que Brecht cifra normalmente os nomes mais importantes, necessário se torna conhecer a correspondência com o nome verdadeiro, para o leitor saber a quem é que o autor se refere. A chave dos nomes citados nos excertos traduzidos e que deve conferir-se com o texto, é a seguinte:

Mi-en-leh = Lenin
Su = União Soviética
Ga = Alemanha
Ni-en = Stalin
Ka-meh = Marx
Lu = Emil Ludwig
Kin-jeh = Brecht
Kien-leh = Brecht
Ken-jeh = Brecht
Lai-tu = Ruth Berlau (2)
Hi-jeh = Hitler
Hu-ih = Hitler

1 — Emil Ludwig (1881-1948), autor de biografias de personalidades históricas. Os seus livros estavam muito em voga nos anos 20 e 30. Brecht chama-lhe «historiador de salão».

2 — Ruth Berlau (1906-1974), actriz e encenadora do Teatro Real de Copenhague, onde Brecht a conheceu; acompanhou-o posteriormente no exílio e foi sua colaboradora.

como com as condições que os permitiram — do que pôr em acção vícios novos.

Condições que tornam necessárias virtudes especiais

Será lícito entrar-se em greve quando são exigidas virtudes especiais — perguntaram os discípulos a Me-ti, quando falava contra países que exigem virtudes especiais. O povo, respondeu ele sem demora, não se pode recusar a praticar virtudes especiais. Terá de as praticar enquanto os senhores do poder o tiverem na mão e terá de as praticar para derrubar os senhores do Poder. O amor da liberdade, o sentido da justiça, a valentia, a integridade, o sacrifício, a disciplina, tudo isso é necessário para transformar de tal modo o País que, para viver, já não sejam necessárias virtudes especiais. Pode dizer-se que são precisamente condições desgraçadas que tornam necessários tais esforços extremos.

O país que não tem necessidade de virtudes especiais

Num país no qual o povo é capaz de se administrar a si próprio, não há necessidade de uma chefia especialmente retumbante. Num país onde não pode haver opressão, não há necessidade de um amor particular à liberdade. Onde não se sente a injustiça, também não se desenvolverá um sentido particular da justiça. Se a guerra fora desnecessária, também a valentia é desnecessária. Sendo as instituições boas, as pessoas não necessitam de ser especialmente boas. Então é que lhes é dada, sem dúvida, a possibilidade de o poderem ser. Podem ser livres, justas e corajosas sem terem de sofrer, elas ou outras.

Sobre o terror

Disse Me-ti: o terror fortalece a cobardia e a coragem, duas qualidades que, para os ditadores, são muito perigosas.

O que decide

O aluno Rho disse: o facto de existirem pobres e ricos é uma injustiça. Me-ti acrescentou: dos ricos. O aluno Rho disse: o amor pela justiça é maior nos pobres. Me-ti disse: isso não sei. Mas os pobres não podem prescindir da justiça e os ricos não podem prescindir da injustiça — isso é que decide.

19Porque é que o regime não foi derrubado

O regime não foi derrubado porque ainda lhe parecia ter aberta uma saída que existia para regimes deste tipo, ou seja, a guerra de conquista. O regime ainda pôde forçar o povo a enveredar por esta saída.

Os ensinamentos do Hi-jeh e a juventude

A juventude está nas mãos do Hi-jeh; diz ele que a juventude é o futuro de um povo, que dentro de vinte ou trinta anos todo o povo terá assimilado os seus ensinamentos, contou a Me-ti um desesperado que vivia no exílio. Que ensinamentos? — perguntou Me-ti. Que não há classes e que a Ordem, tal como está, é justa, respondeu o desesperado. Me-ti disse: dentro de vinte ou trinta anos estes jovens hão-de aperceber-se, sem dúvida que há classes pois terão de fazer todos os sacrifícios de alguns poucos, o que acharão injusto. Quando a juventude

deixar de ser a juventude, o Hi-jeh deixará de a ter na mão.* A juventude representa o futuro de um povo, mas só depois de se tornar adulta.

O destino do homem

Disse Me-ti: o destino do homem é o homem.

Sobre a personalidade

Me-ti ensinou: não é verdade que os pobres se diferenciam menos uns dos outros do que os ricos. Os ricos diferenciam-se através de muitas características, os pobres através de poucas. Como será o futuro, quando já não houver ricos e pobres? Quando não houver ricos e pobres haverá naturalmente ainda diferenças entre os homens, mas serão outras. Tomemos para comparação, por exemplo, as árvores. As diferenças entre as árvores que crescem em lugares diversos, com luz de um só lado ou de mais lados, ou em solos diferentes, expostas ou não ao vento, são, à primeira vista, maiores do que as diferenças entre árvores crescidas em (lugares) semelhantes. Estas crescem desenvolvendo-se livremente. O que tem deformidades distingue-se mais à primeira vista do que o que é normal. Só mais uma achega: o progresso e o ir à frente não são a mesma coisa.

O preço do algodão

Disse Me-ti: há cem anos, uma libra de algodão custava o mesmo preço que custa hoje. Neste espaço de tempo, ocasiões houve em que custou quinze vezes mais e outras metade. Fizeram-se grandes inventos técnicos, construíram-se barragens gigantescas, fizeram-se guerras. Hoje colhe-se três mil vezes mais algodão do que há cem anos, e, contudo, o preço é o mesmo. Não são as mudanças bruscas do clima que tornam o algodão caro, mas sim os especuladores. Não serão os inventos técnicos que o tornarão mais barato, mas sim a profunda modificação.

São os artistas capazes de lutar?

Na época em que o Hi-jeh exercia a mais extrema repressão, um escultor perguntou a Me-ti que motivos poderia escolher para ser fiel à verdade e, apesar disso, não cair nas garras da polícia. Faz uma operária a gravar, deu-lhe Me-ti de conselho, a olhar o ventre com a aflicção nos olhos, e já disseste muito.

Do que Mi-en-leh necessitava

Mi-en-leh precisava apenas de um quarto pequeno, uma mesa, uma cadeira, uma bacia e uma tarimba. Comia batatas e bebia chá fraco. Mas precisava: de toda a comida do mundo para os trabalhadores, de todas as casas, de todo o poder e de todas as liberdades para os trabalhadores, portanto de uma transformação total do mundo.

Deveis construir a vossa vida

Não deveis apenas construir cidades, máquinas, pontes, semear trigo, deveis igualmente construir a vossa vida, disse Me-ti. As cidades formaram-se tumultuariamente, as casas juntaram-se umas às outras, as ruas sucederam-se umas às outras, mas logo apareceram construtores de cidades. É evidente que há cidades monstruosas construídas segundo planos que eram precisamente planos monstruosos. Quando há cidades que, construídas segundo planos, são monstruosas, não o são porque, são construídas segundo planos, mas sim porque os planos são monstruosos.

Me-ti e a mania da dúvida

Alguém censurou a Me-ti a desconfiança e a mania da dúvida. Justificou-se assim: apenas uma coisa me dá direito a dizer que sou, realmente, partidário da Grande Ordem — é que muitas vezes a pus em dúvida.

As experiências devem ser socializadas

Disse Me-ti: não se deve manter uma pessoa num posto público porque tem «experiência» precisamente nesse campo. Deve aprender a transmitir a sua experiência em vez de a valorizar como posse.

A cozinheira deve poder governar o Estado

Ao dizer que todas as cozinheiras deviam ser capazes de governar o Estado, Mi-em-leh tinha em vista simultaneamente uma modificação do Estado bem como das cozinheiras. Mas pode-se igualmente colher o ensinamento de que é vantajoso organizar o Estado como uma cozinha, bem como a cozinha como um Estado.



her Helen Weigel durante os ensaios de «Mãe Coragem»

a infelicidade e tratar estas duas enganadoras de maneira igual; ser capaz de suportar e ver a verdade que se disse deturpada por bandalhos que dela fazem uma ratoeira para os crédulos; ver destruídas as coisas às quais se deu a vida e curvar-se, tornar a juntá-las e reconstruí-las com ferramentas gastas; poder fazer um montículo de todos os ganhos e arriscá-los num só lance; e perder e começar outra vez do princípio e não dizer nunca uma única palavra sobre o que se perdeu: (Fragmento).

A serenidade e o amor

Ken-jeh procurava manter a serenidade; Lai-tu procurava fazer com que ele a perdesse. «A serenidade é compatível com o amor?» — perguntou Lai-tu. Ken-jeh respondeu: «É».

Sobre a arte de má qualidade

Kin-jeh disse: que sentido tem fazer uma campanha contra a arte de má qualidade e exigir outra melhor, ou dizer mal do gosto do povo? Em vez disso devia perguntar-se: porque é que o povo precisa de estepefacientes?

O camponês e os bois

O Hu-ih, disse Me-ti, exige que o povo seja heróico. Quanto mais fraco é o cérebro do camponês, tanto mais fortes devem ser os músculos dos seus bois.

Quando é que os vícios se tornam famosos?

Acontece que, num país, verdadeiros vícios tornam-se famosos. A brutalidade, o fanatismo, a impertinência, a exploração, o espírito guerreiro, o amor próprio nacional, a ausência de crítica etc., gozam de uma certa popularidade, mesmo entre o povo. As pessoas suspiram, mas reconhecem que estes vícios são necessários. Porém, ao perguntarmos «porquê necessários?», dizem-nos que tais e tais vícios estiveram demasiado tempo em vigor, por exemplo, a preguiça dos de cima, o egoísmo dos de cima, a estupidez dos de cima, etc. Sem dúvida que se trata de coisas bastante necessárias numa terra sobre que caiu a infelicidade. Mas, melhor seria acabar, com os vícios velhos — bem

José Saramago e o Alentejo

Um livro "levantado do chão"

«Levantado do chão», assim se chama o último livro de José Saramago, recentemente lançado pela Editorial Caminho. «Do chão pode levantar-se um livro, como uma espiga de trigo ou uma flor brava. Ou uma ave. Ou uma bandeira» — explica o autor, que também nos diz que «um escritor é um homem como os outros: sonha. E o meu sonho foi o de poder dizer deste livro, quando o terminasse: Isto é o Alentejo».

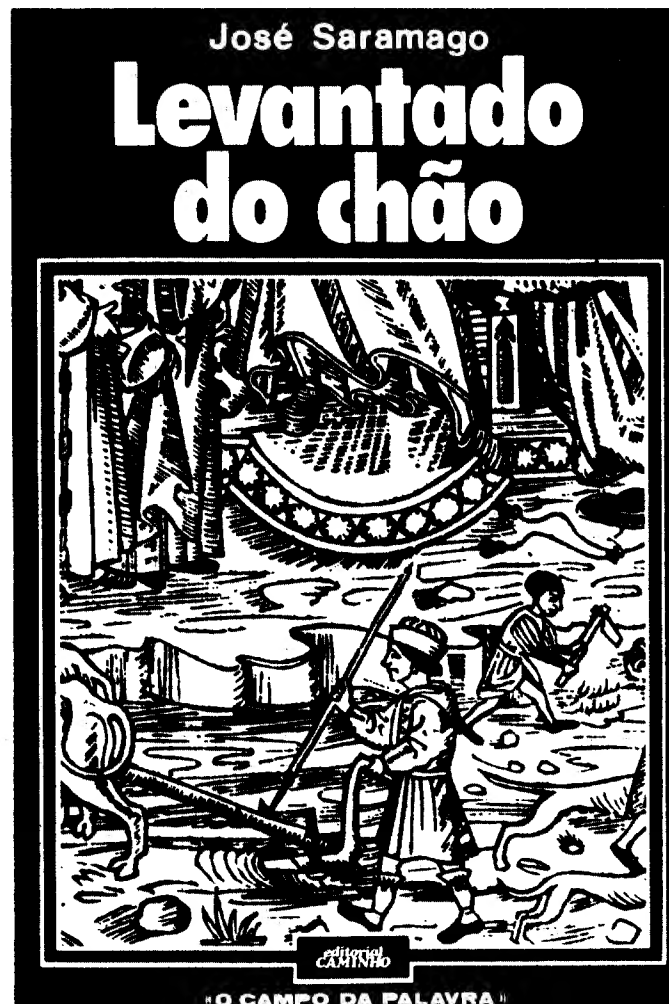
José Saramago, escritor, poeta, jornalista: aí o temos na nossa frente, simples, claro, frontal, para quem escrever é aproximar-se da vida, evocar-lhe as suas altas situações, e para quem a literatura é sempre conhecimento, transformação, libertação.

«DL» — O seu livro baseia-se na história da vida de três gerações de uma família de trabalhadores rurais do Alentejo. Como nasceu essa ideia?

«José Saramago» — Se o 25 de Novembro não fosse o padraço que é, eu diria que este livro tem no 25 de Novembro a sua paternidade. A situação em que então me achei, sem emprego nem esperança de o conseguir, pôs diante de mim a grande questão: que é que eu vou fazer? Claro que a exigência imediata era o estômago e a conservação do tecto. Deitei mão ao costumeiro recurso dos intelectuais desempregados: a tradução. Fiquei dito, de passagem, que até hoje já lá vão cerca de dez mil páginas traduzidas. Mas você falava do livro, perguntava como me veio a ideia... Se o pai é o 25 de Novembro, a mãe é o acaso. O meu primeiro movimento, isto no que toca a perspectivas de produção literária, tinha sido transportar-me para as terras ribatejanas onde nasci, levar a traduçãozinha em esteleiro (por sinal um volumoso tratado de psicologia), e tentar o livro campestre que eu andava a sentir necessidade de escrever. Motivos vários impediram a realização do projecto por aquelas bandas. Além disso, parecia-me errado ir cometer uma espécie de regresso ao ovo natal. Foi então que me ocorreu o contacto que estabelecera, em meados de 1975, com a UCP «Boa Esperança», de Lavre, por causa de uma entrega de livros para a biblioteca que eles andavam a organizar. Escrevi, perguntei se podia ir, como seria isso de comer e dormir, e se havia lugar onde trabalhar, um espaço para a máquina de escrever. Eles responderam: «Venha.» E eu fui. Estive em Lavre, da primeira vez, dois meses, depois, por intervalos, umas tantas semanas mais, e quando de lá voltei trazia cerca de duas centenas de páginas com notas, casos, histórias, também alguma história, imagens e imaginações, episódios trágicos e burlescos, ou apenas do quotidiano banal, acontecidos diversos, enfim, a safra que é sempre possível recolher quando nos pomos a perguntar e nos dispomos a ouvir, sobretudo se não há pressa. Andei por Lavre, Montemor-o-Novo, Escoural, por lugares de gente e descampados, passei dias inteiros ao ar livre, sozinho ou acompanhado de amigos, conversei com novos e velhos, sempre na mesma cisma: perguntar e ouvir.

ESTÃO AÍ MUITOS LIVROS POR ESCREVER

«JS» — Pelo menos uma certeza eu ganhei: a de que estão aí



QUANDO UM ALENTEJANO SE DECIDE A FALAR NINGUÉM O CALA

«JS» — Por fim, já nem fazia perguntas. Quando um alentejano se decide a falar, ninguém o cala. Além disso, também há alentejanos que escrevem. Não serão muitos? Eu tive a sorte de

encontrar um. Você pode imaginar o que é estar a conversar com um velho rural de 70 anos, digo eu, dizes tu, e de repente ele abre ali uma gaveta, tira uns poucos cadernos de papel almaço, escritos em letra garrafal e firme, creia que até os erros de ortografia eram firmes: «Está aqui a história da minha vida.» Foi isto que me aconteceu. Levei para o meu buraco a história de João Domingos Serra contada pelo próprio, li-a nessa mesma noite, a tremer de comoção e frio (era Março), e quando acabei tinha, finalmente, a trave mestra do que viria a ser o «Levantado do Chão». Aquela vida verdadeira era assim como uma fiada de pedras postas a atravessar a corrente torrencial de dados em que já me ia submergindo. Por cima de tal ponte podia agora circular à minha vontade. Mas a vida, se repararmos bem, só é o que vidas forem. A esta de João Serra juntaram-se outras, a do Machado, do Abelha, do Badalinho, do Catarro, do Cabecinha, da Mariana Amália, a de outro João, o João Basuga, meu amigo do coração, e tantos, tantos mais. Quem lhes quiser conhecer os nomes, falo dos que mais herto estiveram de mim, encontra-os na dedicatória do livro. Também lá estão os nomes de dois mortos. Não há inconveniente. Estes vivos e estes mortos fazem boa companhia uns aos outros. Enfim, se eu não tivesse, num dia daquele ardente Verão de 1975, levado livros a Lavre, não existiria este livro. Um espírito malicioso e facilmente hábil dirá que não há a certeza de se ter ganho alguma coisa com isso. Ouso crer que não se perdeu.



o fizeram antes de mim, nesse e outros lugares. Honra lhes seja. O meu recelo é que poucos estejam dispostos a fazê-lo agora, quando mais necessário é.

«DL» — «Levantado do chão» fala de gente real, utiliza testemunhos vivos, mas não é propriamente jornalismo. É literatura de elevada expressão poética. Fale-me dos problemas formais que teve de enfrentar para transformar a vida, que é o suporte da sua narrativa, no objecto estético em que o livro acaba por se transformar.

«JS» — Boa pergunta. Já lhe disse que quando regresssei de Lavre trazia comigo uma monta-

centar o comentário, aliterar onde fosse conveniente, afinar o tom. Porém, não foi assim. Quando decidi instalar-me em Lavre, não era essa a intenção que levava. O que eu queria era escrever um romance, não uma reportagem, por mais útil e exemplar que ela pudesse ser, como tantas que felizmente têm vindo a ser escritas, algumas delas excelentes material para futuras obras. Mas a decisão de escrever um romance também não era pacífica. Um romance, sim senhor, mas que romance? Modelos, se eu os quisesse tomar, não me faltavam, e ilustres. Muita gente escreveu sobre o Alentejo, alguns escreveram certo e bem. E ainda escrevem. Para mim, poderia ser fácil e fazer-me beneficiar de uma certa e bem humorada condescendência. Assentar os pés nas pegadas marcadas pelos colegas e já aprovadas pela crítica, seguir o itinerário, deixar-me ir. Ficava a história contada, o livro rematado, a obrigação cumprida sem excessivos riscos. Também isso não quis fazer. Mas, se sabia claramente o que não queria, tive de esperar que viesse a mim o que fosse meu. Estive em Lavre em 1976, o livro aparece em 1980, quatro anos depois. É certo que entretanto concluí outro romance, escrevi um livro de contos e uma peça de teatro, mas, essencialmente, o que eu estive foi à espera de que terminasse o trabalho de germinação que sabia estar a fazer-se. Posso garantir-lhe, com toda a simplicidade e sem disso me gabar, que não tive de resolver quaisquer problemas formais, no sentido que a palavra «resolver» continha de esforço, tentativa, rectificação, ajuste, pesquisa. Limitei-me a ter paciência, a não forçar o tempo. O livro foi escrito, por assim dizer, em dois períodos: o primeiro de dois dias, para as quatro páginas iniciais; o segundo de alguns meses, para o resto. Entre esses dois períodos tão desiguais, decorreu muito tempo.

«JS» — Boa pergunta. Já lhe disse que quando regresssei de Lavre trazia comigo uma monta-

narrador multiplicado, de fora de dentro, próximo e distanciado, grave e irónico, temo e brutal, ingénuo e experiente, um narrador que ao dizer a realidade, e para a dizer, fosse capaz de a inventar em cada momento. Percebi que isto só poderia ser feito se reconstituísse a oralidade na escrita, se fizesse da escrita discurso no sentido próprio; mas rejeitando sem piedade qualquer tentação de transcrição fonética, que é a pior das armadilhas. Sacrifiquei sem nenhum remorso o pitoresco, a cor local, o folclore. Com isto tudo, não tive de empurrar nenhuma porta, foi ela que se me abriu quando me aproximei pelo caminho certo. A partir daí foi fácil.

Daria que escrevi este livro com espírito liberto, com a espontaneidade do narrador que se abandona à imaginação e às arcas da memória para tornar diferentes as histórias que ouviu, por saber, ou ser sua pessoal convicção, que a diferença é justamente o melhor que a história contém, ou virá a conter, se alguma vez mais vier a ser contada, por mim, por você, pelo leitor. Quer saber como eu me imagino? Imagino-me a contar este «Levantado do Chão» a um grupo de pessoas, lá no Alentejo, ou aqui em Lisboa, ou em qualquer outro lugar, a contar em voz alta, voltando atrás quando me apetece, metendo pelo meio coisas da sabedoria popular, ditados, alusões directas ou indirectas a casos marginais, questões de famílias, boas ou más vizinhanças, e entre essas pessoas houver analfabetos, essa será a grande prova, é maior dever do narrador contar e bem claro. Amanhã, noutro lugar, contaria a mesma história, mas diferente, sempre diferente, outros ditos, outras voltas, outros caminhos. Haveria de ter sua graça experimental, mas, não podendo ser, aí fica o livro em sua forma de livro e aparente invariabilidade.

OBRA ABERTA

J.S. — Aqui há anos falou-se muito em obra aberta. Hoje vai-se dizendo o mesmo, mas com outro vocabulário. Ora, eu, que sou partidário da obra concluída, do sentido inteiro levado ao extremo (mas existirá tal obra?), descobri-me hoje a reivindicar para este «Levantado do

Chão» um estatuto de obra aberta. Aberta ao leitor e também constantemente aberta pelo leitor, solicitado pelo próprio discurso ou decurso do texto a introduzir nele a sua própria memória e a sua própria imaginação. Tanto mais que eu o preveni logo no princípio: «Mas tudo isto pode ser contado doutra maneira». Aqui tem o que o autor pensa, não de problemas formais que não teve, mas de questões formais que creio serem suscitadas por este livro. Fico curioso de saber o que pensa a crítica. E mais curioso ainda de saber o que pensam os leitores. Mas onde está a comunicação entre o escritor e o leitor?

DL — José Saramago: o que foi, é e será, para si, o Alentejo, o homem alentejano?

J.S. — Do que o Alentejo foi, creio que o meu livro dará uma ideia. Do que ele é, também este livro saberá dizer alguma coisa. Por exemplo, a repressão violenta, que em nada se distingue dos tempos do fascismo: exprime o mesmo ódio ao trabalhador agrícola. Quanto ao que o Alentejo será, não tenho dúvidas. Será uma terra de mulheres e de homens donos das suas vidas. Quando? Isso não sei dizer. Mas sei que gostaria de ainda poder ver no nosso País a fraternidade de trabalhadores que encontrei junto dos meus amigos do Alentejo. O que ali está em gestação é, em sentido literal, um homem português novo.

E a reacção sabe-o. Sabe e teme. Por isso é que são os insultos, os vexames, as agressões e as mortes. É o mundo velho a querer estrangular o mundo novo. No meio de tudo isto, que vem fazer o meu livro?

Hoje é um testemunho. Amanhã, faço votos por que seja um simples artefacto arqueológico, fora de uso, ou, quando muito, e não será pouco, um registo para a memória colectiva. Há-de ser possível dizer um dia: «Pensamos nós que a vida no Alentejo foi assim...» É claro que não posso deixar de exprimir um outro voto, mais egoísta: que mesmo nessa altura, graças a algum valor literário que hoje tenha e então conserve, ainda o «Levantado do Chão» seja lido.

Entrevista conduzida por Ernesto Sampaio

«SÓ PODERIA ESCREVER O LIVRO SE O CONTASSE»

J.S. — Até um dia compreendi (foi uma coisa súbita de que mal tenho memória), que só poderia escrever o livro se o contasse, isto é, transformando-me eu em

muitos livros por escrever, de Norte a Sul, à espera. Eu fui a Lavre, concelho de Montemor-o-Novo, e escrevi um. Não inventei nada, claro está, ao viajar até ao Alentejo. O que eu fiz, outros

nha de apontamentos, notas, registos vários, gravações, documentos. Não seria difícil fazer disso um livro. Bastaria arrumar um pouco, sistematizar um pouco, limpar o supérfluo, acres-

Dez anos de teatro

Elogio dos amadores

Se foi com o teatro universal (portanto feito por não profissionais), que o teatro português sofreu um impulso que enriqueceu e ampliou os seus sinais estéticos e radicalizou a sua mensagem ideológica, vimos já como o testemunho passou para o teatro independente e atingiu o teatro de revista. Veremos agora como o teatro feito por trabalhadores participou fortemente nesse movimento.

Como se sabe, é rica a história do nosso teatro amador, embora a certa altura a expressão se tenha desprestigiado.

Esqueceu-se a sua raiz etimológica e deram-se-lhe conotações pejorativas. Teatro amador passou a ser sinónimo de mau teatro, de coisa sem valor nem interesse. As circunstâncias em que o teatro viveu no Portugal fascista viriam a contribuir, no entanto, para que adquirisse uma grande projecção.

Podemos estabelecer duas grandes divisões, ou áreas, no teatro de amadores, pelo menos a partir dos anos 60: os grupos totalmente amadores cujos espectáculos feitos com meios muito escassos, sobre textos de autores igualmente amadores (há toda uma teoria de peças amadorísticas em que se especializou uma editoria lisboeta), interpretadas por actores sem preparação, continuadores dos famosos «furiosos dramáticos», embora sem a mesma espontaneidade. Normalmente, esses grupos faziam réclamas de caridade que não irradiavam para além do circuito de familiares, amigos e conhecidos. No entanto, nesta área era possível descobrir grupos, em especial nos grandes centros, que apesar de totalmente amadores criavam espectáculos que não tinham nada a ver com amadorismo, no sentido pejorativo do termo. A segunda divisão, ou área, das duas a que me referi, era preenchida pela actividade de grupos dirigidos por actores profissionais, por vezes com a sua intervenção. Estes espectáculos destinavam-se a percorrer outros circuitos, muitas vezes impulsionados por concursos como os do SNI (a viagem que o concurso implicava constituía desde logo um aliciente compreensível). Com todos os riscos que esta política teatral visivelmente implicava (e que nem todos acei-

tavam), o conjunto de espectáculos produzidos por grupos de amadores, em Lisboa, Porto e na província, constituiu uma prática teatral muito importante. Foi graças a essa prática, e só a ela, que milhares de pessoas tiveram acesso a um teatro com um mínimo de qualidade.

A actividade do teatro de amadores constituiu, sob o fascismo, uma forma de combate por um país livre (as excepções, se as houve, não foram suficientemente importantes para justificarem a sua chamada aqui). Forma de conhecimento, forma de convivência, forma de diálogo, forma de combate — o teatro de amadores foi, e continua a ser, uma presença activa e actuante. E atingiu níveis que em alguns casos superaram os do teatro profissional.

Neste balancear, muito sintético, do teatro de amadores, no início dos anos 70, não distinguirei os espectáculos dos grupos inteiramente amadores daqueles que tiveram a participação, como encenadores ou intérpretes, de elementos profissionais. Interessa-me sobretudo o aspecto colectivo revelado por esses espectáculos, sem esquecer, claro, que, por um lado, para a consecução desse objectivo, contribuiu o trabalho individual de artistas, amadores ou profissionais, que souberam imprimir aos grupos essa marca de equipa que em certos casos os distinguia. Verificaremos que alguns dos espectáculos mais importantes tiveram como elemento fundamental a existência e capacidade criativa de artistas — normalmente profissionais — cuja contribuição foi decisiva para o conseguimento desses espectáculos, o que aqui não posso nem quero escamotear. Esses artistas, por vezes isolados, contribuíram fortemente para o nível que em certas alturas atingiram o teatro de amadores em Portugal.

No entanto, devemos considerar que grupos houve que atingiram igual ou superior nível sem contarem para isso com o apoio de profissionais. O caso do Grupo de Teatro de Campolide, que tratarei a parte, é prova disso, mas não foi, infelizmente, um caso normal.

UM GRUPO DE S. JOÃO DA MADEIRA

Não seria possível referir aqui

todos os espectáculos importantes que vimos no teatro de amadores durante os anos 70. Serei obrigado a citar apenas alguns daqueles que me parecerem exemplares de uma prática teatral que marcou a década nesse campo.

Vejam os casos de um grupo situado numa zona industrializada, ele mesmo fazendo parte de uma grande unidade fabril. Refiro-me ao Grupo de Teatro do Centro de Cultura e Recreio Olívia, de S. João da Madeira, grupo de que não tenho notícias desde meados de 1973. O primeiro espectáculo que dele vi foi «Pateião» (1971), título dado pelo tradutor à «Farsa de Mestre Patheolin». A dirigir o espectáculo surgia o nome de Rui Lebre, um destes amadores que na província, mercê do estudo, do trabalho, do talento e do amor pelo teatro, conseguiram transmitir a consciencialização da problemática teatral a um vasto número de pessoas para quem o teatro era praticamente desconhecido. Rui Lebre, depois de ter trabalhado num grupo de Aveiro, o CETA, passou para o grupo da Olívia onde conseguiu interessar pelo teatro um grande número de trabalhadores. Tratava-se de um espectáculo com um forte poder de comunicação e com uma intencionalidade crítica evidente.

O grupo estreou, em 1972, um novo espectáculo que, como o anterior, pude ver no Teatro Luís Todi, de Setúbal, integrado no Concurso de Teatro Amador. Tratava-se de uma nova encenação de Rui Lebre que, como com «Pateião» conseguiu uma notável recriação de outro clássico, a peça de Gogol «Inspector-Geral» (neste espectáculo intitulada «Inspector-Inspecção»).

Sendo ao mesmo tempo teatro de participação (quando o público entrava na sala, os actores e o encenador estavam no palco ultimando os preparativos do espectáculo; no intervalo, os actores conviviam com o público); teatro de distância (havia um coro que repetia certas palavras e por vezes participava individual ou colectivamente como elemento contestatário); e teatro de metáfora (a acção decorria num circo; a apresentação era feita pelo Pa-

lhaço Pobre que era também o criado do falso Inspector que, por sua vez, representava o Palhaço Rico) — o espectáculo do grupo da Olívia era vítima desses excessos de linguagem que o debilitavam embora não deixasse de conter um grande poder de impacto, e não deixasse de revelar as capacidades criativas do encenador e de alguns dos actores (em especial Joaquim M. dos Santos e José Marques), embora o mais importante fosse a unidade do conjunto.

Em Maio de 1973, finalmente, o grupo apresentou no Teatro Imperador, do S. João da Madeira, o seu novo espectáculo, com a peça «Retábulo do Flautista», do dramaturgo catalão Jordi Teixidor. Rui Lebre traduziu-a e começou a trabalhar o texto que, por motivos profissionais, foi obrigado a abandonar; depois, Júlio Cardoso iniciou a encenação que, por razões de saúde, teve também de deixar; por fim, Artur Ramos foi convidado para dirigir o espectáculo, com a colaboração para o cenário de Mário Alberto.

Na peça de Teixidor, a figura de Hans, o flautista, é mero pretexto dinamizador da acção, mantendo-se marginal ao que na peça há de fundamental, a luta entre as várias facções em que se divide a comunidade atacada pelos ratos. Artur Ramos criou, com Mário Alberto, um dispositivo que traduzia cenicamente os pólos de tensão social em que se jogavam as situações da peça. Um praticável servia de pódio para as personagens de hierarquia mais elevada (autoridades e bugueses); à Esquerda, uma guarita servia de prisão para o flautista; à Direita, um pequeno estrado para os três músicos. No palco, deambulava o povo que reclamava justiça. Um rato gigantesco onde estavam incrustados planos simples de edificações representava ao mesmo tempo a cidade e a ameaça que sobre ela pairava.

Posso dizer, que, com todos os limites técnicos imagináveis, este espectáculo de amadores (os actores da Olívia eram operários, com uma única excepção) foi uma das coisas mais estimulantes que vi no teatro de amadores e poderá ter contribuído para uma maior consciencialização

do que deverá ser um teatro popular verdadeiramente eficaz.

Com este espectáculo, passou-se uma história sintomática da situação de dominado em que vivia o povo português. Escolhido por um júri nomeado pela Secretaria Nacional de Informação para participar no Concurso de Teatro Amador, «Retábulo do Flautista» conquistou o Primeiro Prémio do Concurso, por decisão, creio que unânime, de um outro júri, igualmente oficial. Pois, logo a seguir, o espectáculo foi proibido não podendo o grupo apresentá-lo em Lisboa, como seria normal naquele caso. Devo esclarecer que o espectáculo exprimia claras intenções críticas e de contestação do regime que, sobretudo no espectáculo feito em Setúbal, manifestou com uma coragem política, que a presença das autoridades valorizava, invulgar no nosso teatro (e que só agora posso sublinhar), uma mensagem anticolonialista de óbvia leitura, sobreentendida através das canções.

«A FORJA» DO BARREIRO

Nem sempre é fácil discernir num espectáculo teatral aquilo que é contribuição individual e contribuição colectiva. No que se refere ao teatro de amadores, essas dificuldades aumentam. Nem por isso deixa de ser possível, em certos casos, descobrir elementos que ajudaram a determinar esses valores. Existem encenadores amadores que põem uma marca pessoal nos trabalhos em que participam, casos de Graciano Simões e de Rogério de Carvalho.

Creio fundamental no trabalho do Clube 22 de Novembro, do Barreiro, a participação de Graciano Simões. Alguns reservas se poderão fazer aos seus trabalhos, porém, não se poderá deixar de reconhecer que ultrapassam o nível normal do nosso teatro de amadores. Essas reservas dizem respeito, sobretudo, ao seguinte: observar-se nas criações de Graciano Simões uma relevância dos aspectos formais em detrimento da leitura ideológica e crítica dos textos. Por isso, o melhor espectáculo que dele vi foi aquele em que à qualidade plástica do conjunto correspondia uma cuidada análise dramática do texto e

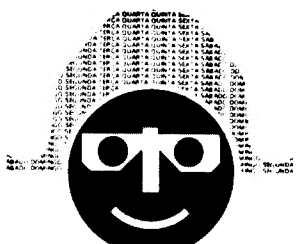
uma excepção de direcção de actores. Refiro-me à peça de Alves Redol, «A Forja».

O Clube 22 de Novembro apresentou em Julho de 1971 a peça de Redol, integrada no Concurso do SNI. Depois de quatro montagens que vira daquele texto (uma das quais profissional) encontrava finalmente um encenador que tinha tido a coragem de se aproximar do que de essencial existe na obra.

Vejam os pormenores do espectáculo característico do nível atingido por este trabalho: a encenação do coro. Este serve para o autor comentar a acção da peça e, ao mesmo tempo, criticar personagens e situações. Qualquer das soluções propostas pelos outros encenadores não tinha em conta a importância assumida pelo coro. Graciano, com cinco jovens, deu-lhe funções de intervenção, não só dramática como estética. O coro desdobrava o texto (pela repetição de certas palavras); interpretava-o mimicamente (um lavatório ou o bater do malho, por exemplo); fundia-se com ele (no final do 1.º acto, rodeava a Morte, numa cena plasticamente muito bela); cumpria o público na tragédia, dirigindo-se-lhe, envolvendo-o (no 2.º acto, o coro surgia colocado no 2.º balcão o que não deixava de ar ao espectáculo uma certa grandeza); participava na acção (cenos em que atacava o Pai ou escondia a morte deste). Bastaria, com efeito, a admirável encenação do coro da «Forja» para conferir a este trabalho um interesse invulgar e uma emoção inesquecível. O trabalho de G. Simões, porém, não se ficava por aqui. A sua encenação conseguia aquela globalidade que o verdadeiro espectáculo teatral implica.

Interessara ao encenador a valorização do texto como testemunho duma visão crítica do mundo que era a do autor. Para isso, sublinhou certas frases de maneira a atingirem directamente os espectadores e fez a marca tendo em conta as tensões sociais que o texto implicava deixando de sublinhar os seus aspectos trágicos (parece e sentir por vezes o sopro da tragédia, coisa indefinível só para quem no teatro não se habituou a estes extremos. O nosso teatro tinha o horror dos extremos).

Utilizando uma cortina lumi-



caixa do PONTO

A BARRACA
(R. Alexandre Herculano, 70
T. 68 63 00)
PRETO NO BRANCO
de Dário Fo
Quem pode «escapar» a um

espectáculo da Barraca? Ir e a correr.

COMUNA

(Pr. de Espanha
T. 76 26 24)
O DRAGÃO
de Eugeni Schwartz
Um belo espectáculo com a
marca de qualidade do grupo.
Indispensável.

ADOQUE

(Martim Moniz
T. 87 42 80)
QUERIAS MAS NÃO TE DOU
de Nicholson, G. Preto, M.
Alberto e H. Viana
Constantemente renovada,
tal como a revista do quotidiano,
este trabalho do Adoque
nem precisa de recomendação.

D. MARIA II

(Rossio
T. 32 22 10)
CARTAS PORTUGUESAS

por Graça Lobo
Aprecie o belo cenário de
Júlio Pomar e leia as cartas
no quente.

MARIA MATOS

(Av. Frei Miguel Contreiras
T. 89 70 17)
FILOMENA MARTURANO
de Eduardo de Filippo
Um belo trabalho de Mariana
Rey Monteiro.

TEATRO DO NOSSO TEMPO

(Pr. José Fontana, 12-B
T. 57 38 31)
O PRINCEPEZINHO
de Saint-Exupéry
Uma adaptação insuficiente
da história do avião que se
perdeu no deserto e encontrou
uma criança de outro
mundo. Valerá a pena? O leitor
julgará.

ALMADA ACADEMIA ALMADENSE

A ESCOVA DE DENTES
de Jorge Diaz
José Viana e Dora Leal em
Almada apresentando o seu
último espectáculo.

ÉVORA TEATRO GARCIA DE REZENDE

A BILHA QUEBRADA
de Kleist
pelo Centro Cultural de Évora
Um excelente trabalho que
daqui vivamente se recomenda.

PORTO TEATRO DE ANTÓNIO PEDRO

YERMA
de Lorca
pelo Teatro Experimental do
Porto
Uma leitura discutida da obra
de Lorca mas um espectáculo
indispensável.

PUB.



Câmara Municipal do Seixal

CONVITE À POPULAÇÃO

Convida-se a população a assistir aos espectáculos de teatro do grupo de teatro «ARTE VIVA», com a peça

«A Agonia do Defunto»

a realizar nas seguintes localidades:

- ARRENTELA — na Sociedade Filarmónica União Arrentense — Dia 8 de Março, às 21,30 horas;
- PAIO PIRES — na Sociedade Musical 5 de Outubro — Dia 9 de Março, às 16 horas;
- PAIVAS — no Centro Cultural e Desportivo das Paivas — Dia 9 de Março, às 21,30 horas.

ENTRADAS LIVRES

A CÂMARA MUNICIPAL

Dez anos de teatro

nada em que sombras mimavam a acção, processo que vinha de Meyerhold; usando por vezes a luz com muito acerto (quando o Pai atirava os livros para a forja havia um clarão: estávamos nos autos-de-fés nazis); empregando um comentário musical apropriado; não virando a cara às soluções mais audaciosas neste tipo de teatro e para este tipo de público (quando João se aproximava do Pai para ver se este estava morto, a personagem erguia a cabeça e mostrava o rosto coberto por uma máscara que colocara sem ninguém dar por isso); medindo o peso ideológico de um gesto ou de uma marcação (quando as personagens abandonavam a casa para fugir à tirania do Pai, faziam-no pela plateia: o homem não está só); usando a imaginação, construindo, enfim, um espectáculo que era uma criação pessoal embora fosse nitidamente um trabalho feito com espírito de equipa. Graciano fez aquilo que o teatro profissional não conseguia fazer: transformar a peça de Redol num admirável espectáculo de teatro.

As concepções do encenador teriam sido traídas se não con-

tasse com intérpretes que entendessem as suas intenções, e, sobretudo, que não fossem capazes de uma leitura do texto coerente com elas. Essa inteligência que todos os actores manifestaram não foi totalmente correspondida, como não podia ser em amadores, em aspectos de ordem técnica. No entanto, Elisabeth Silva (Mãe), com um perfil euniciiano, tinha um belo trabalho. E a presença de Manuel Costa (Pai) bastava para tornar o conflito quase palpável. Finalmente, Raquel Maria, com uma voz admirável, tinha na personagem da Morte um trabalho excepcional. Não foi, de facto, por acaso que Raquel Maria, integrada no Teatro da Comucópia, se tornou numa das maiores actrizes das novas gerações.

Direi que um espectáculo de teatro me interessa quando é capaz de alargar os horizontes da nossa imaginação, do nosso conhecimento do Mundo, da nossa maneira de estar e de o sentir; quando incomoda a nossa aceitação passiva e irreflexiva das coisas; quando afina a nossa capacidade de entender a beleza como parte integrante da vida. Este espectáculo

conseguiu-o. Constituiu para mim uma honra dar testemunho público disso, e agora, a nove

anos de distância, recordá-lo aqui.

UM SHAKESPEARE INESPERADO

Referi-me a espectáculos de S. João da Madeira, a um do Barreiro, como exemplos da qualidade atingida no início dos anos 70 pelo teatro de amadores. E não só de qualidade estética como de capacidade de intervenção crítica. Um deles tendo a dirigir-lo um artista do teatro profissional, o outro totalmente amador.

Lembrarei agora um espectáculo de um grupo de Lisboa, dirigido por um actor profissional que, ao contrário de Artur Ramos, se dedicou especialmente ao teatro de amadores. Refiro-me a Ruy de Matos, que trabalhava com Carlos Avilez no TEC, e dirigiu o grupo cénico da Plessey Automática Eléctrica Portuguesa numa adaptação da peça de Shakespeare «Amansar a Fera», na versão de Stau Monteiro.

O espectáculo apresentou-se em Maio de 1971 no Teatro Villaret, na presença dos administradores da empresa, e começou por ser um acto político muito sério. De facto, o discurso inicial feito por um jovem trabalhador foi um modelo do antidiscurso, contendo algumas tiradas cujo humor não escondia a certa pontaria das setas dirigidas à Censura, aos espectadores do teatro culinário, à forma como se estabeleciam as relações entre patrões e trabalhadores.

Primeira cena: os actores, em gestos ritmados pelas pancadas de um tambor, puxavam por ci-

garros que acendiam. Logo aparecia um leiteiro: E proibido fumar. Esta cena dava o tom do espectáculo que decorria como uma transgressão constante da normal prática teatral (e política).

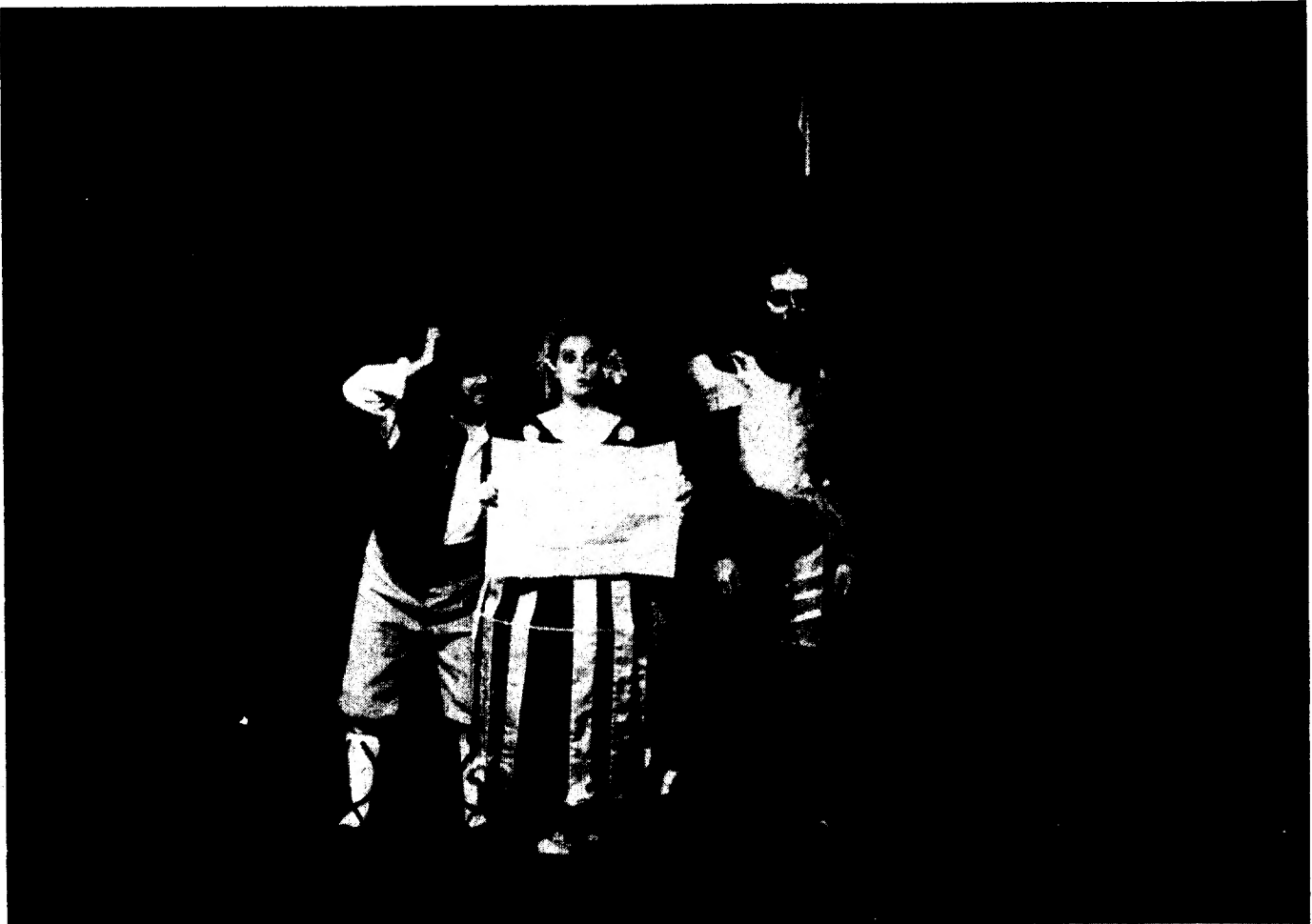
Uma análise do espectáculo não traduziria aquilo que nele havia de mais importante: o próprio movimento. Esse movimento e essa entrega de cada um de todos, ao mesmo tempo (o que era muito importante), a essa maravilhosa tarefa de representar ou seja de fazer do teatro o divertimento que Brecht exigia sem por isso alienar o espectador.

Poderia lembrar os achados (certamente nem todos originais) que ao longo do espectáculo lhe davam aquela medida de imaginação de que o nosso teatro tão carecido andava: por exemplo, o anúncio sussurrado de actos e cenas; a cena em que a espada de Petróquio arrancava o «coração de Grímios que este ia buscar ao chão e voltava a colocar no peito; o encontro de Petróquio e Catarina que decorria na jaula de um circo, com os actores rodeando a cena como espectadores ávidos de sangue; o «copo de água» que era mesmo um copo de água (gague de génio) com a conseqüente luta dos convidados esfomeados; a repetição de certas frases; a procura constante da luta corpo-a-corpo; o aparecimento de Petróquio num carro carregado por dois criados; o pó da mesa (ideia talvez recolhida do «Anfitrião»); os «cavalos» e o pormenor do criado montar apenas um «burro»; os figurinos e em especial o vestido de Catarina.

Na sua maioria, os actores não dispunham de capacidade

de expressão corporal que este tipo de teatro exige e em alguns casos as vozes eram más. Com isso tudo, não se pode negar o que neste espectáculo era insubstituível: o ritmo que todos souberam imprimir-lhe; o total, a genuína entrega dos actores às personagens sem, por isso, perderem o carácter que os distinguia de, como trabalhadores, pertencerem a uma determinada classe. Não quero deixar de citar dois ou três nomes: Celeste Amorim (afinadora de molas - PRD - Relés) que parecia que nunca fizera outra coisa na vida que não tivesse sido representar. Presença, voz colocada, andar, rosto de teatro, olhos de fogo, capacidade de gritar sem estragar a voz, modulações, expressão corporal. Uma senhora actriz que justificava o espectáculo. E o José Rafael (afinador), o pivot corpo elástico, mimo em potência. O João Ribeiro, a capacidade de dominar... e por aí fora. E, fundamental: a juventude, sinal maior do espectáculo.

Lembrei alguns espectáculos de amadores, apresentados no início dos anos 70. Apenas uma «amostra» da qualidade atingida nesse tempo pelos amadores. Se o teatro foi em Portugal, na abríssima liberdade a forma de expressão mais rica, mais comunicativa, mais revolucionária - teremos que ir buscar as raízes dessa realidade ao trabalho feito anteriormente pelos grupos independentes e pelos grupos de amadores, e também, como vimos, em algumas revistas. O teatro criara um espaço de afirmação e de criação. É essa a sua força.



«D. Quixote Libertado», pela secção de Amadores do Grupo de Campolide

19.ª SEMANA



um filme de WIM WENDERS

ACLAMADO COMO OBRA-PRIMA PELA CRÍTICA INTERNACIONAL

«Uma habilidade e uma força narrativa que recordam Fritz Lang»

(Cuadernos para el dialogo)



FILME
DE
QUALIDADE

contra a morte, a aventura

O AMIGO AMERICANO

baseado na novela «Ripley's Game» de PATRICIA HIGHSMITH

DENNIS HOPPER · BRUNO GANZ · LISA KREUZER · GERARD BLAIN
NICHOLAS RAY · SAMUEL FULLER · JEAN EUSTACHE · LOU CASTEL

EASTMANCOLOR

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

selecção **sacil**

ALEMÃO

Cursos intensivos
Professores de origem
Inscrições abertas
de Segunda a sexta-feira das 9 às 20.30



CENTRO DE ESTUDOS
TÉCNICO-INTERNACIONAIS
SCARL
Av Duque de Loulé 71 2 1000 Lisboa
Telefone 40 345



GRUPO DE TEATRO
APRESENTA P/TODOS

«Ó MÃE, DEIXA-ME
IR VER O AI AI

MINHA MACHADINHA»
- CRIAÇÃO COLECTIVA -
NA COMUNA

(à Praça de Espanha)

Telef. 76 26 24

SÁBADO - 15h30

DOMINGO - 15h30